

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

FERNANDA ALVARENGA REZENDE

**O PROCESSO VARIÁVEL DO ABAIXAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS
PRETÔNICAS NO MUNICÍPIO DE MONTE CARMELO-MG**

Uberlândia
2013

FERNANDA ALVARENGA REZENDE

**O PROCESSO VARIÁVEL DO ABAIXAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS
PRETÔNICAS NO MUNICÍPIO DE MONTE CARMELO-MG**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Linha de Pesquisa: (i) Teoria, descrição e análise linguística

Orientador: Prof. Dr. José Sueli de Magalhães

Uberlândia
2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

R467p Rezende, Fernanda Alvarenga, 1987-
2013 O processo variável do abaixamento das vogais médias pretônicas no
município de Monte Carmelo-MG / Fernanda Alvarenga Rezende. -- 2013.
128 p. : il.

Orientador: José Sueli de Magalhães.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos.

1. Linguística - Teses. 2. Fonética - Teses. 3. Língua portuguesa -
Fonética - Teses. I. Magalhães, José Sueli de. II. Universidade Federal de
Uberlândia. Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos. III.
Título.

CDU: 801

FERNANDA ALVARENGA REZENDE

**O PROCESSO VARIÁVEL DO ABAIXAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS
PRETÔNICAS NO MUNICÍPIO DE MONTE CARMELO-MG**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de
Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do
título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Estudos em Linguística e
Linguística Aplicada

Local e data da aprovação: Uberlândia, 28 de fevereiro de 2013.

Banca examinadora:

Prof. Dr. José Sueli de Magalhães (Orientador) – ILEEL/UFU

Prof^a. Dr^a. Marlúcia Maria Alves – UFU

Prof^a. Dr^a. Elisa Battisti – UFRGS

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter colocado pessoas tão maravilhosas no meu caminho e oportunidades tão valiosas em minhas mãos.

Aos meus pais, Marcus e Lindeia, por serem a base da minha vida, pela compreensão, pelo apoio e por terem me ensinado, desde criança, a importância da educação e que o conhecimento é o maior legado que alguém pode ter na vida.

Ao meu irmão, Júnior, pelo carinho, pela ajuda constante, por ser também um amigo e um exemplo na minha vida.

Ao Professor José Sueli de Magalhães, pela brilhante orientação feita sempre com muita dedicação e paciência desde a Iniciação Científica, por ser um exemplo de profissional e ser humano, pela confiança que depositou em mim desde a graduação.

Às professoras Dr^a. Maura Alves (UFU) e Dr^a. Talita Marine (UFU) pelas importantes contribuições feitas, quando da minha qualificação.

Às professoras Dr^a. Marlúcia Alves (UFU) e Dr^a. Elisa Battisti (UFRGS) por terem aceitado participar da banca de defesa e pelos comentários e sugestões pertinentes que fizeram.

Ao técnico-administrativo da UFU, José Benício, que colaborou imensamente na parte técnica das gravações, com sábios conselhos que serviram para melhorar a qualidade do áudio das entrevistas.

À Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, especialmente, às secretárias Tainah e Maria José, pelos atendimentos atenciosos e pela paciência que sempre tiveram conosco.

Aos professores do Curso de Mestrado em Estudos Linguísticos, pelos conhecimentos compartilhados e pelas aulas enriquecedoras.

Aos meus informantes, sem os quais esse estudo não seria possível, pela enorme colaboração, paciência e carinho com que me receberam.

À minha irmã de coração, Amanda Veras, por sua amizade desde a graduação e por estar sempre comigo nos momentos decisivos, incentivando-me.

À amiga Maria Amélia, pela companhia durante as viagens que fizemos a Monte Carmelo-MG, pelo carinho, pela atenção e, sobretudo, pela amizade.

À minha prima Camila, por acompanhar-me durante algumas viagens em busca de informantes.

À amiga Carolina Medeiros, pelo companheirismo e apoio, pela amizade e pelas ótimas parcerias que fizemos durante todo o Mestrado.

Às amigas Danielle Stephane e Nair Soares, pelo apoio, pela amizade e colaboração nos assuntos relacionados à vida acadêmica desde a graduação.

À Cíntia Aparecida, por ter compartilhado comigo seus conhecimentos sobre o *GoldVarb X*, quando precisei.

Aos colegas do Grupo de Estudos em Fonologia (GEFONO), especialmente, Allyne, Guilherme, Dayana, Giselly, Flávia, Ana Carolina, Leonardo e Sheyla, pelos conhecimentos compartilhados e pela oportunidade em aprender com cada um a cada novo encontro.

A CAPES, pelo apoio financeiro concedido a essa pesquisa.

E a todos que, direta ou indiretamente, colaboraram para a realização desse estudo.

“[...] quanto mais se conhece uma língua, mais se pode
descobrir sobre ela”.

Labov (2008, p. 236)

RESUMO

O principal objetivo deste estudo foi descrever e analisar o abaixamento das vogais médias /e/ e /o/ na posição pretônica no dialeto de Monte Carmelo-MG, em palavras como: n[ɛ]gócio para n/e/gócio e m[ɔ]rar para m/o/rar. Este trabalho foi norteado metodologicamente pelos preceitos da Teoria da Variação, proposta por Labov (1972). Como esse autor sugere as entrevistas gravadas como um bom meio para conseguir uma grande quantidade de dados confiáveis, entrevistamos 24 pessoas nascidas no município mineiro e que foram selecionadas estratificadamente, de acordo com as três variáveis extralinguísticas definidas para este estudo, a saber: sexo (masculino e feminino); faixa etária (entre 15 e 25 anos, entre 26 e 49 anos e acima de 49 anos de idade) e grau de escolaridade (entre 0 e 11 anos de estudo e com mais de 11 anos de estudo). As variáveis linguísticas consideradas na análise foram: modo de articulação do contexto precedente; ponto de articulação do contexto precedente; modo de articulação do contexto seguinte; ponto de articulação do contexto seguinte; altura da vogal da sílaba tônica; posição articulatória da vogal da sílaba tônica; qualidade da vogal da sílaba tônica; distância da vogal média pretônica com relação à sílaba tônica; distância da vogal média pretônica com relação ao início da palavra; tipo de sílaba da vogal pretônica e item lexical. Após a transcrição ortográfica de todas as entrevistas, selecionamos e codificamos todos os dados referentes à manutenção e ao abaixamento das vogais médias altas /e/ e /o/ na posição pretônica para, enfim, submetê-los ao pacote de programas *GoldVarb X*. As rodadas no programa estatístico resultaram em um total de 6.963 ocorrências de /e/ e de /o/ na sílaba pretônica, sendo 635 com a realização de [ɛ] e 402 com a realização de [ɔ] nessa posição de sílaba. Os resultados que obtivemos mostraram que, em Monte Carmelo-MG, o abaixamento das vogais /e/ e /o/, em posição pretônica, se dá pela regra de harmonia vocálica por meio da assimilação do traço [+ aberto 3]. Esse traço é engatilhado pela vogal média baixa /ɛ/ ou /ɔ/ da sílaba tônica. Com o objetivo de representar, a partir de um modelo teórico, a regra preponderante para a variação das vogais médias, nos baseamos na teoria fonológica da Geometria de Traços, proposta por Clements (1985, 1989, 1991), que nos permite visualizar o processo ocorrendo por meio do espriamento ou da assimilação de traços de um segmento por um segmento vizinho.

PALAVRAS-CHAVE: abaixamento; harmonia vocálica; vogais médias pretônicas; variação.

ABSTRACT

The main objective of this study was to describe and analyze the lowering of pre-stressed mid vowels /e/ and /o/ in the dialect of Monte Carmelo-MG, in words like: n[ɛ]gócio for n/e/gócio and m[ɔ]rar for m/o/rar. This research was methodologically guided by the precepts of Variation Theory, proposed by Labov (1972). As this author suggests the recorded interviews as a good way to get a large amount of reliable data, we interviewed 24 people born in Monte Carmelo-MG and they were randomly selected according to the three extra linguistic variables defined for this study: gender (male and female), age (between 15 and 25 years old, between 26 and 49 years old and above 49 years old) and educational level (between 0 and 11 years of study and over). The linguistic variables considered in the analysis were: mode of articulation of the preceding context; point of articulation of the preceding context; mode of articulation of the following context; point of articulation of the following context; vowel height of the stressed syllable; vowel articulatory position of the stressed syllable; vowel quality of the stressed syllable; distance of pre-stressed mid vowel from stressed syllable; distance of pre-stressed mid vowel from the beginning of the word; type of vowel of the pre-stressed syllable and lexical item. After the orthographic transcription of all interviews, we selected and encoded all data related to the maintenance and lowering of the mid-high vowels /e/ and /o/ in the pre-stressed position to finally submitting them to the package of programs *GoldVarb X*. The rounds in the statistical program resulted in a total of 6.963 productions of /e/ and /o/ in the pre-stressed syllable, with 635 being the realization of [ɛ] and 402 with the realization of [ɔ] in that syllable position. Our results showed that, in Monte Carmelo-MG, the lowering of vowels /e/ and /o/, in the pre-stressed position, occurs primarily due to a process of assimilation of feature, resulting in the vowel harmony by the feature [+ open 3]. This feature is triggered by mid-high vowel /ɛ/ and /ɔ/ of the stressed syllable. Aiming to represent from a theoretical model the prevalent rule for variation of mid vowels, we based on phonological theory of the Geometry of Features, proposed by Clements (1985, 1989, 1991), which allows us to visualize the process occurring through the spreading or assimilation of features of a segment by a next segment.

KEYWORDS: lowering; vowel harmony, pre-stressed mid vowels; variation.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - As vogais do Português Brasileiro	16
FIGURA 2 - As vogais do latim imperial	24
FIGURA 3 - As vogais tônicas do galego-português	25
FIGURA 4 - As vogais átonas finais do galego-português	25
FIGURA 5 - As vogais pretônicas do galego-português	27
FIGURA 6 - As vogais tônicas do português europeu	27
FIGURA 7 - As vogais pretônicas do português europeu	28
FIGURA 8 - As vogais tônicas, pretônicas e átonas finais do Português Brasileiro	30
FIGURA 9 - As vogais do PB na posição tônica	31
FIGURA 10 - As vogais do PB diante de consoante nasal	31
FIGURA 11 - As vogais do PB na posição pretônica	32
FIGURA 12 - As vogais do PB na posição de sílaba átona final	33
FIGURA 13 - Representação de dois segmentos e suas respectivas matrizes de traços	51
FIGURA 14 - Representação arbórea interna de um segmento	52
FIGURA 15 - Representação hierárquica de consoantes e vogais	54
FIGURA 16 - Representação hierárquica de uma consoante e de uma vogal	55
FIGURA 17 - Representação do sistema vocálicoônico do português	56
FIGURA 18 - Vista aérea da cidade de Monte Carmelo-MG	65
FIGURA 19 - Localização de Monte Carmelo em Minas Gerais	66
FIGURA 20 - Localização de Monte Carmelo em relação à capital de Minas Gerais	66

FIGURA 21 - Distribuição dos informantes de acordo com sexo, faixa etária e grau de escolaridade	68
FIGURA 22 - Representação hierárquica do processo de assimilação	105
FIGURA 23 - Representação hierárquica da harmonia vocálica	106
FIGURA 24 - Representação hierárquica da assimilação do traço de altura da vogal /ɔ/ tônica pela vogal /e/ pretônica	107
FIGURA 25 - Representação hierárquica da assimilação do traço de altura da vogal /ɛ/ tônica pela vogal /o/ pretônica.....	109
FIGURA 26 – Representação hierárquica da variação de /e/→[ɛ] na sílaba pretônica	110
FIGURA 27 – Representação hierárquica da variação de /o/→[ɔ] na sílaba pretônica	111

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Resumo das variáveis linguísticas e extralinguísticas analisadas para o abaixamento de /e/ e de /o/ em Monte Carmelo-MG e dos fatores que favorecem e desfavorecem a aplicação da regra	114
---	-----

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Evolução das vogais tônicas do latim clássico para o latim imperial	23
TABELA 2 - Evolução dos ditongos do latim clássico para o latim imperial	23
TABELA 3 - Amostra de dados de Monte Carmelo-MG para o abaixamento e para a manutenção das vogais médias pretônicas	82
Análise da vogal pretônica /e/	
TABELA 1 - Especificação do contexto precedente (modo)	84
TABELA 2 - Especificação do contexto seguinte (modo)	85
TABELA 3 - Altura da vogal da sílaba tônica	86
TABELA 4 - Qualidade da vogal da sílaba tônica	87
TABELA 5 - Distância da vogal média pretônica com relação à sílaba tônica	88
TABELA 6 - Tipo de sílaba pretônica	89
TABELA 7 - Item lexical	89
TABELA 8 - Sexo	90
TABELA 9 – Faixa etária	91
TABELA 10 - Escolaridade	92
Análise da vogal pretônica /o/	
TABELA 1 - Especificação do contexto precedente (modo)	95
TABELA 2 - Especificação do contexto precedente (ponto)	96
TABELA 3 - Especificação do contexto seguinte (modo)	97
TABELA 4 - Altura da vogal da sílaba tônica	98

TABELA 5 - Qualidade da vogal da sílaba tônica	99
TABELA 6 - Distância da vogal média pretônica com relação à sílaba tônica	100
TABELA 7 - Tipo de sílaba pretônica	100
TABELA 8 - Sexo	101
TABELA 9 – Faixa etária	102
TABELA 10 - Escolaridade	103

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	22
2.1 As Vogais do Português Brasileiro: um Breve Histórico do Latim ao Português do Brasil	22
2.2 O Sistema Vocálico Pretônico do Português Brasileiro	30
2.3 Alguns Estudos Variacionistas Sobre as Vogais Pretônicas do PB	34
2.3.1 Harmonização vocálica: uma regra variável	35
2.3.2 A harmonia vocálica em dialetos do sul do país: uma análise variacionista	37
2.3.3 A variação das vogais médias pretônicas no falar dos mineiros de Piranga e de Ouro Branco	40
2.3.4 As vogais médias pretônicas em Pará de Minas: um caso de variação linguística	42
2.3.5 As pretônicas no falar teresinense	45
2.3.6 A proposta de Lee e Oliveira	48
2.4 A Teoria Fonológica: o Modelo da Geometria de Traços	50
3 METODOLOGIA	58
3.1 A Sociolinguística Variacionista	58
3.2 A Cidade de Monte Carmelo-MG	64
3.3 A Constituição da Amostra	67
3.3.1 A coleta e a seleção dos dados	68
3.4 O Programa Estatístico	72
3.5 Definições das Variáveis	74
3.5.1 Variável dependente	74
3.5.2 Variáveis independentes	75
3.5.2.1 Variáveis independentes linguísticas	75
3.5.2.1.1 Contexto precedente	75
3.5.2.1.2 Modo de articulação do contexto precedente	75
3.5.2.1.3 Ponto de articulação do contexto precedente	76
3.5.2.1.4 Contexto seguinte	77

3.5.2.1.5 Modo de articulação do contexto seguinte	77
3.5.2.1.6 Ponto de articulação do contexto seguinte	77
3.5.2.1.7 Altura da vogal da sílaba tônica	78
3.5.2.1.8 Posição articulatória da vogal da sílaba tônica	78
3.5.2.1.9 Qualidade da vogal da sílaba tônica	79
3.5.2.1.10 Distância da vogal média pretônica com relação à sílaba tônica	79
3.5.2.1.11 Distância da vogal média pretônica com relação ao início da palavra	79
3.5.2.1.12 Tipo de sílaba pretônica	80
3.5.2.1.13 Item lexical	80
3.5.2.2 Variáveis independentes extralinguísticas	81
4 ANÁLISE DOS DADOS	82
4.1 Análise da Vogal Pretônica /e/	83
4.2 Análise da Vogal Pretônica /o/	94
5 ANÁLISE FONOLÓGICA: REPRESENTAÇÃO PELA GEOMETRIA DE TRAÇOS	105
6 CONCLUSÃO	112
7 REFERÊNCIAS	117
ANEXOS	120
ANEXO 1 - ROTEIRO DE PERGUNTAS	121
ANEXO 2 - CÓDIGO PARA A CODIFICAÇÃO DOS DADOS	125

1 INTRODUÇÃO

O foco de estudo desta pesquisa, intitulada “O processo variável do abaixamento das vogais médias pretônicas no município de Monte Carmelo-MG”, é o abaixamento variável das vogais médias /e/ e /o/ na posição pretônica na fala dos moradores carmelitanos. Esse processo fonológico caracteriza-se pela mudança da altura das vogais médias, que passam de [- baixo] para [+ baixo] na sílaba pretônica, como podemos ver no triângulo abaixo que representa as vogais do Português Brasileiro.

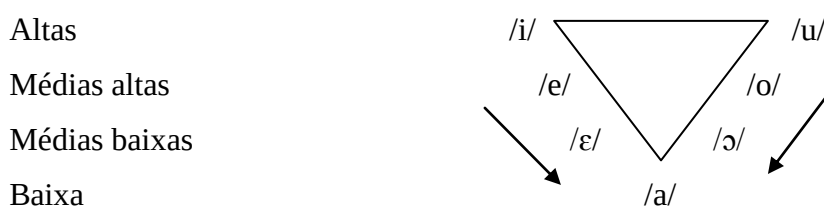


Figura 1 - As vogais do Português Brasileiro

Fonte: Adaptado de CÂMARA JR. (2006, p. 41)

Assim, por meio desse processo, palavras como: n/e/gócio¹ e b/o/lada, por exemplo, podem ser realizadas com as vogais pretônicas abertas, resultando em: n[ɛ]gócio² e b[ɔ]lada, respectivamente. Durante a pesquisa de Iniciação Científica, ainda na graduação³, estudamos o alçamento das vogais médias nos municípios de Coromandel-MG e Monte Carmelo-MG e, de acordo com os resultados que obtivemos, percebemos que, apesar de a elevação⁴ de /e/ e de /o/ ter sido realizada com frequência nessas localidades, o abaixamento também ocorria na fala dos habitantes coromandelenses e carmelitanos.

No entanto, neste trabalho de pós-graduação *stricto sensu*⁵, limitamos a pesquisa ao município de Monte Carmelo-MG, na intenção de se fazer um estudo mais aprofundado, com

¹ A representação entre barras indica que se trata de um fonema, ou seja, não é o que falamos, é o que está internalizado, é um constructo mental que está relacionado com a língua. Portanto, as barras referem-se à transcrição fonológica.

² A representação entre colchetes indica que se trata de um fone, ou seja, é o som que produzimos e, por isso, está relacionada à fala. Portanto, os colchetes referem-se à transcrição fonética.

³ Para mais informações, ler Rezende e Magalhães (2011). Esse estudo foi realizado pela pesquisadora e pelo Prof. Dr. José Sueli de Magalhães, durante a graduação, de 2008 a 2010, para projeto de Iniciação Científica, sob financiamento da UFU e da FAPEMIG. Este trabalho foi o vencedor do Prêmio Destaque de Iniciação Científica PIBIC-UFU 2010, na área de Letras, Linguística e Artes.

⁴ Elevação e alçamento são termos sinônimos usados para se referir ao mesmo processo, em que o traço de altura de uma vogal muda de [- alto] para [+ alto]. Ainda é possível encontrar o termo alteamento para se referir ao alçamento.

⁵ Termos específicos, alguns exemplos e estrangeirismos foram destacados em *itálico* e **negrito**.

mais informantes e, assim, com uma maior quantidade de dados e análises referentes às vogais médias pretônicas.

A escolha por esse município deve-se também pelo fato de não haver nenhuma pesquisa feita sobre o abaixamento das vogais médias na posição pretônica no dialeto carmelitano e por Monte Carmelo-MG pertencer à região do Triângulo Mineiro, onde pretendemos construir o banco de dados de fala dessa parte importante do estado de Minas Gerais. Conhecida como a “capital da telha”, esta cidade mineira é um dos destaques na economia estadual e nacional por suas indústrias de cerâmica. Além disso, sua localização “estratégica”, na divisa entre o Triângulo Mineiro e o Alto Paranaíba, torna o município ainda mais importante para estudos como o que desenvolvemos, considerando que esta pesquisa nos trouxe a oportunidade de conhecer e participar da história de Monte Carmelo-MG.

Contudo, antes de realizar essa pesquisa, com a intenção de se atestar a relevância de se estudar o processo do abaixamento das vogais médias pretônicas, neste município mineiro, decidimos fazer um estudo-piloto, pois as nossas impressões, até então, sobre este fenômeno entre os falantes dessa comunidade, eram apenas intuitivas.

O estudo-piloto foi realizado, no ano de 2011, com os dados de duas entrevistas feitas com dois moradores de Monte Carmelo-MG. Esses dois informantes foram: um homem com 25 anos de idade e com grau de escolaridade entre 0 e 11 anos de estudo e uma mulher com 26 anos de idade, também com grau de escolaridade entre 0 e 11 anos de estudo. Na pesquisa que fizemos sobre o alçamento, na graduação, as variáveis extralinguísticas (sexo, faixa etária e grau de escolaridade) não foram relevantes para a aplicação da regra para as vogais médias e, por esse motivo, não nos preocupamos em selecionar informantes de idades e escolaridades diferentes. Os informantes foram diferenciados apenas pela variável extralinguística sexo, sendo, pois, escolhido um do sexo masculino e outro do sexo feminino.

As variáveis dependentes do estudo-piloto foram as vogais médias /e/ e /o/ na posição pretônica. As variantes dessas vogais foram representadas pela conservação [e, o], pelo abaixamento [ɛ, ɔ] e pelo alçamento [i, u]. Quanto às variáveis independentes, consideramos catorze⁶ linguísticas, a saber: contexto precedente; modo do contexto precedente; ponto do contexto precedente; contexto seguinte; modo do contexto seguinte; ponto do contexto precedente; altura da vogal tônica; posição da vogal tônica; qualidade da vogal tônica;

⁶ Como se tratava de um estudo-piloto e pela quantidade de dados encontrados ter sido pequena, procuramos englobar um número máximo de variáveis linguísticas para evitar que nenhuma fosse selecionada pelo programa estatístico para o processo de abaixamento das vogais médias pretônicas.

distância da sílaba tônica; distância do início da palavra; tipo de sílaba pretônica; quantidade de sílabas da palavra e classe da palavra.

Para a vogal /e/, em nossa análise, foram encontradas 109 ocorrências na posição pretônica. Desse total, 21 foram realizadas com a vogal [ɛ] nessa posição. Assim, após rodarmos as ocorrências de /e/ no *GoldVarb X*, o programa selecionou três variáveis significativas, sendo duas variáveis linguísticas e uma extralinguística. De acordo com o programa, as variáveis foram selecionadas na seguinte ordem: **modo de articulação do contexto seguinte** (as consoantes fricativas seguintes favoreceram o abaixamento de /e/ na sílaba pretônica e as oclusivas seguintes inibiram o processo); **nasalidade da vogal tônica** (as vogais nasais tônicas favoreceram, enquanto as vogais orais tônicas desfavoreceram o abaixamento) e a variável extralinguística **sexo** (o homem registrou mais ocorrências de [ɛ] na sílaba pretônica do que a mulher).

Para a vogal /o/, obtivemos 92 ocorrências na posição pretônica. Desse total, treze foram realizadas com a vogal [ɔ] nessa posição. Após rodarmos as ocorrências de /o/ no *GoldVarb X*, assim como ocorreu para a vogal /e/, o programa selecionou apenas três variáveis significativas para /o/, sendo duas variáveis linguísticas e uma extralinguística. De acordo com o programa, as variáveis foram selecionadas na seguinte ordem: **modo de articulação do contexto precedente** (a pausa⁷ e as consoantes fricativas precedentes favoreceram a realização de [ɔ] na sílaba pretônica; as oclusivas precedentes desfavoreceram o processo); **altura da vogal tônica** (a vogal baixa tônica favoreceu a realização de [ɔ], enquanto as vogais médias altas na posição tônica inibiram o abaixamento) e a variável extralinguística **sexo** (o homem realizou o abaixamento de /o/ na posição pretônica com mais frequência do que a mulher).

Assim, com base nesses resultados, embora com poucos dados, vimos que o abaixamento das vogais médias pretônicas é um processo que existe na fala dos habitantes carmelitanos e, por isso, esse estudo-piloto foi o ponto de partida para um estudo mais amplo sobre esse processo no dialeto do município mineiro.

Este trabalho está vinculado ao projeto: “Fenômenos vocálicos no Português Brasileiro – as pretônicas no dialeto do Triângulo Mineiro: descrição e análise via restrições”, uma pesquisa de maior extensão que o Prof. Dr. José Sueli de Magalhães vem desenvolvendo, com o objetivo de descrever e analisar o sistema vocálico do dialeto do Triângulo Mineiro. O

⁷ Quando não há nenhum segmento antes da vogal pretônica analisada. Ex.: [o]rar.

projeto deste pesquisador também está inserido em outro ainda maior: ao PROBRAVO⁸, um projeto sobre a descrição sócio-histórica das vogais do Português Brasileiro, o qual envolve pesquisadores de várias universidades, em todo o território nacional.

O principal objetivo deste estudo é descrever e analisar a variação das vogais médias /e/ e /o/ pretônicas no dialeto de Monte Carmelo-MG, além dos seguintes objetivos específicos:

- Verificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam o abaixamento e a manutenção das vogais /e/ e /o/;
- Verificar ainda se, além do abaixamento, a harmonia vocálica também atua na variação das vogais médias pretônicas;
- Definir, com relação às vogais médias, o sistema vocálico pretônico que prevalece em Monte Carmelo-MG.

Portanto, essa pesquisa se justifica por:

- Contribuir para a composição do banco de dados do Triângulo Mineiro, que está sendo construído a partir de estudos como o nosso e de outros já realizados na região;
- Colaborar com os estudos fonético-fonológicos do Português Brasileiro;
- Definir como se dá o processo do abaixamento das vogais médias pretônicas na fala dos habitantes carmelitanos e, assim, contribuir para a própria história do município, que não possui nenhum estudo sobre esse fenômeno linguístico;
- Estimular novas pesquisas a serem realizadas sobre esse processo nessa região.

Desse modo, em consonância com os objetivos que traçamos, com base nas leituras que fizemos e nos resultados alcançados no estudo-piloto, formulamos algumas hipóteses que buscamos confirmar ou refutar por meio dos resultados obtidos no término dessa pesquisa:

- Há mais ocorrências de abaixamento da vogal /e/ do que da vogal /o/ na posição pretônica, conforme ocorreu com o estudo-piloto que realizamos;
- O processo da harmonia vocálica aplica-se para o abaixamento tanto de /e/ quanto de /o/ na posição pretônica, por acreditarmos que a presença de uma vogal média baixa ([ɛ, ɔ]) na sílaba tônica favorece a variação de /e/→[ɛ] e de /o/→[ɔ];

⁸ Grupo de Pesquisa sobre a Descrição Sócio-Histórica das Vogais do Português (do Brasil) – PROBRAVO. Este Grupo está localizado no Brasil e é coordenado pelo Prof. Dr. Seung Hwa Lee, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

- Os contextos que favorecem e que desfavorecem o abaixamento de /e/ e de /o/ são diferentes, posto que, como percebemos nas leituras e nos resultados do estudo-piloto que fizemos, cada vogal sofre o processo em ambientes distintos;
- O segmento precedente e o segmento seguinte à vogal média (/e/ ou /o/) pretônica analisada são relevantes para que o processo de abaixamento seja realizado para ambas as vogais;
- Quanto mais próxima da sílaba tônica e do início da palavra a vogal média pretônica estiver, maior será a probabilidade da variação de /e/→[ɛ] e de /o/→[ɔ] ocorrer;
- A variável extralinguística sexo é relevante para o estudo do abaixamento das vogais médias, pois, como revelaram os resultados do estudo-piloto, o homem teve mais realizações de [ɛ] e de [ɔ] na posição pretônica do que a mulher;
- Os falantes da faixa etária mais elevada (acima de 49 anos de idade) realizam mais abaixamentos de /e/ e de /o/ do que a faixa etária mais jovem (entre 15 e 25 anos de idade);
- O grau de escolaridade tem um papel significativo no processo de abaixamento.

Como essa pesquisa se propõe a estudar o comportamento variável das vogais médias na posição pretônica, é importante ressaltarmos algumas delimitações da área em estudo. Assim, não analisaremos os seguintes contextos:

- palavras iniciadas pela vogal /e/ seguida das consoantes /N/ ou /S/, como em: *escola* e *ensino*, devido ao fato de o alçamento ser quase categórico nesses contextos, conforme já comprovado pela literatura (BISOL, 1981; VIEGAS, 1987; CALLOU; LEITE; MORAES, 2002);
- palavras que contenham vogais constitutivas de ditongo, como em *coisinha* e *leucemia*, pois, de acordo com os nossos dados e com o estudo de Schwindt (1995, p. 5): “Palavras desse tipo [...] justificam-se por terem suas vogais pronunciadas, caracterizando hiato”;
- palavras cuja vogal da sílaba pretônica seja nasal, como em: *tentativa* e *conversa*, pelo fato de que, no Português Brasileiro, não há vogais nasais abertas (VIANA, 2008, p. 65);
- palavras derivadas. Neste caso, nossos dados e os estudos feitos por Bisol (1981) mostraram que essas palavras preservam o acento da palavra primitiva, enquanto os sufixos são considerados inibidores para o processo de variação das vogais pretônicas,

por exemplo: sinc[ɛ]ro → sinc[ɛ]ramente; t[o]tal → t[o]talmente; p[ɔ]te → p[ɔ]tinho; v[e]rde → v[e]rdinho.

Quando a palavra possuir mais de uma vogal pretônica (ex.: televisão; oportunidade), esta será “[...] submetida a análises individuais para cada pretônica existente” (Schwindt, 1995, p. 5).

Este trabalho foi dividido em seis capítulos, que são descritos a seguir.

No Capítulo 1, que foi dedicado à introdução, apresentamos o processo fonológico do abaixamento, que é o tema desta dissertação, bem como os objetivos geral e específicos, as hipóteses e a justificativa para a realização deste estudo.

No Capítulo 2, tratamos da fundamentação teórica que norteia este trabalho. Assim, na primeira seção, fizemos um breve percurso pela evolução das vogais do Português Brasileiro desde a sua origem. Em seguida, na segunda seção, discorremos sobre o sistema vocálico pretônico do Brasil, que foi o foco de vários estudos já realizados por diversos autores em todo o país. Alguns desses estudos constituem a terceira seção deste capítulo. Por fim, na quarta seção, apresentamos a teoria fonológica da Geometria de Traços, escolhida para representar os resultados encontrados e, assim, nos auxiliar na interpretação dos dados.

O Capítulo 3 refere-se à parte metodológica desta pesquisa e foi dividido em cinco seções. Na primeira, fizemos uma breve apresentação da Sociolinguística Variacionista, cujos preceitos foram o guia para a metodologia deste trabalho. A segunda seção refere-se ao município de Monte Carmelo, onde este estudo foi realizado. A constituição da amostra e o detalhamento de como fizemos a coleta e a seleção dos dados são o tema da terceira seção deste capítulo. Já na quarta e quinta seções, respectivamente, expusemos acerca do *GoldVarb X*, o programa estatístico escolhido para a execução das rodadas dos dados, e sobre as variáveis linguísticas e extralinguísticas selecionadas para este estudo.

A análise dos dados das vogais pretônicas /e/ e /o/ foi o foco do Capítulo 4, em que discorremos sobre as variáveis e os fatores selecionados para cada vogal para, no Capítulo 5, representarmos, por meio da Geometria de Traços, o processo fonológico que motiva a variação das duas vogais médias pretônicas analisadas.

O Capítulo 6 é dedicado à conclusão, em que retomamos os resultados encontrados para o dialeto carmelitano. Posteriormente, listamos as referências que nos serviram como alicerce para a pesquisa e encerramos o texto com os anexos, que trazem o roteiro de perguntas elaboradas para a coleta das entrevistas e os códigos definidos para cada variável e seus respectivos fatores.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Na primeira seção deste capítulo, fizemos um breve percurso pela história da língua portuguesa, desde o latim até a língua portuguesa que temos hoje, com base na obra de Teyssier (2007). É importante salientar que a nossa atenção esteve mais voltada para o Português Brasileiro e para os principais fatos históricos e políticos que contribuíram para a evolução da língua portuguesa no Brasil. A escolha pela obra de Teyssier (2007) foi feita pela objetividade e clareza do autor ao tratar da história da evolução da língua portuguesa, pois, por meio de seu texto, conseguimos entender como surgiram muitas realizações que temos atualmente na nossa língua.

A seção 2.2 foi dedicada, especificamente, ao sistema vocálico do Português Brasileiro. Com referência a alguns autores, como Câmara Jr. (2006), fizemos uma exposição acerca das vogais tônicas, pretônicas e átonas que fazem parte do nosso sistema vocálico, além de alguns processos fonológicos que atuam sobre as vogais. Na seção 2.3, apresentamos estudos que alguns autores realizaram em diferentes cidades brasileiras sobre a harmonia vocálica e o abaixamento das vogais médias na posição pretônica. Por fim, na última seção - 2.4 - deste capítulo, discorremos sobre a teoria fonológica da Geometria de Traços que nos auxiliou na análise dos resultados obtidos neste estudo.

2.1 As Vogais do Português Brasileiro: um Breve Histórico do Latim ao Português do Brasil

Segundo Teyssier (2007), é no século XIII que surgem os primeiros textos escritos em português. Nesse período, o português não difere do galego, que era falado na província (hoje Espanha) da Galícia. O autor explica que “[...] o galego-português [...] é a forma que toma o latim no ângulo noroeste da Península Ibérica” (TEYSSIER, 2007, p. 3). Na verdade, o galego-português é uma língua que evoluiu a partir do latim e se formou na região de Mondego, ao norte de Douro (uma área que atualmente corresponde à Galícia e ao norte de Portugal). O português, então, teria resultado da evolução gradativa da língua galego-portuguesa do Norte.

O latim clássico, conforme Teyssier (2007, p. 9), tinha um total de dez vogais divididas em “[...] cinco timbres vocálicos, havendo uma vogal breve e uma longa para cada timbre”. Entretanto, até o fim do período imperial, o latim falado passou por diversas transformações, dentre elas, a perda das oposições de quantidade de timbre do quadro de

vogais. Assim sendo, afirma ainda que “O latim imperial conservou as oposições de timbre resultantes dos variados graus de abertura”.

Essa evolução das vogais tônicas no latim clássico para o latim imperial teve como consequência a redução das vogais de dez para sete nessa posição, como podemos ver na Tabela 1 abaixo:

Tabela 1 - Evolução das vogais tônicas do latim clássico para o latim imperial

Latim clássico	Latim imperial	Exemplos
ī	i	fīcum > port. figo
ĩ	ẹ	sītīm > port. sede
ē		rēte > port. rede
ě	ẹ	těrra > port. terra
ā	a	lātus > port. lado
ā		amātum > port. amado
ō	o	pōrta > port. porta
ō		amōrem > port. amor
ū		bŭcca > port. boca
ū	u	pŭrum > port. puro

Fonte: TEYSSIER (2007, p. 9).

Outra mudança sofrida pelo latim clássico refere-se aos ditongos æ e œ que passaram a vogais simples de timbres diferentes em latim imperial, conforme a Tabela 2, a seguir.

Tabela 2 - Evolução dos ditongos do latim clássico para o latim imperial

Latim clássico	Latim imperial	Exemplos
æ	ẹ	caecum > port. cego
œ	ẹ	foedum > port. feio, hoje feio

Fonte: TEYSSIER (2007, p. 10).

Assim, as dez vogais e dois dos ditongos do latim clássico deram lugar a sete vogais no latim imperial:

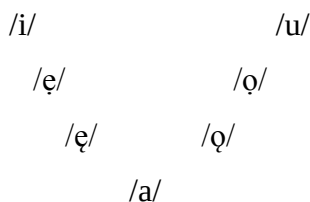


Figura 2 - As vogais do latim imperial

Fonte: TEYSSIER (2007, p. 10)

Teyssier (2007) afirma que este já é o sistema vocálico do galego-português medieval, pois,

[...] se considerarmos não mais o sistema, mas sim as palavras tomadas individualmente, verificamos que em posição tônica o timbre de muitas palavras do galego-português e também do português contemporâneo permaneceu o mesmo do latim imperial. [...] Esse notável caráter conservador do vocalismo português – convém advertir – comprova-se como uma tendência geral (TEYSSIER, 2007, p. 10).

No entanto, o autor ressalta que diversas circunstâncias levaram ao rompimento dessa semelhança entre as vogais do latim imperial e as do português. As vogais átonas, por exemplo, eram muito frágeis e costumavam desaparecer na pronúncia, obedecendo a uma tendência comum do romance ocidental. Os exemplos de Teyssier (2007, p. 11) mostram que se dizia *oc'lu-* por *ocŭlum* e *cal'du-* por *calĭdum*. Por isso, segundo o autor, temos *olho* e *caldo* em português.

Embora os três séculos que separam a chegada dos germânicos (409) e dos muçulmanos (711) à Península não tenham deixado nenhum documento linguístico, o caminho percorrido pela evolução é indubitável (TEYSSIER, 2007). O que se pode notar nesse período é a aparição de certas fronteiras linguísticas. Uma delas diz respeito às vogais abertas que correspondem a /ɛ/ e /ɔ/ hoje. No Centro da Península, conforme Teyssier (2007, p. 14), essas vogais se ditongaram na posição tônica em diversas posições:

“[ɛ] passa a [ɛɛ] e finalmente a *ie*; ex.: *petra* > castelhano: *pedra*

[ɔ] passa a [ɔɔ], depois a *uo* e finalmente a *ue*; ex.: *nove* > castelhano: *nueve*”.

O galego-português, todavia, não fará essa ditongação e pronunciará *pedra* com [ɛ] e *nove* com [ɔ]. Por desconhecer a ditongação das duas vogais abertas, o galego-português

acaba se isolando dos outros falares da Península, sobretudo, do castelhano. Assim, entre os séculos V e VII, o galego-português e o que viria a ser o castelhano começam a se distanciar e não entram mais em contato.

Possivelmente, como consequência dessa separação, acreditava-se que os primeiros textos escritos em galego-português datavam do final do século XII. Entretanto, de acordo com Teyssier (2007), estudos recentes mostraram que os textos mais antigos do galego-português aparecem já no início do século XIII. Assim como o castelhano, o português surgiu a partir do galego-português medieval, uma língua que nasceu no Norte e foi levada para o Sul pela Reconquista. No entanto, o português moderno difere do castelhano no que se refere à norma, por buscá-la na região centro-sul, onde Lisboa está localizada, e não no Norte.

Teyssier (2007) afirma que, na segunda metade do século XIII, algumas tradições gráficas foram estabelecidas, como a utilização de “ch” para a africada [tʃ] (ex.: Sancho). Nessa época, “[...] a grafia do galego-português medieval aparece como mais regular e “fonética” do que aquela que prevalecerá em português alguns séculos mais tarde” (TEYSSIER, 2007, p. 29). Sobre a fonética e a fonologia do galego-português, o autor explica que, nas vogais, o acento tônico ocorria, geralmente, na última ou na penúltima sílaba e, muito raramente, na antepenúltima. Na posição tônica, as vogais eram mais numerosas:

/i/	/u/
/e/	/o/
/ɛ/	/ɔ/
/a/	

Figura 3 - As vogais tônicas do galego-português

Fonte: TEYSSIER (2007, p. 30)

E, em posição átona final, as vogais se reduziam a:

(/i/)	
/e/	/o/
/a/	

Figura 4 - As vogais átonas finais do galego-português

Fonte: TEYSSIER (2007, p. 30)

Segundo Teyssier (2007, p. 30), mesmo nos textos mais antigos já se encontrava um fonema /i/ final, como nos imperativos: *vendi* e *parti*, em algumas formas verbais: *cantasti* e *partisti*, e em determinadas palavras, como: *longi*. Todavia, no início do século XIV, todas essas palavras apresentavam a vogal -e final, como em: *vende*, *parte*, *pude* etc. Nesse caso, o sistema vocálico passou a ter apenas três fonemas: /e/, /a/ e /o/.

Sobre a grafia de -u no lugar de -o, nos textos mais antigos já se encontra essa substituição. Teyssier (2007, p. 31) argumenta que alguns estudiosos da língua viam esse uso do -u final como uma prova de que, desde essa época, os falantes do galego-português pronunciariam [u] nas sílabas átonas finais escritas hoje com -o, como em: *havemos* e *campo*. Outra interpretação possível, que o autor acredita ser a mais aceitável é a de que “[...] essas grafias medievais em -u – ex.: *avemus* e *canpu*” podem ser entendidas “como latinismos ou como formas de traduzir um timbre muito fechado de -o final”. Além disso, afirma ser essa a melhor interpretação, “[...] porque o galego moderno pronuncia sempre o -o átono final como [ɔ] fechado”.

Entretanto, quando nos deparamos com essa afirmação, algumas questões logo nos vêm à mente: será que a pronúncia desses falantes ocorria sempre da mesma forma? E será que o [ɔ] fechado era pronunciado em todos os casos sem exceção? Entendemos que fazer esse tipo de afirmação com tamanha certeza pode ser perigoso por se tratar da pronúncia de falantes que não foram gravados – até porque naquela época não existia esse recurso – e pelo fato de que a variação pode ocorrer na fala de um mesmo falante, ainda que uma das duas formas prevaleça.

Outra evidência de que essa interpretação pode estar equivocada é a pronúncia da sílaba átona final no Português Brasileiro moderno, que é feita com os fonemas /i/, /a/ e /u/. Se falamos assim hoje, com certeza, não é por obra do acaso. É possível que nossos antepassados pronunciavam essas vogais nessa posição de sílaba e que esse legado tenha chegado a nós passando de geração para geração.

Polêmicas à parte, na posição pretônica, a exposição de Teyssier (2007, p. 31) mostra-nos que, desde a época do galego-português, as oposições entre /e/ e /ɛ/ e entre /o/ e /ɔ/ desapareciam e o sistema de sete vogais na posição tônica passava a cinco na pretônica:

/i/ /u/
 /e/ /o/
 /a/

Figura 5 - As vogais pretônicas do galego-português

Fonte: TEYSSIER (2007, p. 31)

Por volta de 1350, quando a escola literária galego-portuguesa foi extinta, o português tornou-se a língua de Portugal e, devido aos constantes deslocamentos do rei e de sua corte, o eixo Lisboa-Coimbra passou a ser “[...] o centro de domínio da língua portuguesa” (TEYSSIER, 2007, p. 41). Assim, a partir dessa região, distante da Galícia e das províncias onde estavam suas origens, o português moderno viria a se constituir.

O galego começa a se afastar da língua portuguesa desde o século XIV e, de acordo com Teyssier (2007, p. 46), a partir do século XVI, “[...] deixa de ser cultivado como língua literária e só sobrevive no uso oral”. Além disso, as evoluções fonéticas sofridas pelo galego serviram para afastá-lo ainda mais do português. Dentre as mudanças que Teyssier (2007, p. 48-49) apresenta, podemos citar a contração de duas vogais em uma única vogal como exemplo de uma evolução fonética do português europeu do século XIV até os dias atuais:

“[...] Contração das duas vogais numa vogal única: quando uma das duas vogais é nasal, o resultado é uma vogal nasal; ex.: *lã-a* > *lã*; *bõ-o* > *bõ* (escrito bom)”.

A contração entre vogais nasais e orais pode resultar em novos fonemas e foi o que aconteceu com o português europeu na posição tônica, que tinha sete vogais no galego-português e ganhou mais um fonema (/ä/) devido a contrações do tipo *ga-anha* > *ganha*.

/i/ /u/
 /ɐ/ /ɔ/
 /ä/
 /ɛ/ /ɔ/
 /a/

Figura 6 - As vogais tônicas do português europeu

Fonte: TEYSSIER (2007, p. 50)

Na posição postônica não ocorre nenhuma mudança. Já na posição pretônica, as contrações das vogais em hiato resultariam em três fonemas vocálicos abertos, a saber: /ɐ/, /a/ e /ɔ/. Teyssier (2007, p. 51) explica que, no século XV, quando as contrações das vogais em hiato foram concluídas, as vogais [ɐ], [a] e [ɔ] tinham que “[...] ser *longas* e *abertas*, em oposição às vogais pretônicas simples [ɛ], [ɔ] e [ã] que eram *breves* e *fechadas*”. Por isso, o sistema vocálico pretônico passa a ter oito vogais, da mesma forma que o sistema em posição tônica:

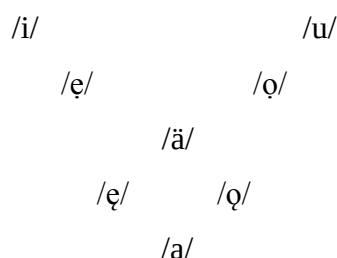


Figura 7 - As vogais pretônicas do português europeu

Fonte: TEYSSIER (2007, p. 51)

Para Teyssier (2007), a trajetória histórica e política dos portugueses foi fundamental para disseminar a língua portuguesa em várias regiões. No Brasil, podemos destacar a chegada dos portugueses, em 1500. Quando os europeus chegaram em terras brasileiras, os índios já viviam aqui. Posteriormente, vieram os negros, que foram importados como escravos da África. Assim, durante o período colonial, portugueses, índios e negros constituíram a base da população do Brasil.

Os portugueses começaram por colonizar o litoral, mas a fundação de São Paulo atraiu a atenção dos europeus para o interior do país. Por isso, a área onde hoje fica o estado de Minas Gerais, no século XVIII, foi ocupada para a retirada de ouro. Nessa época, o Brasil não tinha nenhuma universidade e era considerado um país rural. No que se refere à língua, a população indígena, africana e mestiça aprendeu a falar o português com os portugueses, mas não da forma como os europeus falavam.

Isso porque a língua portuguesa disputava espaço com outra língua, o *tupi*, que era a língua dos índios e que, portanto, já era falada aqui, quando os portugueses chegaram. Durante muito tempo, o português e o *tupi* conviveram em harmonia, mas, segundo Teyssier (2007), a decadência do *tupi* começou na segunda metade do século XVIII. Com a chegada de mais portugueses atraídos pela riqueza das pedras preciosas encontradas em solo brasileiro e

de um Diretório criado pelo Marquês de Pombal, em 1757, a língua geral – o *tupi* – foi proibida e, em seu lugar, passou-se a adotar a língua portuguesa.

Em 1767, dez anos após a criação do Diretório,

[...] Frei Luís do Monte Carmelo (*Compendio de Orthographia*) assinala pela primeira vez um traço fonético dos brasileiros, que é o de não fazerem distinção entre as pretônicas abertas (ex.: *pàdeiro*, *prègar*, *còrar*) e as fechadas (ex.: *cadeira*, *pregar*, *morar*). Jerónimo Soares Barbosa (*Grammatica Philosophica*, 1822) salienta o mesmo fato e acrescenta que os brasileiros dizem *minino* (por *menino*), *mi deu* (por *me deu*); que não chamam os –s implosivos (mistério, fasto, livros novos) (TEYSSIER, 2007, p. 95).

Teyssier (2007) afirma que o português do Brasil conservou algumas realizações fonéticas do português europeu – como as vogais [e] e [o] – e ignorou outras – como a vogal central [ë]. Segundo o autor, as pretônicas realizam-se fechadas na região Centro-Sul e abertas no Norte e Nordeste do Brasil, mas como vimos na análise dos resultados deste trabalho e em outros estudos já desenvolvidos, também é possível encontrar vogais abertas na sílaba pretônica na região Centro-Sul.

Sobre essa aparente divisão geográfica para a pronúncia das vogais médias, Teyssier (2007, p. 101) explica que “A pronúncia brasileira nesse ponto perpetua mais uma vez a pronúncia de Portugal antes das grandes mutações fonéticas do século XVIII”. Além disso, o Português Brasileiro realiza transformações das pretônicas já conhecidas pela língua antiga, por exemplo, a realização de [i] no lugar de /e/ diante de /S/ ou /N/ em palavras do tipo: *intrar* e *istar* para *entrar* e *estar*.

Em suas conclusões sobre a fonética e a fonologia do Português Brasileiro, o autor argumenta que o português do Brasil distancia-se do português europeu, sobretudo, pela pronúncia das vogais, mas também pelo conservadorismo e pelas inovações sofridas ao longo da história. Para Teyssier (2007, p. 104), o sistema fonológico das vogais brasileiras é um “[...] sistema [...] simétrico e equilibrado” e “As átonas finais são realizadas de forma mais nítida que no português europeu”, que pode ser descrito da seguinte forma:

Posição tônica		Posição pretônica		Posição átona final	
/i/	/u/	/i/	/u/	/i/	/u/
/e/	/o/	/E/	/O/		
/ɛ/	/ɔ/				
/A/ ⁹		/a/		/a/	

Figura 8 - As vogais tônicas, pretônicas e átonas finais do Português Brasileiro

Fonte: TEYSSIER (2007, p. 104)

Após essa breve passagem pela evolução da língua portuguesa, na próxima seção, discorreremos sobre o sistema vocálico pretônico do Português Brasileiro.

2.2 O Sistema Vocálico Pretônico do Português Brasileiro

Com relação às vogais do Português Brasileiro (doravante PB), Câmara Jr. (2006)¹⁰ afirma que a língua oral é muito mais complexa do que pressupõe o uso das cinco vogais latinas – /a, e, i, o, u/ – da escrita. Devido a essa complexidade, o autor chama a atenção para a dificuldade que os falantes do espanhol, geralmente, têm de entender o português falado; ao contrário dos falantes brasileiros e portugueses que costumam compreender razoavelmente o espanhol falado. Isso acontece porque o espanhol possui um sistema vocálico menor e menos variável que o do português. Como veremos a seguir, o sistema vocálico do Português Brasileiro possui sete vogais, enquanto o sistema vocálico espanhol possui cinco. Com exceção das vogais médias abertas /ɛ/ (de *café*) e /ɔ/ (de *bola*), os espanhóis têm as mesmas vogais que nós temos na língua portuguesa do Brasil, ou seja, /a/, /e/, /i/, /o/, /u/.

Sobre as vogais do PB, mais especificamente sobre o dialeto do Rio de Janeiro, apesar de não lidar com dados de fala, os estudos de Câmara Jr. (2006) mostraram que é a partir da posição tônica que as vogais são classificadas como fonemas, porque é nessa posição que se apresentam os traços distintivos vocálicos com maior nitidez. Segundo o autor, existem, em português, sete fonemas realizados em muitos alofones¹¹, pois, além das cinco vogais já

⁹ A letra maiúscula entre barras é usada para representar um arquifonema, que, segundo Monaretto, Quednau e Hora (2005, p. 209), é um termo criado por Nikolai Trubetzkoy para indicar “[...] a perda do contraste entre dois fonemas, causada por uma neutralização”. Como exemplo, os autores citam *bolo/bolu*, visto que não há oposição entre os fonemas /o/ e /u/ em final de palavra. Neste caso, para representar essa falta de oposição, essa forma é transcrita como /bolU/.

¹⁰ Neste trabalho consultamos a 38ª edição da obra **Estrutura da Língua Portuguesa**, cuja primeira edição foi publicada em 1970.

¹¹ Às várias realizações de um mesmo fonema, dá-se o nome de *alofone*.

mencionadas, na posição tônica existem também: /ɛ/ (de Eva) e /ɔ/ (de tijolos). Assim, as vogais constituem um sistema triangular, denominação dada por Trubetzky, como podemos visualizar na figura abaixo:

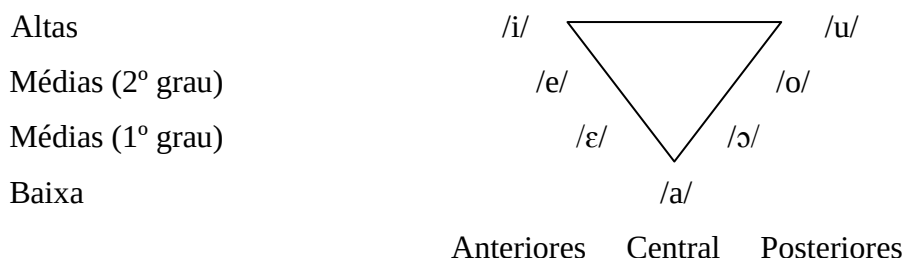


Figura 9 - As vogais do PB na posição tônica

Fonte: CÂMARA JR. (2006, p. 41)

De acordo com a classificação de Câmara Jr. (2006), a vogal /a/ é baixa e central; as vogais /ɛ/, /e/ e /i/ são anteriores, enquanto /ɔ/, /o/ e /u/ são posteriores. As vogais /ɛ/ e /ɔ/ são médias abertas ou de 1º grau; /e/ e /o/ são médias fechadas ou de 2º grau e /i/ e /u/ são vogais altas. O autor explica que “A articulação da parte anterior, central [...] e posterior da língua dá a classificação articulatória de vogais – anteriores, central e posteriores”. Já a classificação das vogais em altas, médias de 2º grau, médias de 1º grau e vogal baixa foi feita considerando “A elevação gradual da língua, na parte anterior ou na parte posterior” (CÂMARA JR., 2006, p. 41).

Se, na posição tônica, o PB dispõe de sete vogais, conforme Câmara Jr. (2006), diante de uma consoante nasal na sílaba seguinte, as vogais se reduzem a cinco de acordo com a figura a seguir:

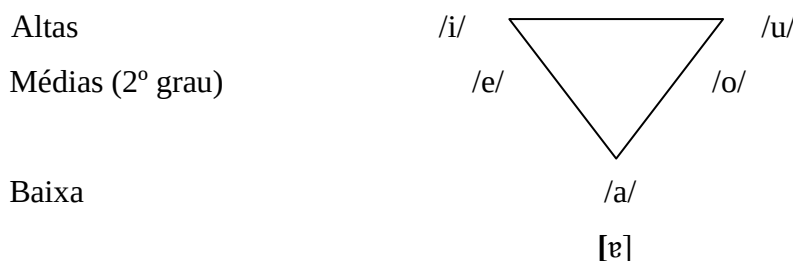


Figura 10 - As vogais do PB diante de consoante nasal

Fonte: CÂMARA JR. (2006, p. 43)

Essa redução acontece porque, no Português Brasileiro, quando seguida por uma consoante nasal, a vogal é pronunciada com um som mais fechado. Nas posições pretônica e

átona final também ocorre uma redução no sistema vocálico. Na posição pretônica, com a eliminação das vogais médias de 1º grau (/ɛ/, /ɔ/), as vogais passam a cinco (/i/, /e/, /a/, /o/, /u/), como vimos na Figura 10:

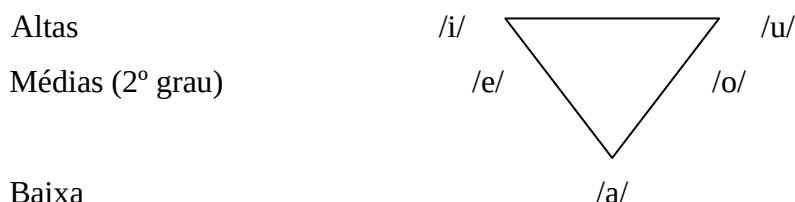


Figura 11 - As vogais do PB na posição pretônica

Fonte: CÂMARA JR. (2006, p. 44)

O que ocorreu com as vogais na posição pretônica foi um processo fonológico denominado **neutralização**, que acontece quando um traço ocupa o lugar de outro que desaparece. Neste caso, as vogais médias baixas desaparecem e toda a posição é ocupada pelas vogais médias altas. Como exemplos desse processo, Battisti e Vieira (2005, p. 172) citam: caf[ɛ] – caf[e]teira; b[ɛ]lo – b[e]leza; s[ɔ]l – s[o]laço, pelo fato de que essas palavras perdem o traço distintivo na posição pretônica e reduzem dois fonemas a uma única unidade fonológica. De acordo com as autoras, “Nesses exemplos, o traço distintivo que separa em duas unidades /e/ e /ɛ/, assim como /o/ e /ɔ/, é perdido na posição pretônica” (BATTISTI; VIEIRA, 2005, p. 173).

Entretanto, é importante ressaltar que a neutralização das vogais médias baixas pretônicas não implica a perda do valor distintivo. Como já nos referimos na seção anterior, para Teyssier (2007), os dialetos do PB dividem-se em dois grandes grupos: o do Norte, que se caracteriza pela pronúncia das vogais médias baixas [ɛ, ɔ], e o do Centro-Sul, que é caracterizado pela pronúncia das vogais médias altas [e, o].

Callou, Leite e Moraes (1996) também têm a mesma opinião de Teyssier (2007) com relação à realização das vogais abertas e fechadas. Segundo os autores, há falares em que a realização das vogais abertas na posição pretônica é mais frequente, por exemplo, os falantes do Norte do Brasil optam pela realização aberta das vogais, enquanto os falantes do Sul as realizam como fechadas. Logo, podemos encontrar palavras como b[ɛ]leza e b[e]leza; pr[ɔ]blema e pr[o]blema, sem que essas formas prejudiquem a compreensão dos vocábulos. E, como veremos na análise dos resultados deste estudo, os falantes de Monte Carmelo-MG

realizam as vogais médias abertas na posição pretônica, embora não seja o esperado para essa região e nem seja a pronúncia mais frequente.

Por fim, a maior redução das vogais ocorre na posição de sílaba átona final, como podemos visualizar na Figura 12, a seguir:

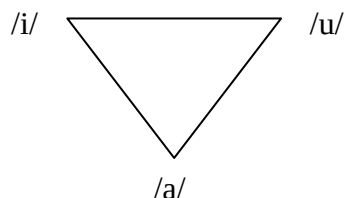


Figura 12 - As vogais do PB na posição de sílaba átona final

Fonte: CÂMARA JR. (2006, p. 44)

Lee (2006, p. 170) afirma que essa redução acontece porque na posição final da palavra não existem vogais médias. Assim, “A realização fonética nesta posição está condicionada pelo acento e pela posição e as vogais médias se reduzem passando a vogais altas”. Esse processo que ocorre na sílaba átona final é conhecido como **redução vocálica**, que, no sistema vocálico do PB, atinge as vogais nessa posição. Desse modo, em sílaba átona final, as vogais sofrem uma drástica redução, passando de sete na posição tônica para apenas três na posição átona final (/i/, /a/, /u/), uma vez que as vogais médias altas (/e/, /o/) cedem seu lugar às vogais altas (/i/, /u/). Por isso, temos, por exemplo: surd[u]-mud[u] para surd/o/-mud/o/ e pent[i] para pent/e/.

As vogais podem sofrer ainda mais um processo: a **harmonia vocálica**, que foi definida por Bisol (1981, p. 259) como “[...] um processo de assimilação regressiva, desencadeado pela vogal alta da sílaba imediatamente seguinte, independente de sua tonicidade, que pode atingir uma, algumas ou todas as vogais médias do contexto”. Para Viana (2008, p. 27), a harmonia vocálica “[...] é constatada na posição pretônica, refere-se à assimilação¹² das vogais médias pretônicas à altura da vogal da sílaba tônica imediatamente seguinte”. A autora explica que esse processo pode elevar as vogais médias pretônicas, como em: b/e/bida ~ b[i]bida, ou abaixá-las, como em: n/e/gócio ~ n[ɛ]gócio, dependendo da vogal tônica que impulsionar o processo.

Muitos trabalhos, como o de Battisti e Vieira (2005), confirmam as considerações feitas por Câmara Jr. (2006) sobre as vogais que compõem o sistema vocálico do PB e

¹² De acordo com Viana (2008, p. 27): “[...] quando um segmento assume um ou mais traços de um segmento vizinho” ocorre o processo de assimilação.

afirmam que, realmente, há sete vogais na sílaba tônica e apenas três na sílaba átona final. Com relação às vogais pretônicas, o sistema de sete vogais é reduzido para cinco, como argumentou esse autor, e, embora não haja oposição entre vogais médias altas e médias baixas na sílaba pretônica, a realização das vogais /ɛ/, /e/, /ɔ/ e /o/ é variável nessa posição. Isso porque, se considerarmos a variedade de dialetos e as diferentes regiões do Brasil, podemos encontrar pronúncias mais fechadas – com [e] e [o] – ou mais abertas – com [ɛ] e [ɔ] – na sílaba pretônica. Na seção seguinte, apresentamos alguns estudos que têm como foco a variação das vogais médias pretônicas.

2.3 Alguns Estudos Variacionistas Sobre as Vogais Pretônicas do PB

A variação das vogais médias na posição pretônica tem sido o objeto de estudo de muitas pesquisas feitas no Brasil, dentre elas: Bisol (1981), que utilizou o falar gaúcho para estudar o processo da harmonia vocálica nas vogais médias pretônicas; Viegas¹³ (1987), que pesquisou o alçamento das vogais médias em Belo Horizonte-MG; Freitas (2001), que estudou a variação das vogais pretônicas em Bragança-PA; Dias (2008), que também analisou a variação das vogais médias em Minas Gerais, nos municípios de Piranga e Ouro Branco; Viana (2008), que analisou o alçamento, o abaixamento e a manutenção das vogais médias pretônicas em Pará de Minas-MG; e Silva (2009), que pesquisou as vogais médias pretônicas no dialeto de Teresina-PI.

Dentre essas pesquisas, os estudos de Bisol (1981) e Viegas (1987) podem ser considerados os mais conhecidos por quem lida com a variação das vogais. A contribuição que essas autoras deram para a pesquisa relacionada, mais especificamente, à harmonia vocálica e ao alçamento, processos que elas estudaram no Rio Grande do Sul e em Belo Horizonte, respectivamente, abriram as portas para muitos outros estudos que vêm sendo desenvolvidos no Brasil sobre o comportamento das vogais médias pretônicas.

Assim, nas próximas páginas, apresentamos os aspectos principais de alguns trabalhos que têm como foco de estudo a variação das vogais na posição pretônica, sobretudo, os processos do abaixamento e da harmonia vocálica, que fazem parte desta pesquisa. Trata-se, nesse momento, de uma exposição desses estudos e, por isso, não estabelecemos relações entre esta pesquisa e as demais que são apresentadas. Fizemos isso no Capítulo 4, que é dedicado à análise dos resultados obtidos neste trabalho.

¹³ Além dos dados de fala, essa autora também se baseou na intuição para pesquisar o alçamento.

2.3.1 Harmonização vocálica: uma regra variável

Em sua tese de doutorado, Bisol (1981) teve como objeto de estudo as vogais médias pretônicas na fala do dialeto gaúcho. Apesar de a autora ter focado sua pesquisa no alçamento que resultaria na harmonia vocálica, o trabalho desenvolvido por ela na região sul do Brasil tornou-se referência para pesquisas posteriores sobre vogais e, especialmente, sobre a harmonia vocálica, razão pela qual apresentamos, aqui, os resultados obtidos pela autora. O *corpus* utilizado pela pesquisadora foi composto pela fala de 44 informantes descendentes dos três principais povos colonizadores do estado do Rio Grande do Sul, a saber: alemães, portugueses e italianos.

Com base na teoria variacionista, proposta por Labov nos anos de 1960, e nos dados coletados em sua pesquisa, Bisol (1981) afirma que, quando próximas de uma vogal alta ou sem a presença dela, a vogal /o/ inicial sofreu elevação, como em [o]brigado ~ [u]brigado, [o]perar ~ [u]perar¹⁴. Sobre a vogal /e/, a pesquisadora notou que, quando seguida de /N/ ou /S/, sua elevação é quase categórica, o que acontece desde o português mais antigo, como afirma Teyssier (2007). Quanto aos hiatos, a autora verificou que, no dialeto gaúcho, ocorrem situações como em: t[e]atro ~ t[i]atro, g[e]ada ~ g[i]ada, t[o]alha ~ t[u]alha¹⁵.

Bisol (1981) notou que, nos prefixos, a presença de uma vogal alta seguinte exerce influência sobre a vogal do prefixo. Desse modo, ao incorporar-se na palavra, tem-se: r[e]tiro ~ r[i]tiro (substantivo), p[o]rvir ~ p[u]rvir (substantivo)¹⁶. A variável dependente do trabalho da autora foi a harmonia vocálica, que é a transformação da vogal média pretônica /e, o/ em vogal alta /i, u/, como em “m[i]nino por m[e]nino”; “c[u]ruja por c[o]ruja” (BISOL, 1981, p. 38).

Quanto às variáveis independentes linguísticas, listamos os principais resultados encontrados por Bisol (1981):

- **Nasalidade da vogal pretônica:** esse fator favoreceu a elevação de /e/ e inibiu a elevação de /o/, por exemplo, tem-se m[i]ntira para m/e/ntira, mas não *c[u]mprar para c/o/mprar;

- **Tonicidade:**

a) Tônica: as vogais altas tônicas (/i/, /u/) favoreceram a elevação de /o/ e apenas a vogal tônica /i/ condicionou o alçamento de /e/, como nas palavras “coruja” e “menino”;

¹⁴ Os exemplos desse parágrafo foram extraídos de Bisol (1981, p. 34).

¹⁵ Esses exemplos podem ser conferidos em Bisol (1981, p. 35)

¹⁶ Exemplos retirados de Bisol (1981, p. 37).

b) Pretônica: os dados coletados pela autora revelaram que uma vogal alta em posição pretônica favoreceu a elevação de /e/ e de /o/ – como em “perdigão” e “procissão” – e que a não alta nessa posição tende a preservar as vogais médias – por exemplo, nas palavras “comeria” e “chegaria”.

c) Pré-pretônica: nessa posição, a vogal alta átona mostrou-se importante na regra de harmonização vocálica, como nas palavras “felicidade” e “população”.

d) Vogal contígua: as vogais que desencadearam o processo de harmonização foram: a vogal /i/ para /e/ e /i, u/ para /o/. Verificou-se ainda que a vogal alta da sílaba imediata foi a assimiladora, como nos exemplos: “precisão” e “veludo” (BISOL, 1981, p. 60-64).

- **Distância:** Quanto mais longe a vogal estivesse em relação à tônica num vocábulo, menos favorável foi a aplicação da regra, como na palavra “procuradoria” (BISOL, 1981, p. 41).
- **Paradigma:** conforme Bisol (1981, p. 69-70), a regra ocorreu com mais facilidade “[...] em palavra de base variável do que em derivada de base invariante”. Como exemplo, a autora apresenta “vestir ~ vistir, vestuário” como palavras de base variável e “ferro > ferrugem” como palavra derivada de base invariante.
- **Contexto fonológico precedente:** as consoantes labiais (ex.: “boneca”) e as velares (ex.: “conhaque”) precedentes favoreceram a elevação de /o/, enquanto as consoantes alveolares (ex.: “tortura”) e palatais (ex.: “chocolate”) preservaram a vogal média posterior. Já as consoantes labiais (ex.: “ferida”) precedentes desfavoreceram a elevação de /e/, as velares (ex.: “querido”) modificaram a vogal média anterior e a alveolar (ex.: negócio”) a preservou (BISOL, 1981, p. 77).
- **Contexto fonológico seguinte:** uma consoante velar (ex.: “segunda”) ou uma palatal (ex.: “melhor”) seguinte favoreceu a elevação de /e/, já as labiais (ex.: “semana”) e as alveolares (ex.: “pesado”) inibiram o processo. No caso de /o/, a palatal (ex.: “podia”) e a labial (ex.: “tomate”) favoreceram a elevação da vogal, o que não fez a alveolar (ex.: posição”) (BISOL, 1981, p. 80).
- **Variáveis extralinguísticas:**
 - Etnia: os dados mostraram que os metropolitanos¹⁷ foram os que mais aplicaram a regra da elevação de /e, o/ e os fronteiriços¹⁸ foram os que menos aplicaram.
 - Sexo: percebeu-se que a mulher promoveu mais o uso da regra que o homem.

¹⁷ Bisol (1981) usa esse termo para se referir aos informantes de Porto Alegre.

¹⁸ Segundo Bisol (1981, p. 45), esse grupo “[...] se caracteriza pelo contato direto com a língua e a cultura do país vizinho, o Uruguai”.

- Situação: teste (não favoreceu porque tem uma situação controladora) X fala livre (favoreceu a aplicação da regra).

- Idade: os mais jovens aplicaram menos a regra que os mais velhos.

- **Atonicidade:** segundo Bisol (1981, p. 102), esse fator foi um dos maiores condicionadores da regra de harmonização vocálica. A autora verificou que as átonas permanentes forneceram grande probabilidade para a aplicação da regra, se comparada às átonas casuais, como em “*sotaque ~ sutaque; pequeno ~ piqueno; costela ~ custela*”.
- **Sufixação:** Bisol (1981) concluiu que os sufixos -zinho e -inho, que ela denomina de sufixo ‘Mattoso’, bloquearam a aplicação da regra. O mesmo ocorreu com os sufixos formadores de grau. Ex.: “*flor > florzinha > florezinhas*”, mas não “*flurzinha > flurizinhas*”. Além disso, a autora também verificou que a regra da harmonização vocálica não agiu sobre prefixos. Ex.: “*predizer*, mas não *pridizer*” (BISOL, 1981, p. 104-108).
- **Tonicidade e Contiguidade:** conforme os dados encontrados pela pesquisadora, “[...] a regra é mais frequente quando a vogal alta é contígua e tônica” (BISOL, 1981, p. 111), como ocorreu, por exemplo, nas palavras “*mentira*” e “*coruja*” (p. 66).

A autora concluiu que a variação da pretônica ocorreu tanto na fala popular como na fala culta, porém, nessa última com menos frequência, talvez por influência da escrita. Sobre a harmonia vocálica, Bisol (1981, p. 259) ressalta que a presença de uma vogal alta na sílaba seguinte, “[...] o caráter da vogal átona candidata à regra e a consoante vizinha” foram os principais fatores que favoreceram a aplicação da regra no dialeto gaúcho.

2.3.2 A harmonia vocálica em dialetos do sul do país: uma análise variacionista

Com o objetivo de verificar se uma vogal alta na sílaba imediatamente seguinte influenciava o comportamento das vogais médias /e/ e /o/ na posição pretônica, Schwindt (1995) estudou o processo da harmonia vocálica nos dialetos do sul do Brasil. Como exemplos de harmonia vocálica, podemos citar: “*mentira ~ mintira*” e “*sobrinho ~ subrinho*” (SCHWINDT, 1995, p. 4-6). Para realizar seu estudo, o pesquisador estabeleceu algumas delimitações. Ele desconsiderou:

- as vogais que constituíam ditongos, por considerar que nesse contexto elas são pronunciadas como um hiato;

- as pretônicas que estivessem em prefixos “claramente identificáveis”, pelo fato de a maioria deles não perder totalmente a pronúncia do vocábulo de origem;
- palavras compostas, por acreditar que o processo de harmonia vocálica não ultrapassa a fronteira vocabular;
- palavras que fossem iniciadas por /e/ seguido de /N/ ou /S/ (ex.: “*ensinar*” e “*explicar*”), pelo alçamento ser quase categórico nesses contextos.

O trabalho de Schwindt (1995) seguiu os pressupostos da Teoria da Variação, proposta por Labov na década de 1960. Os 36 informantes que participaram da pesquisa nasceram em Porto Alegre, Florianópolis ou Curitiba, todos tinham mais de 25 anos de idade e nenhum havia cursado o ensino superior. Na verdade, a amostra foi constituída por informantes que faziam parte do Projeto Varsul e todos foram selecionados por estratificação aleatória, conforme o **sexo** (masculino e feminino), a **idade** (de 25 a 50 anos e com mais de 50 anos), a **escolaridade** (0 a 4 anos; 4 a 8 anos e de 8 a 12 anos de estudo) e a **variedade geográfica** (Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba). Portanto, foram escolhidos 12 informantes para cada uma das três capitais pesquisadas.

Para a aplicação da regra de harmonia vocálica, que eleva as vogais médias /e/ ou /o/ na sílaba pretônica, o programa estatístico *Varbrul* selecionou as variáveis linguísticas a seguir:

- **Homorganicidade¹⁹ das vogais:** Schwindt (1995, p. 45-47) verificou que, para a elevação de /e/, favoreceram: as vogais homorgânicas, como a vogal /i/ (ex.: “perigo”), e desfavoreceram o processo: as vogais não homorgânicas (ex.: “nenhuma”). Para a elevação de /o/, favoreceram: as vogais não homorgânicas, como a vogal /i/ (ex.: “domingo”), e inibiram o processo: as vogais homorgânicas (ex.: “condução”);
- **A relação de vizinhança:** para a elevação de /e/, favoreceu: a vogal tônica imediata à pretônica analisada e desfavoreceu o processo: a vogal tônica não imediata (ex.: “relativo”). Para a elevação de /o/, favoreceu: a vogal tônica imediata à pretônica analisada (ex.: “bonita”) e desfavoreceu o processo: a vogal átona não imediata;
- **Nasalidade da vogal candidata à regra:** tanto para a elevação de /e/ quanto para a elevação de /o/, a regra se aplicou mais para as vogais pretônicas orais (ex.: “seguir”) do que para as vogais pretônicas nasais (ex.: “sentir”) (SCHWINDT, 1995, p. 7-9);

¹⁹ Homorganicidade, nesse contexto, significa ter o mesmo ponto de articulação.

- **Atonicidade da vogal candidata à regra:** para a elevação de /e/ e de /o/, favoreceram: as vogais de status indefinido (ex.: “ferir, fêres, firo”) e inibiram o processo para ambas as vogais: as vogais átonas casuais (ex.: “medicina < médico”);
- **Contexto precedente:** para a elevação de /e/, favoreceu: a pausa (ex.: “#existe”) e desfavoreceram o processo: as consoantes alveolares (ex.: “cerimônia”) e palatais (ex.: “divia”) precedentes à vogal pretônica em análise. Para a elevação de /o/, favoreceram: as consoantes palatais e velares (ex.: “comida”) precedentes e desfavoreceu o processo: a pausa;
- **Contexto seguinte:** para a elevação de /e/, favoreceram: as consoantes velares (ex.: “alegria”) e as alveolares (não líquidas) seguintes (ex.: “vestir”) e inibiram o processo: o /R/ velar e as vogais seguintes à vogal pretônica analisada (ex.: “teatrinho”). Para a elevação de /o/, favoreceram: as consoantes alveolares seguintes e desfavoreceram o processo: o /R/ velar (ex.: “corrida”) e as vogais seguintes;
- **Vogal alta em terminações:** o programa estatístico não selecionou essa variável para a vogal /e/, mas, para a elevação de /o/, favoreceram: as palavras com terminações verbais e desfavoreceram o processo: os sufixos nominais (ex.: “nortista”).

Quanto às variáveis extralinguísticas, os resultados obtidos para /e/ e para /o/ foram os seguintes:

- **Faixa etária:** o programa estatístico não selecionou essa variável para a vogal /e/ e, para a elevação de /o/, embora os resultados estivessem próximos do ponto neutro, os informantes com mais de 50 anos apresentaram uma pequena diferença com relação aos demais informantes (entre 25 e 50 anos) e aplicaram mais a regra de elevação de /o/ do que os entrevistados mais jovens;
- **Escolaridade:** os informantes com o ensino primário tiveram mais ocorrências de elevação de /e/ e de /o/ do que os informantes com segundo grau;
- **Variedade geográfica:** os entrevistados de Curitiba aplicaram mais a regra de harmonia vocálica para /e/ e para /o/ do que os demais (de Florianópolis e Porto Alegre);
- **Sexo:** o *Varbrul* não selecionou essa variável para nenhuma das vogais pesquisadas.

Após a análise dos resultados, Schwindt (1995) concluiu que o principal condicionador da elevação da vogal média pretônica foi a presença de uma vogal alta na sílaba tônica imediatamente seguinte. Além disso, o autor verificou que nem todas as variáveis definidas para o estudo mostraram-se relevantes para a aplicação da regra, por

exemplo, a variável extralinguística **sexo**, que não foi selecionada para nenhuma das duas vogais médias pesquisadas.

2.3.3 A variação das vogais médias pretônicas no falar dos mineiros de Piranga e de Ouro Branco

Dias (2008) estudou o comportamento das vogais pretônicas no dialeto de Piranga-MG, uma cidade localizada na Zona da Mata mineira, e Ouro Branco-MG, um município mineiro situado na região central do estado de Minas Gerais. Com base nos princípios da Teoria da Variação, proposta por Labov (1972), a autora entrevistou, por meio de gravação e testes de percepção, 16 informantes que foram selecionados pelo método da estratificação aleatória, de acordo com as seguintes variáveis extralinguísticas: **gênero** (masculino e feminino), **idade** (entre 18 e 24 anos e entre 40 e 60 anos) e **origem** (Piranga e Ouro Branco). Portanto, foram entrevistadas oito pessoas em cada um dos municípios escolhidos para a pesquisa.

As onze variáveis independentes linguísticas definidas pela autora foram: tipo silábico; vogal da sílaba tônica; vogal entre a vogal da variável e a tônica; tipo de morfema em que a vogal esteja inserida; paradigma com vogal aberta; distância da sílaba tônica; classe morfológica; segmento precedente e segmento seguinte; distância da variável para o início da palavra; número de sílabas da palavra e item lexical.

Como o foco de estudo da pesquisa de Dias (2008) foi a variação das vogais médias pretônicas no dialeto de Piranga-MG e Ouro Branco-MG, a autora considerou três realizações para cada uma dessas vogais, a saber: as vogais abertas [ɛ, ɔ]; as vogais médias [e, o] e as vogais altas [i, u]. Nesta dissertação, porém, apresentamos apenas os resultados referentes ao abaixamento das vogais médias na posição pretônica na modalidade entrevista, que é o processo de nosso maior interesse.

Após as rodadas feitas no *software Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), as variáveis independentes selecionadas como relevantes para o abaixamento de /e/ no dialeto de Piranga-MG foram:

- **Vogal da sílaba tônica:** a, ɛ, ɔ, ê, ë, õ;
- **Vogal entre a vogal da variável e a tônica** a, ɛ, ɔ, ê, ë, õ;
- **Paradigma com vogal aberta:** com paradigma;
- **Distância da sílaba tônica:** distância 1;
- **Distância do início da palavra:** 1ª sílaba;

- **Número de sílabas da palavra:** palavras com três ou mais sílabas;
- **Modo do segmento precedente:** nasais e fricativas/africadas;
- **Ponto do segmento precedente:** dorsais/palatalizadas;
- **Modo do segmento seguinte:** líquidas e tepe;
- **Ponto do segmento seguinte:** dorsais/palatalizadas e labiais;
- **Gênero:** masculino;
- **Faixa etária:** jovem.

Para o abaixamento da vogal /o/, em Piranga-MG, foram selecionadas as seguintes variáveis independentes:

- **Vogal da sílaba tônica:** a, ε, ɔ, ê, õ, ẽ;
- **Vogal entre a vogal da variável e a tônica:** a, ε, ɔ;
- **Paradigma com vogal aberta:** com paradigma;
- **Classe morfológica:** pronome, adjetivo;
- **Número de sílabas da palavra:** palavras com três ou com quatro sílabas;
- **Modo do segmento precedente:** nasais;
- **Modo do segmento seguinte:** líquidas e fricativas/africadas.

Já para a cidade de Ouro Branco-MG, o *software* SPSS selecionou, para o abaixamento de /e/, as variáveis independentes abaixo:

- **Vogal da sílaba tônica:** a, ε, ɔ;
- **Paradigma com vogal aberta:** com paradigma;
- **Classe morfológica:** adjetivo;
- **Ponto do segmento precedente:** dorsais/palatalizadas;
- **Gênero:** feminino.

Para o abaixamento da vogal /o/ em Ouro Branco-MG, foram selecionadas as seguintes variáveis independentes:

- **Vogal da sílaba tônica:** a, ε, ɔ;
- **Vogal entre a vogal da variável e a tônica:** ausência, a, ε, ɔ;
- **Paradigma com vogal aberta:** com paradigma;
- **Distância da sílaba tônica:** distância de três sílabas ou mais;
- **Número de sílabas da palavra:** palavras com duas sílabas;
- **Modo do segmento precedente:** nasais e fricativas/africadas;
- **Modo do segmento seguinte:** tepe, fricativas/ africadas e líquidas.

Para o abaixamento da vogal /o/, nas duas cidades pesquisadas, nenhuma variável extralinguística foi selecionada pelo programa estatístico. Dias (2008) afirma que a diferença qualitativa e quantitativa dos resultados obtidos nas duas cidades pesquisadas foi significativa, uma vez que mais variáveis foram selecionadas para o dialeto de Piranga-MG do que para o de Ouro Branco-MG. A autora concluiu que o processo fonológico da harmonia vocálica favoreceu o abaixamento de /e/ e de /o/ em ambas as cidades, pelo fato de que a presença de uma vogal média baixa na sílaba tônica tende a fazer com que as vogais médias altas da sílaba pretônica sejam realizadas como [ɛ] e como [ɔ], respectivamente.

2.3.4 As vogais médias pretônicas em Pará de Minas: um caso de variação linguística

Em Pará de Minas-MG, Viana (2008) estudou o alçamento, o abaixamento e a manutenção das vogais médias pretônicas. A autora entrevistou, por meio de gravação individual, 33 pessoas nascidas na cidade mineira e que foram distribuídas estratificadamente, de acordo com o **sexo** (masculino e feminino), a **idade** (até 25 anos; entre 30 e 50 anos; acima de 60 anos de idade), a **classe social** (classe baixa e classe média) e a **escolaridade** (analfabeto; com ensino médio; com ensino superior). Além dessas variáveis extralinguísticas, o **estilo de fala** também foi considerado e avaliado como formal ou informal.

Depois de analisar a fala dos dezesseis homens e das dezessete mulheres que participaram da pesquisa, Viana (2008) obteve um *corpus* de 17.188 dados, sendo 10.679 referentes à vogal /e/ e 6.509 referentes à vogal /o/. Para a vogal /e/, do total de dados, 4.012 corresponderam à realização com a vogal alta [i], 6.647 com a vogal média [e] e somente 20 ocorrências com a realização da vogal média baixa [ɛ] na posição pretônica. Para /o/ foram obtidas: 1.622 realizações referentes ao alçamento, 4.714 à conservação de [o] e 173 ocorrências referiram-se à realização de [ɔ] na sílaba pretônica.

Assim que os dados foram analisados com a ajuda do programa estatístico *GoldVarb* 2006, Viana (2008) observou que a maior parte das ocorrências foi com a manutenção das vogais médias, pois, segundo o programa, os falantes realizaram [e] e [o] com mais frequência do que o alçamento das vogais médias e, por fim, com um pequeno índice de registros, apareceram as vogais médias baixas. Entretanto, como o abaixamento das vogais médias foi o nosso foco de estudo, apresentamos apenas os resultados obtidos para esse processo.

Para o abaixamento de /e/, conforme Viana (2008, p. 49-55), o *GoldVarb* 2006 selecionou como favoráveis para o processo ocorrer as seguintes variáveis:

- **Atonicidade:** favoreceram: as vogais átonas permanentes (ex.: “pé”); desfavoreceram: os verbos (ex.: “chegava”);
- **Altura da vogal tônica:** embora tenha sido selecionada, essa variável apresentou valores próximos ao ponto neutro (0,50) para as vogais tônicas altas e a vogal tônica baixa, um resultado que, segundo Viana (2008) não era o esperado, já que, em geral, a vogal tônica influencia a aplicação da regra em estudo;
- **Distância da vogal tônica:** favoreceu: a distância 1 (ex.: “centenário”); desfavoreceu: a distância 2 (ex.: “centenário”);
- **Contexto precedente**²⁰ - **ponto 1:** favoreceram: as consoantes posteriores precedentes (ex.: “geralmente”); inibiram: as consoantes anteriores precedentes (ex.: “semana”);
- **Contexto seguinte**²¹ - **ponto 1:** favoreceram: as consoantes anteriores seguintes (ex.: “pedal”) ; desfavoreceram: as consoantes posteriores seguintes (ex.: “serrana”);
- **Contexto seguinte - ponto 2:** favoreceram: as consoantes não coronais seguintes (ex.: “Ferreira”); inibiram: as consoantes coronais seguintes (ex.: “dezenove”).

Já os demais grupos de fatores analisados foram apontados como desfavorecedores e, por isso, foram eliminados pelo programa estatístico. São eles: nasalidade; posição da vogal tônica; nasalidade da vogal tônica; estrutura da sílaba; presença de *onset*; contexto precedente; contexto precedente - ponto 2; modo do contexto precedente; estado da glote do contexto precedente; contexto seguinte; modo do contexto seguinte; estado da glote do contexto seguinte e classe da palavra.

Quanto às variáveis extralinguísticas, as selecionadas pelo *GoldVarb* 2006 para o abaixamento de /e/ foram:

- **Indivíduo:** com exceção de doze informantes que não realizaram nenhum abaixamento de /e/ na sílaba pretônica, os outros 21 entrevistados tiveram pelo menos uma ocorrência de [ɛ] nessa posição de sílaba;
- **Escolaridade:** os analfabetos foram os que mais realizaram a variação de /e/→[ɛ] na sílaba pretônica.

Para o abaixamento de /o/, de acordo com Viana (2008, p. 50-55) foram selecionados, pelo *GoldVarb* 2006, como favorecedoras do processo as seguintes variáveis linguísticas:

²⁰ Viana (2008) divide os segmentos do contexto precedente em ponto 1 e ponto 2. O ponto 1 abrange as consoantes anteriores e as posteriores, as vogais, as semivogais e a pausa. O ponto 2 é caracterizado por consoantes coronais e não coronais, pela pausa, pelas vogais e semivogais.

²¹ A divisão feita para os segmentos do contexto precedente também ocorre no contexto seguinte. Assim, Viana (2008) dividiu os segmentos do contexto seguinte em ponto 1 – consoantes anteriores e posteriores, vogais e semivogais – e em ponto 2 – consoantes coronais e não coronais, vogais e semivogais.

- **Posição da vogal tônica:** favoreceram: as vogais posteriores (ex.: “procura”) e as anteriores (ex.: “biblioteca”); desfavoreceu: a vogal central (ex.: “namorada”);
- **Altura da vogal tônica:** favoreceu: a vogal tônica baixa /a/ (ex.: “namorada”); desfavoreceram: as vogais tônicas médias (ex.: “colega”);
- **Nasalidade da vogal tônica:** favoreceram: as vogais tônicas nasais (ex.: “Rosana”); desfavoreceram: as vogais tônicas orais (ex.: “namorar”);
- **Modo de articulação do contexto precedente:** favoreceram: as consoantes nasais (ex.: “remoção”), fricativas (ex.: “solidão”) e laterais precedentes (ex.: “psicologia”); desfavoreceram: a pausa (ex.: “horizonte”) e o tepe precedente;
- **Estado da glote do contexto precedente:** favoreceu: a pausa (ex.: “horizonte”); desfavoreceu: a glote sonora (ex.: “gostar”);
- **Modo de articulação do contexto seguinte:** favoreceram: as consoantes laterais (ex.: “adolescência”) e fricativas seguintes (ex.: “gostei”); desfavoreceram: as consoantes oclusivas (ex.: “trocar”), o tepe (ex.: “horizonte”) e as consoantes nasais seguintes (ex.: “comigo”);
- **Estado da glote do contexto seguinte:** favoreceu: a glote sonora (ex.: “psicologia”); desfavoreceu: a glote surda (ex.: “professores”);
- **Classe da palavra:** favoreceram: os nomes (ex.: “solidão”); desfavoreceram: os verbos (ex.: “conversar”).

Já as variáveis linguísticas restantes foram selecionadas como desfavorecedoras do abaixamento de /o/, quais sejam: atonicidade; presença de *onset*; distância da vogal tônica; contexto precedente; contexto precedente - ponto 1; contexto precedente – ponto 2; contexto seguinte – ponto 1 e contexto seguinte – ponto 2.

Com relação às variáveis extralinguísticas, as selecionadas pelo programa estatístico para o abaixamento de /o/ foram:

- **Indivíduo:** com exceção de seis informantes que não realizaram nenhum abaixamento de /o/ na sílaba pretônica, os outros 27 entrevistados tiveram pelo menos uma ocorrência de [ɔ] nessa posição de sílaba;
- **Sexo:** as mulheres realizaram mais o abaixamento de /o/ na sílaba pretônica do que os homens;
- **Faixa etária:** os informantes com até 25 anos tiveram mais ocorrências de [ɔ] na posição pretônica do que as demais faixas etárias pesquisadas. Os informantes com

mais de 60 anos foram os que menos realizaram o abaixamento de /o/ nessa posição de sílaba;

- **Estilo:** o abaixamento de /o/ na sílaba pretônica ocorreu mais no estilo formal do que no informal.

As variáveis sociais **escolaridade** e **classe social** foram eliminadas pelo *GoldVarb* 2006 por não terem sido consideradas relevantes para a aplicação da regra de abaixamento da vogal /o/. A análise dos resultados mostrou, segundo Viana (2008), que tanto o alçamento quanto o abaixamento das vogais médias pretônicas não se aplicaram a todo o léxico, pois houve casos em que, mesmo com ambiente favorecedor, a vogal média não sofreu variação e em outros casos em que não havia contexto favorecedor, a vogal média sofreu variação.

Além disso, a autora verificou que, em Pará de Minas-MG, as vogais médias pretônicas podem ser realizadas de três formas: alçadas, mantidas ou abaixadas, e que, como já foi comprovado em outros estudos, as vogais tônicas tiveram influência na variação das vogais médias pretônicas, sobretudo nos casos de abaixamento da vogal /o/, em que a presença de uma vogal média baixa na sílaba tônica foi um dos fatores que favoreceram a realização de [ɔ] na posição pretônica. Para o abaixamento de /e/, ao contrário do que Viana (2008) esperava, as vogais tônicas tiveram índices próximos do ponto neutro e, por isso, não se mostraram relevantes para a variação dessa vogal.

2.3.5 As pretônicas no falar teresinense

O objetivo do trabalho de Silva (2009) era descrever e analisar a pronúncia das vogais médias na posição pretônica no dialeto de Teresina-PI. O *corpus* utilizado pela autora contou com entrevistas de 36 informantes, selecionados estratificadamente, conforme o **gênero** (masculino e feminino), a **faixa etária** (entre 20 e 35 anos; entre 36 e 50 anos e acima de 50 anos de idade) e a **escolaridade** (com Ensino Fundamental; com Ensino Médio e com Ensino Superior). A partir dessas entrevistas, foram coletadas 5.308 realizações de pretônicas.

Embora alguns estudos tenham comprovado que o abaixamento das vogais pretônicas é mais comum na região Nordeste do Brasil, Silva (2009) percebeu que, no município de Teresina-PI, as vogais, nessa posição de sílaba, podem ser realizadas de três formas: como vogais abertas [ɛ, ɔ]; como vogais médias [e, o] e como vogais altas [i, u]. Nesta dissertação, porém, optamos por expor os resultados referentes apenas ao abaixamento das vogais médias na posição pretônica, que é o processo de nosso maior interesse.

Desse modo, as variáveis linguísticas selecionadas pela autora para estudar o comportamento das vogais médias foram:

- Contiguidade;
- Homorganicidade;
- Tonicidade;
- Paradigma;
- Distância da tônica;
- Derivada de tônica;
- Contexto fonológico precedente;
- Contexto fonológico seguinte.

Os fatores sociais escolhidos foram os três já mencionados, a saber: gênero; faixa etária e escolaridade.

As rodadas dos dados no programa estatístico *Varbrul* 2S mostraram que houve 3.219 ocorrências para a vogal /e/ pretônica, em que 2.079 realizaram-se como [ɛ]. Para /o/ houve 2.089 ocorrências, em que 1.076 realizaram-se como [ɔ].

Para a realização da vogal [ɛ] pretônica, o programa selecionou sete variáveis na seguinte ordem:

- Vogal contígua;
- Contexto fonológico precedente;
- Paradigma;
- Contexto fonológico seguinte;
- Faixa etária;
- Escolaridade;
- Homorganicidade.

Para a realização da vogal [ɔ] na posição pretônica, o *Varbrul* 2S também selecionou sete variáveis:

- Vogal contígua;
- Contexto fonológico precedente;
- Contexto fonológico seguinte;
- Paradigma;
- Escolaridade;
- Faixa etária;
- Gênero.

Sobre a variável **vogal contígua**, os resultados de Silva (2009, p. 126-133) mostraram que, quando seguida por uma vogal tônica baixa (ex.: “conversar”, “jornal”) ou por vogais tônicas médias baixas (ex.: “melhor”, “doméstico”), o abaixamento tanto de /e/ quanto de /o/ foi favorecido. Para a variável **contexto fonológico precedente**, os dados revelaram que as velares precedentes (ex.: “retratar”) e a posição inicial absoluta (ex.: “elevado”), que Silva (2009) denomina de *vazio*, favoreceram o abaixamento de /e/. Já as coronais (ex.: “novela”), as palatais (ex.: “xodó”) e a posição inicial absoluta (ex.: “observar”) favoreceram o abaixamento de /o/.

Apesar de a variável **paradigma** ter sido selecionada pelo programa estatístico, tanto para /e/ quanto para /o/, os resultados mantiveram-se na posição neutra ou próximos a ela, o que demonstra que essa variável não favoreceu nem inibiu o abaixamento dessas vogais na posição pretônica.

Quanto ao **contexto fonológico seguinte**, apenas as consoantes velares seguintes (ex.: “local”) mostraram-se relevantes para o abaixamento de /o/. Para a realização de [ɛ], além das velares (ex.: “pegar”), as consoantes palatais seguintes (ex.: “melhor”) também favoreceram o processo. Assim como ocorreu para o paradigma, os resultados para a variável **homorganicidade** ficaram ao redor do ponto neutro e, como essa foi a última variável selecionada pelo programa para a vogal /e/, de acordo com Silva (2009), ela não exerceu nenhum papel sobre a variação dessa vogal.

Sobre as variáveis extralinguísticas, para a variável **faixa etária**, que foi selecionada para ambas as vogais, os resultados apontaram uma diferença entre o uso das vogais abertas pelos mais jovens e os demais informantes, uma vez que a faixa etária entre 20 e 35 anos ficou abaixo do ponto neutro. Entretanto, em geral, essa variável não teve resultados muito além do ponto neutro. Então, apesar dessa diferença, a discrepância foi pequena entre todos os fatores analisados.

Quanto à variável **escolaridade**, embora todos os resultados tenham ficado próximos do ponto neutro, os falantes com Ensino Médio foram os que mais realizaram as vogais [ɛ] e [ɔ] na posição pretônica em comparação com os falantes que possuem Ensino Fundamental e Ensino Superior. Silva (2009) acredita que esse resultado tem relação com a variável faixa etária e, por essa razão, a autora cruzou os resultados das duas variáveis. Por meio desse cruzamento, a pesquisadora verificou que os falantes com mais de 50 anos produziram as vogais médias abertas com menos frequência quando possuíam Ensino Superior, “[...] ao passo que o mesmo declínio não ocorre com os falantes mais jovens, cujos índices mostram

uma estabilização, ficando abaixo do ponto de referência e ao redor dele” (SILVA, 2009, p. 138).

Com base nesses resultados, a autora concluiu que

[...] por envolver o fator faixa etária, o cruzamento dessa com a escolarização também nos dá subsídios para dizer que não há indícios de mudança em curso, pois os índices mais altos couberam aos mais velhos e os mais baixos aos mais jovens. Isso é um sinal de preservação do sistema (SILVA, 2009, p. 139).

A variável **gênero** foi selecionada apenas para a vogal /o/ e revelou que as mulheres, embora com uma diferença bem pequena, realizaram mais a vogal aberta posterior do que os homens. Silva (2009) verificou ainda que as variáveis extralinguísticas não exerceram um papel relevante para o abaixamento das vogais médias pretônicas e que os resultados obtidos em seus estudos aproximaram-se de outros trabalhos realizados sobre os falares nordestinos.

Estudos como esses, já realizados em diversas regiões do país, são extremamente relevantes para a compreensão e o conhecimento do que, de fato, é falado no Brasil. Apesar de nenhum dos trabalhos apresentados nesta seção ter o abaixamento das vogais médias pretônicas como principal objeto de estudo, todas são pesquisas de suma importância e que nos ajudaram a empreender a análise dos resultados obtidos em Monte Carmelo-MG. Essas pesquisas mostraram que, em geral, a vogal da sílaba tônica é a principal motivadora do processo em estudo, sobretudo, com relação à harmonia vocálica.

2.3.6 A proposta de Lee e Oliveira (2008)

Além das pesquisas que apresentamos em toda a seção 2.3, há estudos que se preocupam com o lugar que a variação ocupa na língua. Um desses estudos é o de Lee e Oliveira (2008), que é o assunto desta subseção.

Com relação à regra da harmonia vocálica, esses autores consideraram dois fatos: o primeiro é o de que uma vogal média baixa na sílaba tônica não implica que todos os falantes vão produzir uma vogal média aberta na posição pretônica. O segundo fato refere-se às palavras que possuem uma vogal /ɛ/ ou /ɔ/ na sílaba tônica e que, ainda assim, não serão pronunciadas com uma vogal pretônica aberta por nenhum falante de Belo Horizonte-MG.

Para exemplificar, Lee e Oliveira (2008, p. 2) citam as palavras: “m[u]queca”, “J[u]sé”, “t[u]pete” e “b[u]neca”.

De fato, como ressaltam esses estudiosos, é impossível prever quando ocorrerá uma pronúncia e quando ocorrerá outra, porque a variação existe na fala de um mesmo falante e pode variar de acordo com o item lexical. Os autores fazem reflexões muito interessantes sobre as diferenças inter- e intra-dialetais, visto que, apesar de os falantes do português falarem de modos diferentes, todos se entendem. Sobre isso, Lee e Oliveira (2008, p. 7) questionam como os falantes diferenciam, por exemplo, “s[ɔ]co”, “s[o]co” e “s[u]co”, mas consideram “c[ɔ]légio”, “c[o]légio” e “c[u]légio” como sendo a mesma coisa. Para resolver este problema, esses pesquisadores propuseram algumas possíveis soluções.

A primeira delas seria estabelecer “[...] uma relação biunívoca entre conteúdo e expressão, ou seja, seria dizer que a expressão só pode se dar na forma x (e as formas y, z e w serão consideradas aberrações, desvios, erros, ou qualquer outra coisa)” (LEE; OLIVEIRA, 2008, p. 7). Para os autores, esta solução não resolve o problema, pois pode servir para línguas mortas, mas não pode ser aplicada às línguas vivas.

Outra possível ‘solução’ refere-se ao estabelecimento de “[...] uma relação biunívoca entre conteúdo e expressão para os vários dialetos de uma língua”, mas, por não existirem dialetos homogêneos, esses pesquisadores também não consideram esta uma boa solução. Uma terceira ‘solução’, que, segundo eles, é a mais utilizada pela linguística atual, “[...] consiste em se lidar com sistemas abstratos (*langue/competence*) e se deixar de lado os dados reais (*parole/performance*)”, mas essa decisão torna o problema ainda mais complexo para a fonologia, que precisa considerar os fatos fonéticos (LEE; OLIVEIRA, 2008, p. 7-8).

Em meio às falhas que as três aparentes soluções possuem para o problema apresentado, os autores propõem uma análise com base na ‘faculdade da linguagem’, um conceito de Hauser, Chomsky e Fitch (2002). Esse conceito abrange três sistemas: um sistema computacional interno; um sistema sensório-motor e um sistema conceitual-intensional. Considerando o sistema sensório-motor, Lee e Oliveira (2008) sugerem que ele poderia conter um princípio que diferenciase as vogais apenas pelos traços [baixo] e [posterior] em posição átona, ou seja, a diferença dar-se-ia entre os sons [+ baixo] (i.e., a vogal /a/) e os [- baixo] (i.e., as vogais /i/, /e/, /ɛ/, /u/, /o/, /ɔ/) e também entre os sons [+ posterior] (i.e., as vogais /u/, /o/, /ɔ/) e os [- posterior] (i.e., as vogais /i/, /e/, /ɛ/).

Segundo Lee e Oliveira (2008, p. 7-9), esse princípio informa-nos que, em posição átona, é mais difícil conservar a distinção entre vogais altas e médias ou entre vogais médias altas e vogais médias baixas, o que “[...] não significa que estas vogais não possam ocorrer,

foneticamente, nesta posição; significa, apenas, que seja mais difícil sustentar, aí, o seu status fonêmico”. Além disso, o princípio pensado pelos autores pode explicar o fato de entendermos formas fonéticas diferentes como sendo a mesma coisa, como é o caso do exemplo já citado “c[ɔ]légio”, “c[o]légio” e “c[u]légio”.

Esses estudiosos argumentam que não vemos diferença nessas três formas fonéticas e que bloqueamos outras possibilidades de realização da vogal pretônica, como “*c[a]légio ou *c[i]légio”, porque “[...] um princípio deste tipo, para o caso em foco, nos garante que formas fonéticas diferentes sejam associadas a uma mesma categoria (ou fonema)”. Eles concluem que entre a percepção e a produção não existe uma relação de correspondência biunívoca e que os falantes ouvem “diferenças alofônicas interdialetais”, mas não em seu próprio dialeto (LEE; OLIVEIRA, 2008, p. 10).

Outro problema apontado por esses pesquisadores diz respeito aos modelos fonológicos. Lee e Oliveira (2008) questionam se algum modelo seria capaz de explicar os fatos da variação do modo como eles aparecem. Afirmam que não é nada fácil responder a essa pergunta, tanto é que eles não dizem que modelo seria esse, pelo fato de que não há um modelo perfeito. Todos têm suas falhas e seus pontos positivos e é preciso considerar qual desses aspectos pesará mais na análise do processo em estudo.

Nesta pesquisa sobre o abaixamento, buscamos suporte na Geometria de Traços, uma teoria fonológica com o objetivo de representar o processo motivador da variação das vogais médias no dialeto carmelitano, o assunto da seção seguinte.

2.4 A teoria fonológica: o modelo da Geometria de Traços

Os modelos fonológicos permitem ao pesquisador descrever a língua em uso sob uma perspectiva teórica e representacional. No caso deste estudo, pretendemos representar apenas o processo que mais motiva o abaixamento no dialeto pesquisado. Nesse trabalho, utilizamos um dos ramos da fonologia não linear, a Fonologia Autossegmental, mais especificamente, o modelo da Geometria de Traços, proposto por Clements (1985, 1989, 1991) e revisto recentemente por Clements e Hume (1995). Matzenauer (2005, p. 45) explica que a Fonologia Autossegmental “[...] opera [...] com **autossegmentos**, ou seja, permite a segmentação independente de partes dos sons das línguas”.

Enquanto o modelo linear de Chomsky e Halle (1968) propunha uma relação bijectiva (de um-para-um) entre o segmento e a matriz de traços²² que o representa, a Teoria Fonológica Autossegmental entende que essa relação não existe. Para a Fonologia Gerativa Clássica, os traços de um segmento estão dispostos em uma matriz linear e sem hierarquia, em que cada segmento equivale a uma matriz e cada matriz equivale a um segmento. Essa restrição recebe o nome de relação bijectiva e não aceita o apagamento parcial de um segmento ou a inserção de um traço complementar, pois se a matriz for modificada, o segmento também mudará.

Na matriz de um segmento, cada traço recebe o valor de + (para um traço que compõe o segmento) ou – (para um traço que não faz parte do segmento). Como exemplo, temos a representação por matriz de traços das consoantes oclusivas /t/ e /d/, a seguir.

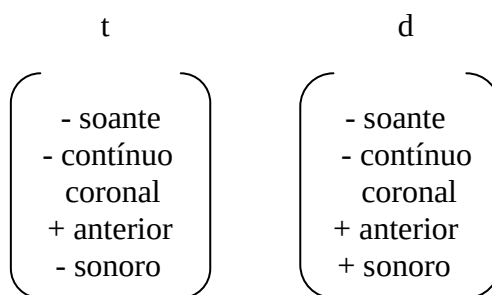


Figura 13 - Representação de dois segmentos e suas respectivas matrizes de traços

Fonte: Adaptado de MATZENAUER (2005, p. 30)

Apesar de essas consoantes possuírem a maioria dos traços em comum, quando ocorre alguma alteração na matriz, como no exemplo da Figura 13, em que o traço [- sonoro] passa a [+ sonoro], o segmento /t/ passa a ser realizado como /d/. Desse modo, a matriz da esquerda, que corresponde ao segmento /t/, dá lugar à matriz da direita, correspondente ao segmento /d/, visto que, com a mudança na matriz, um segmento deixa de existir e dá lugar a outro.

A negação da relação de bijectividade é um dos dois princípios básicos da Fonologia Autossegmental. Segundo Matzenauer (2005, p. 45), esse entendimento traz duas consequências relevantes: “[...] a) os traços podem estender-se além ou aquém de um segmento e b) o apagamento de um segmento não implica necessariamente o desaparecimento de todos os traços que o compõem”.

²² Matzenauer (2005, p. 17) caracteriza os traços distintivos como: “[...] propriedades mínimas, de caráter acústico ou articulatorio, como ‘nasalidade’, ‘sonoridade’, ‘labialidade’, ‘coronalidade’, que, de forma co-ocorrente, constituem os sons das línguas”.

O segundo princípio é o de que os traços que compõem um segmento obedecem a uma hierarquia. Por isso, a Fonologia Autossegmental passa a decompor os segmentos em camadas ou *tiers* e divide as partes do som, tomando-as separadamente.

Na introdução do texto *The internal organization of speech sounds*, Clements e Hume (1995, p. 245) afirmam que o foco das pesquisas sobre os traços distintivos vem mudando. Isso porque, embora muitos estudiosos buscassem responder a perguntas do tipo “O que são traços e como eles são definidos?”, os linguistas passaram a incorporar uma terceira e relevante questão aos seus estudos: “Como os traços são organizados nas representações fonológicas?”²³.

Assim, a Geometria de Traços tem o objetivo “[...] de representar a hierarquia existente entre os traços fonológicos” e de mostrar “[...] que os traços podem ser tanto manipulados isoladamente como em conjuntos solidários” (MATZENAUER, 2005, p. 47). Nesse modelo, Clements e Hume (1995, p. 249) explicam que os segmentos são representados por meio de configurações de *nós hierarquicamente organizados*, em que os *nós terminais* representam traços fonológicos e os *nós intermediários*, classes de traços. Essa representação pode ser visualizada em uma estrutura arbórea, como a da Figura 14:

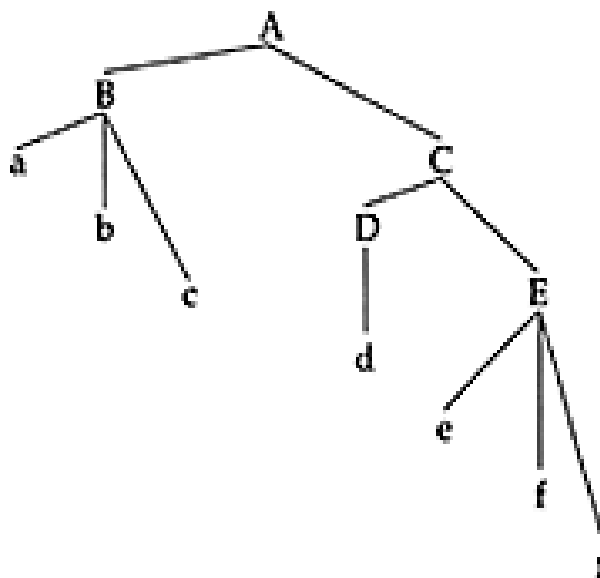


Figura 14 - Representação arbórea interna de um segmento

Fonte: CLEMENTS; HUME (1995, p. 249)

²³ Tradução nossa do original: “What are the features, and how are they defined?, it is only recently that linguists have begun to address a third and equally important question, How are the features organized in phonological representation?” (CLEMENTS; HUME, 1995, p. 245).

Na figura acima, **A** representa o *nó de raiz*, que corresponde ao segmento como unidade fonológica. Os *nós de classe*, representados por **B**, **C**, **D** e **E** na Figura 14, designam grupos de elementos que funcionam como classes naturais em regras fonológicas, sendo que os nós **D** e **E** são dependentes de **C**. Os nódulos terminais **a**, **b**, **c**, **d**, **e**, **f**, **g** caracterizam os traços fonológicos. Todos os nós estão associados ao *nó de raiz* e se ligam por meio de linhas de associação.

Clements e Hume (1995, p. 250) afirmam que o princípio da Geometria de Traços assume que “as regras fonológicas realizam apenas uma única operação”²⁴. Desse modo, os autores ressaltam que, para esse princípio, só podem funcionar juntos em regras fonológicas um conjunto de traços que formar constituintes (*nós de classe*). Por exemplo, na Figura 14, um conjunto de regras fonológicas pode afetar **d**, **e**, **f** e **g**, pelo fato de que todos eles fazem parte do constituinte **C**. Entretanto, a regra não pode afetar os nódulos **c**, **d** e **e**, por eles não fazerem parte de um mesmo constituinte.

A seguir, podemos visualizar a representação da organização hierárquica de consoantes e vogais, de acordo com Clements e Hume (1995):

²⁴ Tradução nossa do original: “Phonological rules perform single operations only” (CLEMENTS; HUME, 1995, p. 250).

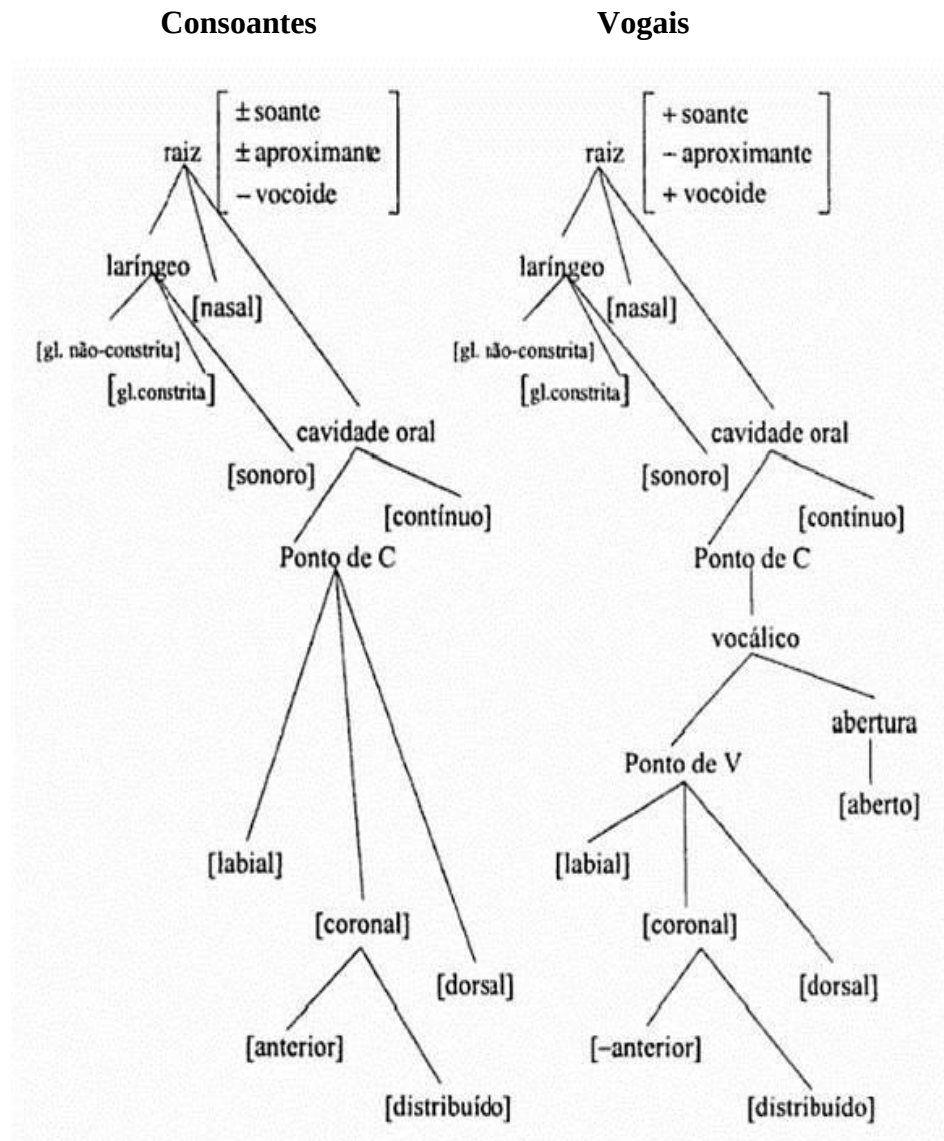


Figura 15 - Representação hierárquica de consoantes e vogais

Fonte: CLEMENTS; HUME (1995) *apud* MATZENAUER (2005, p. 50)

Por meio dessa estrutura arbórea que representa a Geometria de Traços, é possível representar qualquer som das línguas naturais, posto que a hierarquia de traços, descrita acima, é comum a todos os segmentos que existem. As representações hierárquicas da Figura 15 apontam semelhanças entre consoantes e vogais até o nó *Ponto de C*, quando as especificidades das vogais aparecem. Para exemplificar, na figura seguinte, temos a representação hierárquica da consoante /d/ e da vogal /a/, em que é possível verificar que consoantes e vogais se distinguem na Geometria de Traços, a partir do nó *vocálico*, que existe apenas na representação das vogais.

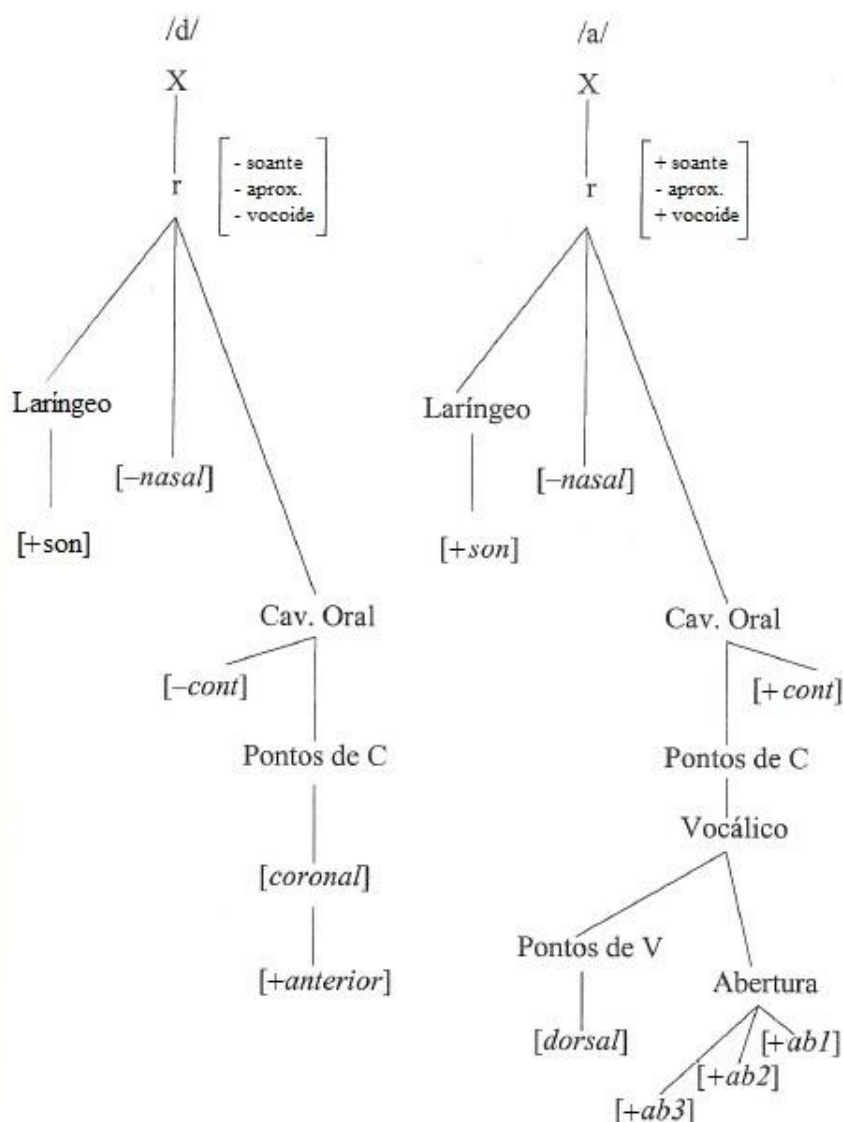


Figura 16 - Representação hierárquica de uma consoante e de uma vogal

Fonte: MATZENAUER (2005, p. 51)

O *nó de raiz* é considerado especial por ser constituído pelos *traços maiores*: [soante], [aproximante] e [vocoide]. A unidade desses traços tem a função de dividir os segmentos em grandes classes (obstruintes, nasais, líquidas e vogais) e de identificar o grau de sonoridade desses segmentos em uma escala que vai de 0 a 3, respectivamente. O *nó laríngeo*, o *nó de cavidade oral* e o traço [nasal] sempre vão partir da raiz, sendo que o *nó laríngeo* “[...] pode espalhar-se ou desligar-se como um todo, como uma unidade, levando todos os traços que estão sob o seu domínio” (MATZENAUER, 2005, p. 54). O traço [nasal] serve apenas para indicar a nasalidade ou não do segmento representado, portanto, será [+ nasal] para os segmentos nasais e [- nasal] para os orais.

Já o *nó de cavidade oral* domina o *nó ponto de C* e o traço $[\pm \text{contínuo}]$. O *nó ponto de consoante* representa o ponto de articulação e, como consoantes e vogais são caracterizadas pelos mesmos pontos [labial], [coronal] e [dorsal], ambas possuem esse nó em comum. Diferentemente da classificação feita por Câmara Jr. (2006), que dividia as vogais em anteriores, central e posteriores, a Fonologia Gerativa, de Chomsky e Halle (1968), as diferencia com base no ponto de articulação, ou seja, onde a vogal é produzida. Assim, a vogal baixa /a/ é dorsal, por ser pronunciada com a parte de trás (dorso) da língua; as vogais /ε, e, i/ são coronais, por serem pronunciadas com a coroa (parte da frente) da língua; e as vogais /ɔ, o, u/ são labiais, por serem pronunciadas com a junção dos lábios.

O traço [coronal] domina outros dois traços: [anterior] e [distribuído], mas as semelhanças entre vogais e consoantes terminam neste ponto, quando a estrutura arbórea vocálica apresenta mais três nós: o *nó vocálico*, o *nó ponto de V* e o *nó de abertura*. Como pudemos ver nas Figuras 15 e 16, o *nó vocálico* caracteriza as vogais e domina os traços de ponto de articulação e de abertura desses segmentos. O *nó ponto de V* das vogais equivale ao *nó de ponto de C* das consoantes, pois esse *nó* informa o ponto de articulação da vogal. Enfim, o *nó de abertura* domina os traços referentes à altura da vogal, uma vez que o grau de abertura indica a altura, de modo que quanto mais alta for a vogal, mais fechada ela é, e quanto mais baixa, mais aberta. Clements (1989) utilizou apenas o traço [aberto] para caracterizar a altura das vogais e atribuiu o valor de + ou – para esse traço.

Desse modo, na Fonologia Autossegmental, as diferenças de altura entre as vogais são representadas por meio de traços de abertura, conforme a representação da Figura 17, a seguir:

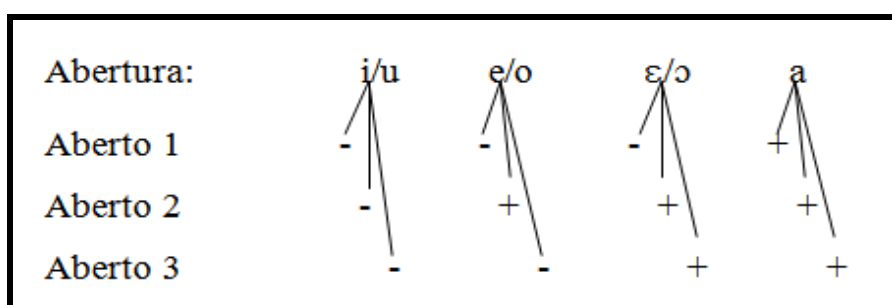


Figura 17 - Representação do sistema vocálico tônico do português

Fonte: WETZELS (1991, p. 31)

A representação do sistema vocálico tônico do Português Brasileiro possui quatro alturas relacionadas a três traços de abertura que permitem diferenciar, por exemplo, as vogais

médias altas /e, o/ das vogais médias baixas /ɛ, ɔ/. Nesse caso, a Figura 17 mostra que todas as vogais médias diferem-se apenas pelo traço [aberto 3]. Isso porque, enquanto /e, o/ são caracterizadas pelos traços [- aberto 1], [+ aberto 2] e [- aberto 3], as vogais /ɛ, ɔ/ possuem os traços [- aberto 1], [+ aberto 2] e [+ aberto 3], pelo fato de essas vogais serem mais baixas do que as outras duas vogais médias.

Além disso, a representação da Figura 17 ressalta a distinção entre as vogais altas /i, u/. Como são as mais altas do sistema vocálico, /i, u/ possuem todos os traços de abertura negativos: [- aberto 1], [- aberto 2] e [- aberto 3], visto que quanto mais alta for a vogal, mais fechada ela é. A vogal /a/, ao contrário, por ser a mais baixa, é também a mais aberta e possui todos os traços de abertura positivos: [+ aberto 1], [+ aberto 2] e [+ aberto 3].

Esta seção sobre a teoria fonológica da Geometria de Traços encerra o Capítulo 2 deste trabalho, dedicado à fundamentação teórica. Após a apresentação de um breve histórico do latim até a língua portuguesa do Brasil que temos hoje, discorreremos sobre o sistema vocálico do Português Brasileiro e, em seguida, na terceira seção, expusemos alguns trabalhos desenvolvidos em algumas cidades brasileiras sobre o abaixamento e a harmonia vocálica. No Capítulo 3 tratamos da metodologia utilizada nesta pesquisa.

3 METODOLOGIA

Na primeira seção deste capítulo, apresentamos os principais aspectos da Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação, na qual nos baseamos para fundamentar a descrição e a análise dos dados deste trabalho. A segunda seção foi dedicada à apresentação da história de Monte Carmelo-MG, onde este estudo foi realizado. O foco da seção seguinte foi a constituição da amostra, além da exposição de como fizemos a coleta e a seleção dos dados. A seguir, explicamos, de um modo geral, o funcionamento do *GoldVarb X*, programa estatístico utilizado na análise dos dados. Por fim, na última seção deste capítulo, tratamos das definições das variáveis linguísticas e extralinguísticas que nortearam esta pesquisa.

3.1 A Sociolinguística Variacionista

Este trabalho foi norteado pelos princípios da Sociolinguística Variacionista, também conhecida como Teoria da Variação, que surgiu no início dos anos de 1960, a partir dos estudos de Labov. Essa teoria caracteriza-se pela análise quantitativa de dados, em que o estudo de fatores linguísticos (internos à língua) e extralinguísticos (externos à língua) leva à formação de regras variáveis. Segundo Labov (1969 *apud* Schwindt, 1995), as regras variáveis tratam de “[...] duas ou mais formas que representam o mesmo estado de coisas”. Para Bisol (1981, p. 25), as regras variáveis “[...] são aquelas em que fatores linguísticos e extralinguísticos impedem a aplicação plena”.

Os estudos sociolinguísticos consideram que a variação linguística não é fruto apenas de fatores internos à língua, uma vez que os fatores externos ou sociais também interferem nos processos variáveis. A consolidação da Sociolinguística Variacionista foi consequência de estudos importantes desenvolvidos por Labov (2008)²⁵ desde o surgimento da Teoria. Um desses trabalhos foi realizado em 1963, quando esse autor investigou a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ – em palavras como *right* e *house*, respectivamente –, na ilha de Martha’s Vineyard, localizada no estado de Massachusetts, nos Estados Unidos. A ilha era dividida em duas partes: a ilha alta (parte rural) e a ilha baixa (parte dos vilarejos), onde vivia a maioria da população permanente.

Segundo o Censo de 1960, viviam em Martha’s Vineyard 5.563 habitantes que se dividiam em quatro grupos étnicos: 1) os descendentes das velhas famílias de origem inglesa, que se fixaram na ilha inicialmente nos séculos XVII e XVIII; 2) os de ascendência

²⁵ Esse é o ano da tradução da obra original **Sociolinguistic Patterns**, publicada em 1972, para o português.

portuguesa; 3) os indígenas de Gay Head e 4) a mistura de várias origens: ingleses, franco-canadenses, irlandeses, alemães, poloneses.

Ao estudar os ditongos centralizados – nome dado às várias formas dos ditongos /ay/ e /aw/, que tinham os primeiros elementos mais altos que /a/ – na ilha, Labov (2008, p. 25) tinha como objetivo: “[...] entender a estrutura interna do inglês vineyardense, incluindo as diferenças sistemáticas que já existem e as mudanças que estão ocorrendo agora na ilha”. A investigação do fenômeno em estudo contou com 69 informantes, pouco mais de 1% da população, que foram assim divididos:

- **Quanto à área:** 40 pessoas da ilha alta e 29 da ilha baixa;
- **Profissão ou grupo ocupacional:** 14 pessoas na pesca; 8 na agricultura; 6 na construção; 19 no ramo de serviços; 3 profissionais liberais; 5 donas-de-casa e 14 estudantes;
- **Grupos étnicos:** 42 descendentes de ingleses; 16 descendentes de portugueses e 9 descendentes de índios.

As 69 entrevistas resultaram em 3.500 ocorrências de (ay) e 1.500 de (aw). Labov (2008) verificou que a centralização alcançou um pico no grupo com idade entre 31 e 45 anos. Quanto à distribuição geográfica, os moradores da ilha alta rural favoreceram mais a centralização do que os moradores da ilha baixa. No que se refere aos grupos ocupacionais, os pescadores foram os que mais centralizaram e, sobre os grupos étnicos, os descendentes de ingleses entre 31-45 anos centralizaram mais o ditongo /ay/, enquanto os descendentes de indígenas da mesma faixa etária centralizaram mais o ditongo /aw/.

Labov (2008) concluiu que os moradores da ilha baixa que queriam partir realizaram pouca ou nenhuma centralização. Já os moradores da ilha alta que tinham a intenção de ficar registraram um alto grau de ocorrência do fenômeno. Por isso, para o autor, a centralização dos ditongos pesquisados é uma marca de identidade dos moradores da ilha.

Outra pesquisa importante desse estudioso foi o estudo do *r* pós-vocálico falado em Nova Iorque, mais especificamente nas lojas de departamentos da cidade, realizado em novembro de 1962. Para a análise foram consideradas duas variantes: “[...] a presença ou a ausência da consoante [r] em posição pós-vocálica”. Segundo o autor, a ausência de *r* era estigmatizada e a presença do segmento era considerada uma variante de prestígio. O *corpus* da pesquisa foi composto por entrevistas e observações de fala em locais públicos (LABOV, 2008, p. 64).

Assim, esse pesquisador selecionou três lojas de *status* diferentes em Nova Iorque, quais sejam: a Saks da 5ª Avenida (de *status* superior), a Macy's (de *status* médio) e a S.

Klein (de *status* inferior). Ele obteve 68 entrevistas na Saks, 125 na Macy's e 71 na S. Klein. Foram 264 entrevistas realizadas, somando o tempo de seis horas e trinta minutos. Inicialmente, Labov (2008, p. 66) tinha três hipóteses para a relação entre o *status* da loja e o valor do /r/:

- “vendedores da loja de *status* mais alto vão apresentar os valores mais altos de (r)”;
- “os da loja de *status* médio vão apresentar valores intermediários de (r)”;
- “e os da loja de *status* mais baixo vão apresentar os valores mais baixos”.

Os resultados das análises dos dados mostraram que os empregados da Saks tiveram mais ocorrências de *r* do que os empregados da Macy's e da S. Klein. O autor chama a atenção para a diversidade de ocupação dos empregados em cada loja, visto que a realização de *r* ocorreu mais na Saks, em nível intermediário na Macy's e pouco na S. Klein. Na Macy's, onde a natureza das funções dos empregados era heterogênea, uma análise da fala dos chefes de seção, dos vendedores e dos repositores mostrou que o *r* foi mais realizado entre os primeiros (chefes de seção) do que entre os últimos (repositores). Já na Saks, onde havia diferenças entre o térreo da loja e os andares superiores, os informantes do térreo realizaram menos o *r* do que os informantes dos andares superiores e tiveram mais ocorrências da ausência de *r* do que os que trabalhavam nos demais andares.

De acordo com Labov (2008, p. 64-68), os salários dos funcionários das lojas “[...] não estratificam os empregados na mesma ordem”, pois, ao que tudo indicava, lojas, como a Saks, pagavam salários inferiores aos da Macy's. Entretanto, por trabalharem na loja de *status* superior, havia uma tentativa por parte dos funcionários da Saks em realizarem a variante de prestígio que, neste caso, era a presença do *r* pós-vocálico, pelo fato de que “[...] a variável linguística (r) é um diferenciador social em todos os níveis de fala de Nova Iorque”.

Labov (2008) afirma que, ao considerar o uso cotidiano da língua em uma comunidade, a Linguística redefiniu seu campo de estudo, mas muito ainda precisa ser feito no que se refere à descrição e análise das línguas e dos dialetos. Na verdade, o autor acredita que não se deve ignorar os dados de fala de uma comunidade, pois o falante real precisa ser considerado.

Para a Sociolinguística Variacionista, a língua possui estruturas invariantes (fatores sintáticos, semânticos, discursivos e lexicais, por exemplo) e estruturas variantes (os chamados fatores sociais, como sexo, idade, classe social e região geográfica). Ademais, essa teoria reconhece a heterogeneidade ordenada, pois, apesar de haver variação, haverá a sistematicidade. Assim, além do fato de lidar com dados de variação com vistas à mudança, a Teoria da Variação é assim conhecida por tratar de variáveis linguísticas e extralinguísticas.

Uma pesquisa baseada nos preceitos da Sociolinguística Variacionista precisa definir quais serão as variáveis dependentes – o que será estudado – e as independentes – que podem ser de natureza linguística e extralinguística. Neste estudo, por exemplo, a variável dependente é o abaixamento das vogais médias /e/ e /o/ na posição pretônica.

Em conformidade com a variável dependente, que tem esse nome por depender de fatores internos e/ou externos à língua para a análise do processo escolhido, definimos as variáveis independentes extralinguísticas. Foram levados em conta, nesta pesquisa, o sexo, a idade e o grau de escolaridade do informante e ainda as variáveis independentes linguísticas. Essas últimas foram selecionadas considerando o fenômeno fonológico em estudo, a leitura de textos sobre o abaixamento e os resultados obtidos em outros trabalhos que tratam do mesmo assunto ou de tema semelhante.

Com relação à mudança, a Sociolinguística Variacionista entende que ela não ocorre sem antes ter havido variação. Entretanto, a variação não implica mudança, pois duas formas podem conviver em harmonia por muito tempo sem que uma delas seja eliminada. Desse modo, estudar variação implica o estudo do processo e não do resultado pronto. Labov (2008, p. 21) explica que

[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo.

Assim, o estudo de uma língua deve considerar os fatores sociais ou extralinguísticos da população em análise. Em outras palavras, não se pode explicar as variações fonéticas, fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas da língua, com base apenas em critérios linguísticos. Outra característica da Sociolinguística Variacionista é a análise quantitativa, porque investiga dados e lida com eles em grande quantidade. Por isso, para se obter uma extensa quantidade de dados, Labov (2008) sugere a entrevista individual gravada e propõe dois métodos para controlar a relação entre entrevistado e entrevistador.

Segundo o autor, o primeiro método consiste na convivência com o informante e, o segundo, na observação do uso público da língua no cotidiano para saber como as pessoas usam a língua no dia-a-dia. Ao utilizar esses métodos, os objetivos de Labov (2008, p. 83) foram: “[...] observar o modo como as pessoas usam a língua quando não estão sendo

observadas” e fazer com que a entrevista gravada fosse executada da forma mais natural possível. Outra sugestão do autor para neutralizar a presença do pesquisador é usar sessões em grupo como forma de distrair os informantes e, assim, eles acabam se esquecendo de que estão sendo observados.

Contudo, acreditamos que atualmente não é necessário o uso de certos artifícios que Labov (2008) utilizou em suas pesquisas para neutralizar a presença do pesquisador. No estudo que fizemos em Monte Carmelo-MG, por exemplo, tivemos alguns casos de pessoas que queriam ser entrevistadas, mas não puderam ou por não terem nascido na cidade ou simplesmente por não preencherem o perfil de informante de que nós necessitávamos naquele momento. Uma orientação que deve ser seguida é a omissão do real motivo da entrevista para não prejudicar a análise da variável em estudo. Por isso, para a investigação do *r* nas lojas de departamento de Nova Iorque, Labov (2008) explica que ele se aproximava do vendedor (informante) como um cliente que queria informações sobre um departamento específico da loja, mas nunca dizia nada sobre o verdadeiro motivo de sua abordagem.

O autor afirma que as entrevistas rápidas e anônimas são um meio muito eficaz para a obtenção “[...] de informação sobre a estrutura sociolinguística de uma comunidade de fala”, mas ele ressalta que “A análise adequada da variável linguística é o passo mais importante da investigação sociolinguística”. Todavia, apesar de esse estudioso nos ensinar várias técnicas de como se abordar um informante e de como a entrevista deve ser feita de modo a se chegar ao vernáculo, mesmo que o informante não saiba que está sendo gravado, é preciso salientar que, atualmente, uma pesquisa sobre variação linguística não pode envolver a gravação de fala de um indivíduo sem que ele saiba (LABOV, 2008, p. 87-93).

Também não é necessário usar tantas técnicas diversificadas como as que o autor empregou em seus estudos, visto que as pessoas estão mais desinibidas hoje do que há quarenta anos, quando Labov (2008) desenvolveu seus trabalhos. Além disso, qualquer pesquisa que envolva pessoas deve passar por um Comitê de Ética, como ocorreu conosco na Universidade Federal de Uberlândia. Esse Comitê avalia o projeto de pesquisa, além de exigir uma série de documentos que comprovem a real participação do informante e os possíveis riscos que ele pode correr ao participar do estudo.

Sobre a entrevista, Tarallo (1994) aconselha que ela deve levar o informante a contar narrativas pessoais, pois assim ele não se preocupará com o seu modo de fala, mas com o que fala. Labov (2008) sugere que o entrevistador deve fazer perguntas sobre risco de vida, porque esse tema costuma fazer com que o informante reviva toda a situação de risco e,

assim, dê menos atenção ao como fala, podendo até falar mais do que falou no decorrer da entrevista, conforme o próprio autor comprovou.

Entretanto, em nossa pesquisa com os moradores carmelitanos, constatamos que nem sempre o informante mostrou-se interessado em responder perguntas sobre risco de vida. Alguns disseram que nunca tinham passado por nenhuma situação de risco ou que não se lembravam de ter passado por isso. Nesses casos, logo mudávamos de assunto para um tema que levasse o entrevistado a falar mais, fazendo perguntas sobre suas aspirações, seus sonhos e sobre o que ele faria se ganhasse muito dinheiro na loteria, por exemplo. Na verdade, acreditamos que o tema motivador para uma boa conversa é bem relativo e depende muito dos gostos e da história de vida de cada entrevistado, porque o que pode ser assunto para um informante, nem sempre levará outro a falar.

Silva (2007) lembra que a postura do entrevistador durante a gravação também é fundamental para que o entrevistado se sinta mais à vontade. A autora explica que é preciso deixar o informante falar e estimulá-lo, mostrando que se está interessado no que ele conta. Silva (2007, p. 127) ressalta ainda que o pesquisador deve elaborar bem as perguntas que fará ao entrevistado, pois “Outro perigo de impedir o falante de falar é formular perguntas de tal forma que ele seja induzido a responder *sim* ou *não*, [...], é perda de tempo”, o que é verdade.

Em meio a essas dificuldades, Tarallo (1994) propõe que o pesquisador elabore um roteiro de perguntas para servir como guia da entrevista. Esse roteiro ou questionário pode abordar temas comuns ao cotidiano e à vida do informante, tais como: origem; infância; tempos de escola; relacionamentos; lazer e aspirações do entrevistado. Mas, como percebemos nas entrevistas com os moradores carmelitanos, quase sempre o roteiro não foi usado e, quando foi, serviu apenas como uma ponte entre a entrevistadora e o informante. Como não nos conhecíamos, em alguns casos, o entrevistado preferiu ver o roteiro antes para saber quais perguntas poder-lhe-iam ser feitas ou para apontar algum assunto sobre o qual gostaria de falar.

A seguir, apresentamos o município de Monte Carmelo-MG, onde este estudo foi realizado.

3.2 A Cidade de Monte Carmelo-MG

O município de Monte Carmelo-MG²⁶ era habitado, inicialmente, por índios das tribos “Caiapós” e “Araxás”, mas os primeiros movimentos que deram origem ao povoado começaram em 1840, com a chegada de moradores de São João del Rei e Itapecerica para a cidade carmelitana. Eles foram para o município, atraídos pela descoberta de garimpos de diamante em Estrela do Sul, que, na época, se chamava “Bagagem”. Como o ambiente dos garimpos era pouco recomendado para as famílias e também devido ao clima saudável e à excelente água da região, os garimpeiros optaram por deixar suas famílias em Monte Carmelo-MG. Assim, essas pessoas instalaram-se às margens do “Córrego Mumbuca”, onde hoje fica o bairro Tamboril.

Os primeiros moradores da cidade mineira contam que lá vivia uma generosa fazendeira chamada D. Clara Chaves que doou um terreno de seis léguas quadradas aos moradores, para que eles construíssem uma capela para Nossa Senhora do Carmo, de quem era devota. Nesta área, foi construída a Praça da Matriz, onde os moradores fizeram suas casas em torno da primeira Igreja e, assim, formou-se o “Arraial do Carmo da Bagagem”.

Em 1882, o “Arraial” foi elevado à categoria de “Vila”, passando a se chamar “Nossa Senhora do Carmo da Bagagem”. Dez anos depois, a “Vila” passou a ser designada como uma cidade e recebeu o nome de “Monte Carmelo”, que é o nome de uma montanha existente no litoral de Israel, nas proximidades da cidade de Haifa. “Carmelo”, em hebraico, significa “uvas de Deus” e como Carmo da Bagagem fica próxima a um monte semelhante ao da antiga Palestina, onde se encontra a sede da Congregação das Carmelitas, o nome “Monte Carmelo” foi escolhido em consideração ao local, onde se fundou a Ordem de Nossa Senhora do Carmo e, também, ao monte nas proximidades da cidade.

Sobre os serviços oferecidos no município mineiro, em nosso contato com os habitantes carmelitanos, a educação foi apontada como um serviço público de qualidade na cidade, onde existem seis escolas estaduais de Ensino Fundamental, três escolas estaduais de Ensino Médio, dois colégios particulares com Ensino Fundamental e Médio; três Instituições de Ensino Superior particular e, mais recentemente, um dos *campi* da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), inaugurado no primeiro semestre de 2011 com três cursos: Agronomia, Engenharia de Agrimensura e Cartográfica e Sistemas de Informação.

²⁶ As informações contidas nesta seção sobre o município de Monte Carmelo-MG podem ser encontradas na página do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) na internet: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=314310&search=minas-gerais|monte-carmelo|infograficos:-historico>, Acessado em: 10 nov. 2013.

A chegada da UFU na cidade é vista por todos os entrevistados como um ponto positivo para o desenvolvimento de Monte Carmelo-MG. Devido à implantação da Universidade no município, os moradores acreditam na melhoria de diversos setores, como transporte, lazer e mais oportunidades de emprego.

A principal atividade econômica da cidade é a produção de telhas, tijolos e artefatos ligados à cerâmica. Além da produção desses objetos, Monte Carmelo também se destaca na produção de café para exportação, juntamente com outras três cidades mineiras: Araguari, Uberaba e Patrocínio.²⁷



Figura 18 - Vista aérea da cidade de Monte Carmelo-MG

Fonte: Disponível em: <http://jornalespiritamontecarmelo.blogspot.com.br/p/fotos-de-monte-carmelo-mg-brasil.html>, Acessado em: 10 nov. 2013.

De acordo com dados²⁸ do IBGE, a população estimada para Monte Carmelo, em 2013, é de 47.595 pessoas. Em 2010, o Censo realizado pelo Instituto registrou 45.772 habitantes, sendo 23.066 homens e 22.706 mulheres. Quanto à localização, a cidade carmelitana possui uma área correspondente a 1.343,035 km², dista 503 km da capital de

²⁷ As informações sobre a economia e sobre a localização de Monte Carmelo-MG podem ser encontradas no *site* da *Wikipédia*: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Monte_Carmelo_\(Minas_Gerais\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Monte_Carmelo_(Minas_Gerais)), Acessado em: 10 nov. 2013.

²⁸ Esses dados estão disponíveis no *site* do IBGE:

<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=314310> e

<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=314310&idtema=16&search=minas-gerais|monte-carmelo|síntese-das-informacoes>, Acessado em: 10 nov. 2013.

Minas Gerais, Belo Horizonte, e está localizada, aproximadamente, a 110 km de Uberlândia. Nas Figuras 19 e 20, podemos conferir a localização do município em Minas Gerais e, com relação à capital mineira, Belo Horizonte.



Figura 19 - Localização de Monte Carmelo em Minas Gerais

Fonte: Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Monte_Carmelo_\(Minas_Gerais\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Monte_Carmelo_(Minas_Gerais)),
Acessado em: 10 nov. 2013.



Figura 20 - Localização de Monte Carmelo em relação à capital de Minas Gerais

Fonte: Disponível em: <http://icvmudi.blogspot.com.br/2009/10/santa-ceia-em-monte-carmelo-mg.html>, Acessado em: 10 nov. 2013.

Após conhecer um pouco da história de Monte Carmelo-MG, onde esta pesquisa foi realizada, na seção seguinte, tratamos da constituição da amostra, em que explicamos como foi feita a escolha dos informantes que participaram deste estudo.

3.3 A Constituição da Amostra

Com início em 2005, na Universidade Federal de Uberlândia, em Minas Gerais, o Grupo de Estudos em Fonologia – GEFONO –, coordenado pelo Prof. Dr. José Sueli de Magalhães, surgiu com o objetivo de aprofundar os estudos em Fonologia, Morfologia, Morfofonologia e Aquisição Fonológica, além de estimular o interesse dos alunos e da comunidade acadêmica do Curso de Letras em realizar pesquisas nessas áreas. Para tanto, o GEFONO visa construir um banco com dados de fala do Triângulo Mineiro, para isso, conta com estudos realizados, em diversas cidades da região, por nós, membros do Grupo.

Assim, a amostra que constitui essa pesquisa foi definida pelo GEFONO e consiste nos dados da fala espontânea de 24 informantes, sendo 12 homens e 12 mulheres, que foram selecionados pelo método da estratificação aleatória, de acordo com *sexo*, *faixa etária* e *grau de escolaridade*. A escolha dessas três variáveis extralinguísticas e o fato de serem dois informantes por célula foram definidos com base na Sociolinguística Variacionista, que analisa a variação, considerando fatores externos à língua e, também, devido ao período de dois anos que tivemos para desenvolver essa pesquisa, um número superior a dois informantes seria inviável para um pesquisador no Curso de Mestrado.

A distribuição dos 24 informantes, conforme as variáveis citadas, foi feita da seguinte forma:

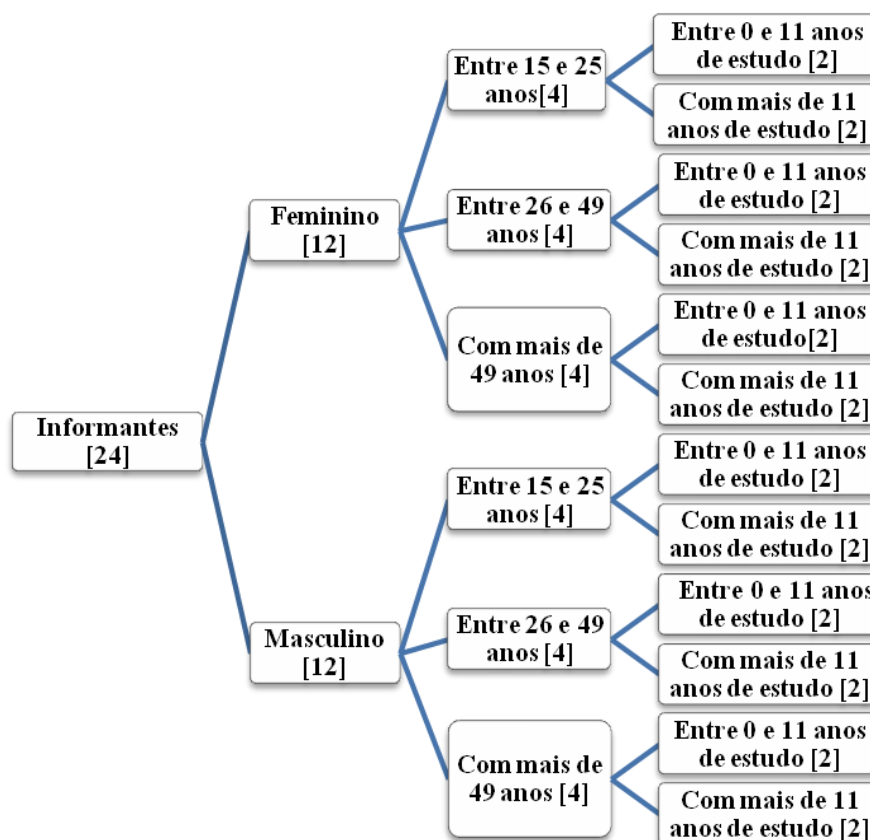


Figura 21 - Distribuição dos informantes de acordo com sexo, faixa etária e grau de escolaridade

Além de preencher o perfil exposto no diagrama acima, o informante selecionado para essa pesquisa deveria obedecer a três critérios:

- ter nascido em Monte Carmelo ou ter ido para a cidade com até cinco anos de idade;
- não ter se ausentado do município carmelitano por mais de dois anos consecutivos;
- estar disposto a ser entrevistado e, portanto, a participar desse estudo.

Assim que a seleção dos informantes foi feita, o próximo passo foi coletar e selecionar os dados relevantes para este trabalho – tema da seção seguinte.

3.3.1 A coleta e a seleção dos dados

Como foi exposto na seção anterior, nesta pesquisa, utilizamos dados de 24 entrevistas feitas com moradores de Monte Carmelo-MG, que foram coletadas individualmente na casa ou no local de trabalho dos informantes. Todas essas entrevistas foram realizadas pela pesquisadora, entre janeiro de 2009 e março de 2011²⁹, e fazem parte do banco de dados do

²⁹ Aproveitamos nove entrevistas feitas durante a Iniciação Científica e fizemos as outras quinze que faltavam para a Pós-Graduação, entre os anos de 2010 e 2011.

GEFONO. Para coletar as entrevistas, cuja duração média foi de trinta minutos, utilizamos um gravador de voz convencional, em que as gravações são feitas em pequenas fitas. Cada fita contém as falas de dois informantes que, posteriormente, foram convertidas em CD para facilitar o trabalho de transcrição e, também, para preservar o conteúdo das fitas.

Para ter acesso às entrevistas, Labov (2008) ressalta a importância de o pesquisador estar com alguém conhecido da comunidade em estudo para que a abordagem de seus possíveis informantes seja feita de forma mais confiável. Isso aconteceu conosco durante toda a coleta de dados em Monte Carmelo-MG e pudemos notar que a presença de uma pessoa conhecida fez diferença na aceitação dos moradores em participar da pesquisa. Então, inserimos-nos na comunidade de fala, onde pudemos conquistar a confiança dos moradores e selecionar os possíveis informantes. Nesse primeiro contato com o futuro entrevistado, explicamos como a entrevista seria feita, ressaltando a preservação da identidade do informante e que a entrevista só seria realizada com o seu consentimento.

Durante cada entrevista, estivemos com um roteiro de perguntas que foi feito a partir do questionário que Viegas (1987) elaborou para a sua pesquisa. Assim, criamos o nosso próprio roteiro (Anexo 1) com 87 questões relacionadas à cidade e ao dia-a-dia do entrevistado para nos servir como um guia no momento da gravação. Na verdade, esse roteiro tinha o objetivo de desinibir o informante para que ele não se preocupasse com a sua maneira de se expressar, dando atenção apenas ao conteúdo de sua fala. Entretanto, durante as entrevistas, procuramos estabelecer uma conversa informal com o entrevistado, por meio de perguntas sobre temas variados que fizessem parte do cotidiano dele, tais como: relacionamentos, lazer, os tempos de infância, a época da escola e aspirações, para que ele se sentisse mais à vontade e disposto a falar.

Por esse motivo, o roteiro foi útil apenas para escolher o tema das perguntas em alguns casos que o informante queria saber quais questões poderiam ser perguntadas a ele. Com exceção desse tipo de situação, praticamente não houve necessidade de utilizar esse recurso, uma vez que os informantes mostraram-se interessados e, quase sempre, dispostos a responder o que lhes foi perguntado. Desse modo, verificamos que o roteiro de perguntas serviu mais como um suporte do que um material de uso frequente, pois os informantes, em sua maioria, não se mostraram tão inibidos quanto imaginávamos durante a leitura dos textos de Labov (2008) e Tarallo (1994).

De posse das 24 entrevistas gravadas, o próximo passo foi transcrevê-las ortograficamente. Essa transcrição procura retratar com fidelidade exatamente o que o entrevistado diz e faz, como gestos e risos, além de imprevistos que podem ocorrer durante a

gravação, como um telefone que toca ou um cachorro que late. Feita a transcrição, a etapa seguinte foi selecionar os dados referentes à manutenção e ao abaixamento das vogais médias altas /e/ e /o/ na posição pretônica. Para exemplificar essa etapa do trabalho de transcrição e seleção dos dados, utilizamos alguns trechos da entrevista³⁰ feita com um informante do sexo masculino, que pertence à faixa etária entre 26 e 49 anos de idade e possui mais de 11 anos de estudo.

E: Boa noiti.

I: Boa noiti.

E: Intão, comu qui é morá aqui im Monti Carmelu?

I: Eu... eu gostu, acostumei, cunhicí ôtas cidadis, <revisitei>, mais achu u ritimu di vida aqui *gostosu*, a... as coisa aqui na cidadi du **interior** acontéci mai divagá, mais eu achu qui é um ritimu **legal**. Eu gostu, cunheçu todú mundu, moru aqui há muitus anu, criei, nascí. Intão, assim, eu já mi vi *moranu* im ôtas cidadis maioris, por **exemplu**, i tenhu até medu di di não mi adaptá, si casu um dia eu picisá mudá pa uma cidadi maior, eu tenhu até medu di di não mi adaptá. Intão, eu gostu di Monti Carmelu, apesar dus meus filhu *morari* (= morarem) im Ubêrlândia, eu, uma vez, até já quis mudá pra lá, puque foi um, **depois** foi ôtu, **depois** foi u ôtu. I: às vezis qui eu vô im Ubêrlândia a négóciu, eu ficu doidu pra voltá. É muito agitada, muito curridu as coisa lá, eu achu muito complicadu. Intão, eu achu muito bom, achu *gostosu morá* aqui.

[...]

E: I você vê muita diferença da sua infância pra infância das crianças di hoji?

I: Veju. Nós [a] mais velhu, a genti custuma muito... aí nós somus um pôcu *saudosistas*, a genti custuma muito lembrá u passadu, mais eu lembriu u meu passadu cum saudadis. Eu mi sintu assim uma **pessoa privilegiada**, puque quandu eu lembriu du meu passadu, eu num consigu lembrá di coisas ruins, só coisas boas, desdi quandu eu tinha dois ou três ou quatu anus, eu brincava cum **velocípedi*** i ganhava sem roda. Amarrávamus uma corda, saía uns mininu puxanu, puque num tinha rodinha, era **velocípedi*** usadu, aquelis <velótron> antigu. Intão, eu só lembriu di coisas boas, subinu im pé di manga, panhanu (= apanhando) caju, pé di caju, é: **pescandu**, nadanu im córregu. Aus dumingu, a genti ia pa dibaxu du <pé di manga> per'di casa pa fazê gangorra. U **pessual** lévava aquelas vitrola antiga, *movida* a pilha, di tóca

³⁰ Legenda: E: entrevistadora; I: informante; {inint}: palavra ou trecho ininteligível; < >: quando há dúvidas com relação à palavra pronunciada; **palavra**: tem a pretônica realizada como [e]; palavra: tem a pretônica realizada como [ɛ]; *palavra*: tem a pretônica realizada como [o]; palavra: tem a pretônica realizada como [ɔ]; palavra*: significa que há mais de uma vogal pretônica para ser analisada.

discu. Intão, assim, a genti num tinha é todas as *mordomias** ou [téqui] *téquinologia** di hoji, né? Tantu é qui quandu eu fui... ia dá *présenti* pus meus filhus, eu nunca dei... nunca quis dá **presenti** cum pilhas ou qui fizessi, fizessi... brincassi sozim. Eli põe u carrim, u carrim faiz tudu. Não. (barulho de pessoas conversando) Sempri dei brinquedus pra elis di montá, essas coisa, pra elis *podê* brincá, puque hoji tudu é tão fácil. É us jogus *élétrônicus**, por **exemplu**, né? A criança pérdi a criatividadi, é: elis ficam muito *bitóladu* naquilu. Aqui mesmu tem dois nótibuqui (= notebook), tem um computador ali, intão, tudu hoji é muito virtual. Intão, assim, eu sempri *priorizei* muito fazê as coisa. A genti brincá juntu ou fazê as coisa juntu... a a criança. Intão, a **educação** mudô muito nessi aspequitu. Us pais hoji istão bem mais **perdidus** du que antigamenti, puque eu tamém num... quandu us meus filhus nasceram, eram us primerus, né? Eu nunca tinha tidu filhus, *portantu*, num tinha **ixperiência** nenhuma nessi ramu. Mas é: eu *procurei* mi *infórmá*.

(Informante 23, sexo masculino, 26-49 anos, +11)

Assim que todos os dados foram selecionados, eles foram codificados e analisados com a ajuda de um programa estatístico, o *GoldVarb X*. Para que o programa seja capaz de ler os dados codificados, é preciso criar um código para cada variável³¹ definida para a pesquisa e para seus respectivos fatores. Esse código³² pode ser feito com letras, números ou símbolos. Como exemplo de uma codificação, temos a palavra dif[ε]rente, que apareceu na fala do informante 23:

³¹ A variável linguística é composta por um grupo de fatores. Por exemplo, a qualidade da vogal da sílaba tônica é uma variável linguística e os fatores dessa variável são as vogais tônicas orais e as vogais tônicas nasais.

³² Neste trabalho, adotamos apenas letras e números, como veremos no exemplo de uma codificação que está na página seguinte. Para mais detalhes, os códigos que criamos estão descritos no Anexo 2 desta dissertação.

(2kfsktemqn01vawmas différenti

Em que:

2 = realização de [ε] na sílaba pretônica

k = consoante (contexto precedente)

f = fricativa (modo de articulação do contexto precedente)

s = labiodental (ponto de articulação do contexto precedente)

k = consoante (contexto seguinte)

t = tepe (modo do contexto seguinte)

e = alveolar (ponto de articulação do contexto seguinte)

m = vogal média-alta (altura da vogal tônica)

q = vogal anterior (posição da vogal tônica)

n = vogal nasal (qualidade da vogal tônica)

0 = distância zero (da sílaba tônica)

1 = distância de uma sílaba (do início da palavra)

v = sílaba pretônica leve - CV (tipo de sílaba pretônica)

a = adjetivo (item lexical)

w = informante 23

m = sexo masculino

a = idade do informante (entre 26 e 49 anos de idade)

s = com mais de 11 anos de estudo (grau de escolaridade do informante)

Após a codificação de todos os dados, o próximo passo foi analisá-los por meio do *GoldVarb X*, o assunto da seção seguinte.

3.4 O Programa Estatístico

Conforme Freitag e Mittmann (2005, p. 3), o *GoldVarb* é “[...] uma ferramenta de análise estatística [...], sendo utilizado especialmente para o tratamento estatístico de regras variáveis em estudos sociolinguísticos”. Para esse estudo, utilizamos o *GoldVarb X*, uma das versões disponíveis do programa para análise estatística de regras variáveis. O objetivo desse tipo de análise é “[...] separar, quantificar e testar a significância dos efeitos de fatores contextuais em uma variável linguística” (GUY; ZILLES, 2007, p. 34). Esses fatores condicionantes podem ser tanto linguísticos (o efeito, por exemplo, da consoante precedente

para o abaixamento da vogal média pretônica) como extralinguísticos (como o efeito da idade dos informantes na pronúncia de g[o]star *versus* g[ɔ]star).

O primeiro passo para a análise de uma regra variável é definir a variável linguística. A definição dessa variável implica a identificação de variantes, ou seja, o que é e o que não é uma ocorrência da variável em estudo (GUY; ZILLES, 2007, p. 36). Além disso, é preciso ter em mente o envelope de variação, que indica onde a variação ocorre e onde ela não pode ocorrer de forma alguma. Após essa primeira etapa, e de posse dos dados, o pesquisador elabora códigos, que podem ser números, letras ou símbolos, para cada variável que tiver sido definida para o estudo. Um exemplo de como a codificação pode ser feita foi mostrado na seção anterior, em que discorremos sobre a coleta e a seleção dos dados.

Para a palavra *sofá*, por exemplo, que apareceu na entrevista do Informante 3, fizemos a seguinte codificação:

(3kfeksbco00vscmjp sofá

Podemos observar que antes do início da codificação, um parêntese foi aberto. Isso é feito para o programa poder identificar os dados codificados. Após o último dado codificado, o parêntese é fechado. Essa codificação é salva no *arquivo de dados* (.tkn) do *GoldVarb X* e, em seguida, na seção *Tokens > generate factor specification*, podemos conferir todos os dados para saber se há algum erro no que foi codificado. Se algum erro for detectado, o pesquisador pode fazer a correção imediatamente e continuar a análise.

Assim que a conferência for feita, o programa abre a janela do *arquivo de condições* (.cnd) e a seção *Tokens > no recode* irá mostrar a variável dependente em estudo e quantos grupos fazem parte da análise. Ainda no *arquivo de condições*, a seção *Cells > load cells to memory* fornecerá ao pesquisador os primeiros dados da análise, quando o programa apresenta a seleção de células no arquivo (.cel) e no *arquivo de resultados* (.res). Nesse momento da análise, alguns dados poderão chegar a 0% ou 100%, o que significa que eles estão em *nocaut*³³, ou seja, com os fatores para os quais os dados representam a aplicação ou a não aplicação da regra. Em outras palavras, se o fator estiver acima de 95% ou abaixo de 5%, não há variação. Por isso, esses dados precisam ser retirados da rodada³⁴. Para esse procedimento ser feito, é necessário voltar ao *arquivo de condições* (.cnd) e eliminar os *nocauts* presentes nos grupos que compõem a análise. Depois que os *nocauts* forem eliminados, checka-se todos os grupos, mas é importante salvar novamente o *arquivo de condições* (.cnd).

³³ Do inglês *knockout*, que é como aparece no programa.

³⁴ A rodada é a execução de uma análise pelo programa estatístico.

Feito isso, nesse mesmo arquivo, a seção *Cells > load cells to memory* abrirá um novo *arquivo de resultados* (.res), em que o pesquisador deve verificar se todos os *nocautes* foram retirados. Os resultados ainda com *nocaute* devem aparecer primeiro, seguidos pelos sem *nocaute*. Após essa verificação, basta entrar no *arquivo de resultados* (.res) e dar início a rodada dos dados, na seção *Cells > binomial up and down*. Assim que a rodada for concluída, o pesquisador poderá conferir, no *arquivo de resultados* (.res), a melhor corrida da rodada *stepping up* (em *Best stepping up run*) e poderá confirmar o resultado encontrado na rodada *stepping down* (em *Best stepping down run*).

A partir da melhor corrida, o pesquisador poderá montar as tabelas com os resultados da sua análise, uma vez que ele já terá acesso aos percentuais e aos pesos relativos referentes aos dados analisados. Os percentuais expressam a tendência de a variável dependente ocorrer em diferentes contextos. O peso relativo apenas confirma essa tendência, por meio de valores no intervalo de 0 a 1. Quanto mais próximo de 1, mais favorecedor é o efeito do fator na ocorrência da variável em um dado contexto, quanto mais próximo de 0, mais desfavorecedor, e se estiver em torno de 0,5 é considerado ponto neutro, ou seja, não favorece e nem desfavorece o fenômeno em estudo.

Nessa seção, nossa intenção não foi elaborar um manual para o uso do programa estatístico, mas procuramos fornecer ao leitor uma visão geral de como lidar com o *GoldVarb X*. É importante salientar que, a cada etapa da análise, o pesquisador deve salvar tudo o que for sendo feito e manter abertas todas as janelas que forem de uso do programa. Os procedimentos que descrevemos acima são válidos apenas para uma variável dependente, por exemplo, em nosso estudo estudamos a variação de /e/ e de /o/, então, fizemos duas rodadas separadamente, uma para /e/ e outra para /o/. Ainda assim, é importante que o pesquisador faça sempre mais de uma rodada para cada variável dependente e confronte os resultados encontrados, pois se ocorrerem discrepâncias de uma análise para outra, algo está errado.

3.5 Definições das Variáveis

Nesta seção, apresentamos as variáveis dependentes e as independentes que foram selecionadas para este estudo.

3.5.1 Variável dependente

A variável dependente é o que será estudado. Nesse estudo, a variável dependente é o abaixamento das vogais médias /e/ e /o/ na posição pretônica. A ocorrência e a não ocorrência

do abaixamento das vogais /e/ e /o/ nessa posição, que são as duas variantes da variável dependente em estudo, são representadas da seguinte forma:

- [e] e [o]: para indicar a manutenção, como em: m[e]lhor e c[o]lega
- [ɛ] e [ɔ] para indicar o abaixamento, como em: m[ɛ]lhor e c[ɔ]lega

3.5.2 Variáveis independentes

As variáveis independentes representam os grupos de fatores que atuam sobre a variável dependente. Esses fatores podem ser de natureza linguística ou extralinguística. Para esse estudo, selecionamos dezesseis variáveis independentes, sendo treze linguísticas e três extralinguísticas, que são apresentadas, a seguir, na ordem em que aparecem na codificação dos dados.

3.5.2.1 Variáveis independentes linguísticas

Essas variáveis “[...] expressam as pressuposições que se tem a respeito da influência que certos fatores possam exercer sobre o fenômeno em estudo” (SILVA, 2009, p. 113). A seguir, portanto, apresentamos as variáveis linguísticas que acreditamos serem relevantes para o estudo do abaixamento das vogais médias pretônicas no dialeto de Monte Carmelo-MG.

3.5.2.1.1 Contexto precedente

Por acreditarmos que o segmento precedente à vogal pretônica analisada seria relevante para o abaixamento de /e/ e de /o/, por meio dessa variável, pretendíamos identificar se uma **consoante** (di[f]erente; [g]ostar)³⁵, uma **vogal** (r[e]leito; v[i]olência) ou uma **pausa** (#exemplo; #oração) favoreciam ou desfavoreciam o processo em estudo para as vogais médias altas, em posição pretônica, na fala dos habitantes carmelitanos. Assim, analisamos o segmento precedente à vogal pretônica quanto ao modo e ao ponto de articulação.

3.5.2.1.2 Modo de articulação do contexto precedente

Conforme Bisol (1981) e Silva (2009) comprovaram em seus estudos, o segmento que precede a vogal pretônica exerce uma influência relevante sobre ela. Com essa variável,

³⁵ Os exemplos utilizados para apresentar as variáveis independentes linguísticas servem para ilustrar os fatores aos quais nos apoiamos para a análise dos dados. Por isso, não significa que o abaixamento das vogais médias ocorreu exatamente com essas palavras.

tínhamos como objetivo identificar qual o contexto precedente que favorecia ou não a variação de /e/ e de /o/. Quanto ao modo de articulação, os segmentos precedentes foram divididos em:

- **nasal** ([m]elhor; [n]ovela);
- **oclusiva** ([p]eroba; [b]olada);
- **fricativa** ([v]estibular; [f]ormado);
- **líquidas** ([l]egal; [x]odada);
- **pausa** (#elenco; #olhar);
- **tepe** (escu[r]ecer);
- **vogal**³⁶ **baixa** ([a])³⁷;
- **vogal média baixa** ([ɛ], [ɔ]);
- **vogal média alta** (r[e]eleito);
- **vogal alta** (v[i]olência).

3.5.2.1.3 Ponto de articulação do contexto precedente

Quanto ao ponto de articulação, os segmentos precedentes foram assim divididos:

- **velar** ([x]eceber; [k]oração);
- **alveolar** ([d]efende; [t]omada);
- **labial** ([p]eroba; [b]olada);
- **palatal** (co[n]ecimento; me[ʎ]orar);
- **pausa** (#evangélica; #operou);
- **labiodentais** (di[f]erente; in[v]ocado);
- **pós-alveolares** ([ʒ]esus; [ʃ]ocada);
- **vogal baixa** ([a]);
- **vogal média baixa** ([ɛ], [ɔ]);
- **vogal média alta** (r[e]eleito);
- **vogal alta** (pr[i]oridade).

³⁶ Neste trabalho, não atribuímos pontos e modos de articulação para as vogais, mas reconhecemos que, para Chomsky e Halle (1968), esses segmentos são classificados da mesma forma que as consoantes quanto ao ponto de articulação, ou seja, uma vogal pode ter o traço [dorsal], [labial] ou [coronal].

³⁷ Como todos os exemplos citados nesta seção foram extraídos do *corpus* desta pesquisa, houve casos em que não encontramos nenhuma ocorrência. Por isso, há alguns fatores que não possuem exemplos.

3.5.2.1.4 Contexto seguinte

Devido à importância que essa variável obteve em outros estudos – como o de Silva (2009) –, tínhamos uma hipótese de que o segmento seguinte à vogal /e/ ou /o/ analisada também seria considerado favorecedor do abaixamento dessas vogais na fala dos habitantes carmelitanos. Assim como fizemos para o contexto precedente, por meio dessa variável pretendíamos verificar se uma **consoante** (le[v]ar; pro[b]lema) ou uma **vogal** (ide[a]l; re[e]leito) condicionava ou inibia o abaixamento de /e/ e de /o/, na sílaba pretônica no dialeto de Monte Carmelo-MG. Por essa razão, analisamos o segmento seguinte à vogal pretônica quanto ao modo e ao ponto de articulação.

3.5.2.1.5 Modo de articulação do contexto seguinte

O estudo de Silva (2009) sobre o abaixamento das vogais médias pretônicas revelou que o contexto seguinte também é importante para investigar o comportamento das vogais nessa posição. Por isso, neste estudo, a nossa intenção era saber se um segmento seguinte às vogais na posição pretônica favorecia ou não a variação de /e/→[ɛ] e de /o/→[ɔ].

Quanto ao modo de articulação, os segmentos seguintes foram divididos em:

- **nasal** (ave[n]ida; mo[m]ento);
- **oclusivos** (de[p]ressão; pro[b]lema);
- **fricativos** (pre[f]iro; le[v]ado);
- **líquidas** (me[ʎ]or; co[l]ega);
- **tepe** (pode[r]ia; o[r]ação);
- **africadas** (acre[dʒ]itar; me[dʒ]icina);
- **vogal baixa** (re[a]l; abenço[a]do);
- **vogal média baixa** (core[ɔ]grafa);
- **vogal média alta** (re[e]leito);
- **vogal alta** (ve[i]culo).

3.5.2.1.6 Ponto de articulação do contexto seguinte

Quanto ao ponto de articulação, os segmentos seguintes foram assim divididos:

- **velar** (ne[g]ócio; to[k]ar);
- **alveolar** (de[z]esseis; go[s]tar);
- **labial** (rece[b]er; co[m]eça);

- **palatal** (me[ʎ]or; o[ʎ]ada);
- **labiodentais** (ele[v]ado; pro[f]essor);
- **pós-alveolares** (fe[ʃ]ado);
- **vogal baixa** (ide[a]l; abenço[a]do);
- **vogal média baixa** (core[ɔ]grafa);
- **vogal média alta** (re[e]leito);
- **vogal alta** (ve[i]culo).

3.5.2.1.7 Altura da vogal da sílaba tônica

Os resultados obtidos por várias pesquisas (BISOL, 1981; SCHWINDT, 1995; DIAS, 2008) sobre as vogais têm mostrado que a vogal tônica é uma das principais motivadoras para a ocorrência de processos que envolvem as vogais pretônicas, como a harmonia vocálica, o abaixamento e o alçamento. Então, por meio dessa variável, pretendíamos comprovar ou refutar a hipótese que formulamos para esta pesquisa de que o processo da harmonia vocálica influencia o abaixamento de /e/ e de /o/ na fala da comunidade carmelitana. Desse modo, as vogais tônicas foram analisadas de acordo com os seguintes graus de altura:

- **altas** /i, u/ (acred[i]to; prod[u]to);
- **médias altas** /e, o/ (conhec[e]r; diret[o]r);
- **médias baixas** /ɛ, ɔ/ (rem[ɛ]dio; rel[ɔ]gio);
- **baixa** /a/ (deleg[a]do).

3.5.2.1.8 Posição articulatória da vogal da sílaba tônica

Com relação a essa variável, nosso objetivo era saber se a posição da vogal da sílaba tônica favorecia o abaixamento das vogais médias na posição pretônica, pois os resultados obtidos por Viana (2008) revelaram que as vogais tônicas anteriores favorecem a variação de /o/→[ɔ] nessa posição, mas, para a variação de /e/→[ɛ], essa variável foi eliminada por não oferecer contexto para o processo ocorrer. Assim, as vogais tônicas foram divididas em:

- **frontais**³⁸ /ɛ, e, i/;
- **central** /a/;

³⁸ A classificação da vogal em frontal, central e posterior não se refere ao traço do segmento vocálico, mas ao gesto articulatório (Câmara Jr., 2006). Para a Fonologia Gerativa, Chomsky e Halle (1968) postularam em sua teoria de traços distintivos que todas as vogais são redundantemente [- anteriores], por serem pronunciadas sem nenhuma obstrução.

- **posteriores** /ɔ, o, u/.

3.5.2.1.9 Qualidade da vogal da sílaba tônica

Como revelaram os resultados de algumas pesquisas já realizadas, principalmente a de Dias (2008), a qualidade da vogal tônica é relevante para o abaixamento de /e/ e de /o/ na posição pretônica. Para verificar se essa variável também favorecia a realização de [ɛ] e de [ɔ] no dialeto carmelitano, analisamos as vogais tônicas:

- **orais** (proc[ɛ]sso);
- **nasais** (oraç[ẽ]o).

3.5.2.1.10 Distância da vogal média pretônica com relação à sílaba tônica

Com base em uma das hipóteses que formulamos e considerando o resultado encontrado por outros pesquisadores (VIANA, 2008) para essa variável, quanto mais próxima da sílaba tônica, maior a probabilidade de ocorrência do abaixamento tanto de /e/ quanto de /o/ e, quanto mais distante, menor é essa probabilidade. Desse modo, essa variável nos permite verificar se a quantidade de sílabas existente entre a sílaba pretônica e a tônica favorece ou não o processo de abaixamento das vogais pretônicas /e/ e /o/, em Monte Carmelo-MG.

Assim, com o objetivo de confirmar ou não a hipótese que formulamos para este estudo, estabelecemos quatro distâncias de sílabas entre a vogal tônica e a vogal pretônica analisada:

- **distância zero** (remédio; costura);
- **distância de uma sílaba** (evangélica; cochilar);
- **distância de duas sílabas** (precisaria; movimentado);
- **distância de mais de duas sílabas** (recuperação; possibilidade).

3.5.2.1.11 Distância da vogal média pretônica com relação ao início da palavra

Conforme os resultados encontrados por Dias (2008), no dialeto de Piranga-MG, as palavras cuja vogal pretônica /e/ estava na primeira sílaba mostraram-se mais suscetíveis ao abaixamento do que palavras que tinham a pretônica mais distante do início da palavra. Por acreditarmos que essa variável poderia ser relevante para o abaixamento de /e/ e também de /o/ na sílaba pretônica no dialeto carmelitano, assim como fizemos para a variável anterior,

para essa variável também estabelecemos quatro distâncias que equivalem à quantidade de sílabas existentes entre a vogal média pretônica analisada e o início da palavra:

- **distância zero** (#Jesus; #oração);
- **distância de uma sílaba** (leucemia; melhorar);
- **distância de duas sílabas** (acontecer);
- **distância de mais de duas sílabas** (aposentadoria).

3.5.2.1.12 Tipo de sílaba pretônica

Sobre a estrutura da sílaba, Dias (2008) constatou que as sílabas leves favoreceram mais o abaixamento das vogais médias em Piranga-MG do que as sílabas pesadas. Então, por meio dessa variável, pretendíamos verificar qual tipo de sílaba favoreceria a variação das vogais /e/ e /o/, em posição pretônica, na fala dos habitantes carmelitanos. Com esse objetivo, as sílabas pretônicas foram classificadas como:

- **leves:** V (elenco), CV (cobrança), CCV (prefeitura);
- **pesadas:** VC (hospital); CVC (gostar).

3.5.2.1.13 Item lexical

Freitas (2001) e Dias (2008) observaram em seus estudos que determinados itens lexicais favoreceram mais a aplicação da regra de abaixamento que outros. Por isso, tínhamos como objetivo saber se esta variável seria relevante para o processo ocorrer com as vogais médias pretônicas, no dialeto de Monte Carmelo-MG, e quais itens estariam mais sujeitos à variação. Desse modo, distribuímos as palavras que continham as vogais médias pretônicas analisadas nas seguintes categorias lexicais:

- **substantivo** (pessoa, local);
- **verbo** (levar, prometer);
- **adjetivo** (diferente, invocado);
- **pronome** (você, comigo);
- **numeral** (sessenta, dezesseis);
- **advérbio** (depois);
- **conjunção** (entretanto, portanto).

3.5.2.2 Variáveis independentes extralinguísticas

De acordo com os pressupostos da Sociolinguística Variacionista que levam em conta fatores internos e externos à língua na análise de uma regra variável, este trabalho considerou três variáveis extralinguísticas, que foram definidas pelo GEFONO, grupo do qual fazemos parte, do modo como se segue:

➤ **Sexo:**

Masculino;

Feminino.

➤ **Faixa etária:**

Entre 15 e 25 anos de idade;

Entre 26 e 49 anos de idade;

Com mais de 49 anos de idade.

➤ **Escolaridade:**

Entre 0 e 11 anos de estudo (ensinos primário; Fundamental e Médio);

Com mais de 11 anos de estudo (Ensino Superior).

Portanto, com base nas variáveis dependentes e independentes selecionadas para este estudo, fizemos a codificação de todos os dados referentes à manutenção e ao abaixamento das vogais médias altas /e/ e /o/ na posição pretônica e os submetemos ao *GoldVarb X* para fazer a análise dos resultados, o assunto do próximo capítulo.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo apresentamos os resultados de acordo com as frequências e os pesos relativos obtidos nas rodadas que fizemos no *GoldVarb X* para as variáveis linguísticas e extralinguísticas selecionadas por esse programa estatístico, além da discussão do que foi relevante para a análise. Na discussão dos resultados, fizemos uma comparação com outros estudos já realizados em outras cidades e, posteriormente, representamos pela Geometria de Traços o processo fonológico envolvido na variação das vogais médias pretônicas no dialeto carmelitano.

Assim, a análise deu-se da seguinte forma: primeiramente, apresentamos, na Tabela 3, todos os dados gerais obtidos para /e/ e para /o/ no dialeto de Monte Carmelo-MG, quer seja para o abaixamento quer seja para a manutenção dessas vogais na posição pretônica. Em seguida, expusemos as tabelas e os resultados encontrados para a vogal média /e/ e, depois, realizamos o mesmo procedimento para a vogal média /o/.

Como podemos visualizar na Tabela 3, abaixo, a amostra dos dados de Monte Carmelo-MG teve um total de 6.963 ocorrências. A vogal /e/ teve mais ocorrências que a vogal /o/ tanto para a aplicação quanto para a não aplicação da regra de abaixamento, embora a vogal média posterior /o/ tenha obtido um percentual maior de aplicação da regra do que a vogal média frontal /e/.

Tabela 3 - Amostra de dados de Monte Carmelo-MG para o abaixamento e para a manutenção das vogais médias pretônicas

	Aplicação (abaixamento)	Não aplicação (manutenção)	Total de ocorrências	% Total de aplicação
Vogal /e/	635	4.016	4.651	13,7
Vogal /o/	402	1.910	2.312	17,4
TOTAL	1.037	5.926	6.963	

É importante ressaltar que a Tabela 3 apresenta o total de dados obtidos com as vogais médias independentemente dos contextos analisados e, por isso, a manutenção de /e/ e de /o/ aparece em maior quantidade. Os números da tabela evidenciam que a aplicação da regra de abaixamento foi significativa, ainda que a conservação das vogais médias seja mais frequente no dialeto de Monte Carmelo-MG.

Além do fato de os números terem sido relevantes, ao contrário do que esperávamos, muitas variáveis independentes foram selecionadas pelo programa estatístico tanto para /e/ como para /o/, conforme pode-se ver nas próximas seções deste trabalho. Portanto, como o abaixamento é uma realidade no município mineiro, passamos para a análise dos dados referentes a este processo fonológico a fim de verificar suas motivações.

4.1 Análise da Vogal Pretônica /e/

Para a vogal /e/, o *GoldVarb X* selecionou como estatisticamente significativas, na ordem descrita abaixo, dez variáveis independentes, sendo sete linguísticas e três extralinguísticas, a saber:

➤ **Variáveis independentes selecionadas:**

1. Modo de articulação do contexto precedente;
2. Modo de articulação do contexto seguinte;
3. Altura da vogal da sílaba tônica;
4. Qualidade da vogal da sílaba tônica;
5. Distância da vogal média pretônica com relação à sílaba tônica;
6. Tipo de sílaba pretônica;
7. Item lexical;
8. Sexo;
9. Faixa etária;
10. Escolaridade.

Por terem sido consideradas irrelevantes para a aplicação da regra de abaixamento de /e/ na posição pretônica, o *GoldVarb X* excluiu seis variáveis independentes linguísticas:

➤ **Variáveis independentes eliminadas:**

1. Contexto precedente;
2. Ponto de articulação do contexto precedente;
3. Contexto seguinte;
4. Ponto de articulação do contexto seguinte;
5. Posição articulatória da vogal da sílaba tônica;
6. Distância da vogal média pretônica com relação ao início da palavra.

Nas próximas páginas, para cada uma das dez variáveis selecionadas, há uma tabela correspondente aos fatores que favoreceram e que desfavoreceram o abaixamento da vogal /e/ pretônica no dialeto carmelitano, bem como a análise dos resultados que encontramos e que foram relacionados com os resultados de outras pesquisas.

Tabela 1 - Especificação do contexto precedente (modo)

Contexto precedente (modo)	[ɛ]		
	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
fricativa (J esus ³⁹)	165/1.118	14,8	0,41
oclusiva (U berlândia)	197/1.705	11,6	0,45
pausa (# eterna)	29/341	8,5	0,41
nasal (m elhor)	72/498	14,5	0,51
líquidas (r eligião)	172/989	17,4	0,68
TOTAL	635/4.651	13,7	

Input⁴⁰ 0,071

Significância⁴¹ 0,000

A Tabela 1 mostra os resultados que obtivemos para a análise do segmento precedente à vogal pretônica /e/, conforme o modo de articulação. Apesar de acreditarmos que o contexto precedente seria relevante para o processo de abaixamento ocorrer, somente o modo de articulação foi selecionado para a vogal /e/. De acordo com os resultados apresentados na tabela acima, apenas as consoantes líquidas precedentes, com peso relativo de 0,68, favoreceram o abaixamento de /e/ em posição pretônica. Esse resultado difere do que foi obtido por Dias (2008) em seus estudos sobre as vogais pretônicas em Piranga e Ouro Branco-MG, pois a autora verificou que as consoantes líquidas não foram significativas para o abaixamento de /e/ ocorrer nos dialetos pesquisados.

Quanto ao fator inibidor da realização da vogal média baixa na sílaba pretônica, o fator selecionado neste estudo também difere do que foi encontrado por outra pesquisadora. Ao contrário do que Silva (2009) constatou no dialeto de Teresina-PI, no dialeto carmelitano, a pausa – que foi considerado o maior favorecedor do abaixamento de /e/ no falar teresinense – foi um dos fatores que desfavoreceram a realização de [ɛ] na sílaba pretônica. Com relação

³⁹ O segmento em negrito representa o fator em análise.

⁴⁰ O valor de *input* indica a tendência geral de a variável dependente (nesse caso, o abaixamento) ser realizada nos dados. Considera-se esse valor em uma escala de 0 a 1.

⁴¹ O valor de *significância* considera os dados mais confiáveis e indica se os grupos de fatores em diferentes etapas da rodada são significativos estatisticamente. Quanto mais próximo de zero for esse valor, mais confiáveis são os dados.

a esse fator, vários estudos (SCHWINDT, 1995; REZENDE e MAGALHÃES, 2011) já comprovaram que a pausa favorece o alçamento de /e/ na sílaba pretônica. Por essa razão, acreditamos que, no caso do abaixamento, esse fator não tenha favorecido a realização da vogal [ɛ] na sílaba pretônica.

Além da pausa, no estudo que desenvolvemos em Monte Carmelo-MG, as consoantes fricativas também desfavoreceram o processo para a vogal média frontal.

Tabela 2 - Especificação do contexto seguinte (modo)

Contexto seguinte (modo)	[ɛ]		
	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
tepe (diferente)	106/547	19,4	0,66
fricativa (resposta)	157/1.907	8,2	0,36
oclusiva (negócio)	133/892	14,9	0,58
líquidas (inteligente)	195/973	20,0	0,61
nasal (enorme)	34/163	20,9	0,67
africadas (coletivo)	10/169	5,9	0,26
TOTAL	635/4.651	13,7	

Input 0,071

Significância 0,000

A Tabela 2 apresenta os resultados que obtivemos para a análise do segmento seguinte à vogal pretônica /e/, conforme o modo de articulação. Assim como aconteceu para o contexto precedente, também tínhamos expectativas de que o contexto seguinte seria relevante para o abaixamento de /e/, mas, da mesma forma que ocorreu para a variável da Tabela 1, apenas o modo de articulação do contexto seguinte foi selecionado para a análise da vogal média frontal.

Entretanto, ao contrário do que verificamos na Tabela 1, os resultados encontrados para essa variável apontaram as consoantes nasais seguintes como as principais favorecedoras do abaixamento de /e/, no dialeto carmelitano. O peso relativo desse fator foi de 0,67 e quase 21% dos dados que continham a vogal /e/ seguida por uma consoante nasal foram realizados com a vogal [ɛ] na sílaba pretônica. De acordo com os resultados obtidos por Viana (2008), as nasais também favoreceram a variação de /e/→[ɛ], na sílaba pretônica, em Pará de Minas-MG.

Além das nasais, o tepe e as consoantes líquidas seguintes tiveram pesos relativos de 0,66 e 0,61, respectivamente, e foram considerados fatores favorecedores do abaixamento de

/e/. Dias (2008) obteve um resultado semelhante ao que encontramos em seus estudos sobre o dialeto de Piranga-MG, uma vez que, no município pesquisado pela autora, as consoantes líquidas foram as maiores favorecedoras da variação de /e/ na sílaba pretônica. Já em Ouro Branco-MG, outra cidade pesquisada por Dias (2008), com relação à essa variável, nenhum fator foi considerado estatisticamente significativo para a realização de [ɛ] em posição pretônica.

Sobre o fator inibidor do abaixamento de /e/, em Monte Carmelo-MG, além das consoantes africadas, as consoantes fricativas, assim como ocorreu para a variável anterior, representam um dos contextos que menos favoreceu o processo pesquisado. Esse fator teve um peso relativo de 0,36 e 157 realizações de abaixamento em mais de 1.900 ocorrências. Dias (2008) verificou que as consoantes fricativas também não favoreceram o abaixamento de /e/ em Piranga-MG e, em Ouro Branco-MG, nenhum fator analisado foi selecionado como estatisticamente significativo para o processo em estudo ocorrer.

Tabela 3 - Altura da vogal da sílaba tônica

Vogal tônica: altura	[ɛ]		
	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
vogal média alta (certeza)	188/1.898	9,9	0,43
vogal alta (equipe)	77/818	9,4	0,47
vogal baixa (elevado)	302/1.647	18,3	0,55
vogal média baixa (dezenove)	68/288	23,6	0,67
TOTAL	635/4.651	13,7	

Input 0,071

Significância 0,000

A Tabela 3 apresenta os resultados referentes à influência que a vogal da sílaba tônica exerce no abaixamento da vogal /e/ pretônica, conforme o grau de altura. Os números expostos na tabela acima nos permitem afirmar que a regra de harmonia vocálica é a maior motivadora do abaixamento de /e/ na sílaba pretônica, pois as vogais médias baixas tônicas tiveram o peso relativo mais alto da tabela (0,67) e 68 realizações de [ɛ] em um total de 288 ocorrências.

Esse resultado é semelhante ao encontrado por outros pesquisadores (DIAS, 2008; SILVA, 2009) que estudaram a variação das vogais médias pretônicas e revela que a harmonia vocálica é um processo capaz de elevar as vogais médias, como nos estudos de

Bisol (1981) e Schwindt (1995), mas também pode abaixá-las quando houver, na sílaba tônica, um [ɛ] ou um [ɔ], como ocorreu com nossos dados.

Então, com base nos resultados da Tabela 3, a vogal /e/ pretônica tende a se realizar como uma vogal média baixa, quando a vogal da sílaba tônica for uma média aberta. Neste caso, ocorre a regra de harmonia vocálica, pois o traço de altura da vogal tônica é assimilado pela vogal média pretônica e ambas passam a ter o mesmo grau de altura. No Capítulo 5 desta dissertação, podemos ver como esse processo é representado pela Geometria de Traços.

De acordo com a Fonologia Autossegmental, as vogais médias altas diferenciam-se das vogais médias baixas apenas pelo traço [aberto 3], visto que /e, o/ são representadas pelos traços [- aberto 1], [+ aberto 2] e [- aberto 3] e /ɛ, ɔ/ por [- aberto 1], [+ aberto 2] e [+ aberto 3]. Assim, a vogal /e/ pretônica assimila apenas o traço [+ aberto 3] da vogal média aberta tônica e passa a ser realizada como [ɛ] e, por esse motivo, tanto a vogal pretônica quanto a tônica passam a ter o mesmo grau de altura, o que caracteriza a harmonia vocálica.

Tabela 4 - Qualidade da vogal da sílaba tônica

Vogal tônica: qualidade	[ɛ]		
	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
vogal nasal (cerâmica)	292/1.180	24,7	0,76
vogal oral (errado)	343/3.471	9,9	0,40
TOTAL	635/4.651	13,7	
Input 0,071		Significância 0,000	

A Tabela 4 apresenta os resultados que obtivemos para a influência que a vogal da sílaba tônica exerce no abaixamento da vogal /e/ pretônica, conforme a sua qualidade, isto é, se oral ou nasal. Com um peso relativo bastante significativo (0,76), verificamos que, quando a vogal da sílaba tônica for nasal, a tendência da vogal /e/ pretônica é se tornar [ɛ] nessa posição de sílaba. No entanto, com peso relativo de 0,40, as vogais tônicas orais tendem a conservar a vogal /e/, na sílaba pretônica, no dialeto carmelitano.

Esse resultado surpreendeu-nos, pois, conforme vimos na Tabela 3, as vogais médias baixas tônicas foram as que mais favoreceram o abaixamento de /e/. Como no Português Brasileiro não existem vogais nasais abertas, o fato de as vogais nasais terem tido um peso relativo tão expressivo para essa variável (0,76) chamou-nos a atenção, visto que, com relação à altura da vogal tônica, a presença de uma vogal média alta ou alta – ou seja, de vogais fechadas –, na sílaba tônica, não favoreceu o abaixamento de /e/.

Além disso, o resultado que encontramos para essa variável difere do que Viana (2008) obteve no dialeto de Pará de Minas-MG. Segundo a autora, foram as vogais tônicas orais que favoreceram o abaixamento de /e/ em posição pretônica. Já no estudo de Dias (2008), as vogais tônicas nasais [ĩ, û] tiveram porcentagens mais significativas em Ouro Branco-MG, enquanto, em Piranga-MG, as vogais orais tônicas [a, ε, ɔ] foram as maiores responsáveis pelo abaixamento de /e/, acompanhadas pelas vogais tônicas nasais [ẽ, õ].

Tabela 5 - Distância da vogal média pretônica com relação à sílaba tônica

Distância da sílaba tônica	[ɛ]		
	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Distância zero (declínio)	478/3.222	14,8	0,56
Distância de uma sílaba (relação)	126/1.051	12,0	0,42
Distância de duas sílabas (executivo)	31/378	8,2	0,23
TOTAL	635/4.651	13,7	

Input 0,071

Significância 0,000

Essa variável analisou quantas sílabas havia entre a sílaba pretônica que continha a vogal /e/ e a sílaba tônica. Como Bisol (1981), Schwindt (1995) e Dias (2008) comprovaram em seus estudos, também acreditávamos que quanto mais próxima da sílaba tônica, maior seria a probabilidade da variação /e/→[ɛ] ocorrer na posição pretônica. Apesar de o fator distância zero ter sido selecionado como o único favorecedor do abaixamento de /e/, o peso relativo desse contexto foi bem próximo ao ponto neutro (0,56) e, para esse fator, a porcentagem de dados que sofreram o processo em estudo não foi tão alta (14,8%).

Os dados revelaram ainda que o fator distância de duas sílabas foi o principal inibidor da realização de [ɛ] em posição pretônica, pois teve apenas 31 dados realizados com a vogal média baixa em 378 ocorrências. Esse fator também desfavoreceu o abaixamento de /e/ em Pará de Minas-MG, cujo dialeto foi pesquisado por Viana (2008).

dialeto carmelitano, mesmo com um número expressivo de ocorrências, os verbos e os substantivos não foram os principais favorecedores do abaixamento de /e/, uma vez que o peso relativo dos substantivos ficou abaixo do ponto neutro e, para esse fator, quase quatorze por cento dos dados foram realizados com a vogal média baixa pretônica.

Já os verbos, apesar de também terem tido um número alto de ocorrências, não foram considerados estatisticamente significativos para a realização de [ɛ] em posição pretônica, visto que a aplicação da regra ocorreu em 194 dados em um total superior a 1.500 ocorrências.

Segundo os resultados que encontramos, no dialeto de Monte Carmelo-MG, para a variável item lexical, os adjetivos foram as palavras que mais favoreceram o abaixamento de /e/ na sílaba pretônica. Os advérbios, por sua vez, tiveram apenas seis realizações com a vogal média baixa na sílaba pretônica em 158 ocorrências e, por terem apresentado o menor peso relativo da tabela (0,21), esses itens lexicais mostraram estar menos sujeitos ao processo de abaixamento da vogal /e/ pretônica. Ainda, assim, é importante ressaltar que o baixo número de ocorrências para os advérbios não permite conclusões mais amplas sobre o abaixamento da vogal média frontal.

Tabela 8 – Sexo

Sexo	[ɛ]		
	Aplicação/Total	% de aplicação	Peso Relativo
Feminino	211/2.241	9,4	0,38
Masculino	424/2.410	17,6	0,60
TOTAL	635/4.651	13,7	

Input 0,071

Significância 0,000

A Tabela 8 apresenta os resultados obtidos para a aplicação da regra do abaixamento de /e/, conforme a variável sexo. Essa variável é importante, pois mostra uma diferença no comportamento linguístico dos falantes dos sexos masculino e feminino para o abaixamento de /e/ na sílaba pretônica. De acordo com a tabela acima, vimos que os homens superaram as mulheres tanto na aplicação da regra de abaixamento quanto no total de ocorrências. Além disso, o percentual de aplicação nos dados foi quase o dobro para os homens se comparado com o percentual de aplicação encontrado para as mulheres.

Acreditávamos que a variável sexo seria relevante para o processo em estudo no município de Monte Carmelo-MG, mas, diferentemente do resultado que encontramos para

essa variável, nos estudos de Viana (2008) e Graebin (2008), os homens conservaram mais a vogal média alta do que as mulheres e, tanto em Pará de Minas-MG quanto em Formosa-GO, que foram as respectivas cidades pesquisadas pelas autoras, as informantes do sexo feminino realizaram a vogal [ɛ] com mais frequência na sílaba pretônica do que os homens. No entanto, apesar da discrepância com outros estudos já realizados, o resultado que obtivemos em Monte Carmelo-MG foi o mesmo encontrado por Dias (2008) em sua análise sobre o abaixamento de /e/ em Piranga-MG.

Um possível argumento para o resultado que obtivemos para essa variável, tanto para a análise de /e/ quanto de /o/, no dialeto carmelitano, seria o de que as mulheres estudam mais do que os homens⁴² e, portanto, têm mais contato com a variante de prestígio, ou seja, com a norma culta da língua, do que eles. Além disso, em geral, as mulheres são consideradas mais conservadoras do que os homens no que se refere à variação e à mudança linguística.

Esse fato foi percebido por Labov (2008) em seu estudo sobre a hipercorreção pela classe média baixa como fator de mudança linguística, uma vez que, segundo os resultados encontrados por ele, a hipercorreção ocorreu mais na fala das mulheres. Assim, conforme o autor, o dialeto de prestígio de Nova Iorque parecia ter sido tomado de empréstimo e o processo que ele testemunhou na comunidade nova-iorquina foi “[...] primordialmente de substituição do dialeto sem –r, mais antigo e de prestígio, vindo do leste da Nova Inglaterra, por um dialeto com –r do norte do Meio Oeste” (LABOV, 2008, p. 167).

Tabela 9 – Faixa etária

Faixa etária	[ɛ]		
	Aplicação/Total	% de aplicação	Peso Relativo
Entre 15 e 25 anos de idade	112/1.747	6,4	0,28
Entre 26 e 49 anos de idade	146/1.506	9,7	0,47
Com mais de 49 anos de idade	377/1.398	27,0	0,77
TOTAL	635/4.651	13,7	

Input 0,071

Significância 0,000

⁴² Conforme uma pesquisa realizada recentemente pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e que foi noticiada no ano de 2012 pelo G1, portal de notícias da TV Globo na internet: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2012/09/mulheres-estudam-mais-tempo-que-os-homens-diz-pesquisa-do-ibge.html>, Acessado em 12 nov. 2013.

A Tabela 9 apresenta a aplicação da regra de abaixamento de /e/ conforme a faixa etária dos informantes. O resultado obtido para essa variável confirma a hipótese que tínhamos no início deste estudo, pois, embora tenha sido o fator com o menor número de ocorrências (1.398) da vogal /e/ na sílaba pretônica, os informantes acima de 49 anos de idade foram os que mais realizaram [ɛ] nessa posição de sílaba. Foram 377 dados realizados com a vogal média baixa pretônica e o peso relativo foi expressivo (0,77), em comparação com os informantes mais jovens (entre 15 e 25 anos de idade). Os informantes da primeira faixa etária tiveram o número mais alto de ocorrências (1.747), dentre as três faixas etárias pesquisadas, mas apenas 6,4% desse total tinham a vogal [ɛ] em posição pretônica.

Silva (2009) também obteve um resultado semelhante ao que encontramos no dialeto carmelitano, uma vez que, no dialeto de Teresina-PI, foram os informantes acima de 50 anos de idade que mais influenciaram a variação de /e/→[ɛ] na sílaba pretônica. Em seu estudo sobre a harmonia vocálica, no dialeto gaúcho, Bisol (1981) também verificou que os informantes mais jovens aplicaram menos a regra que os mais velhos.

Contudo, no estudo de Dias (2008) sobre o abaixamento de /e/, em Piranga-MG, a faixa etária mais jovem foi a que apresentou mais dados com a vogal média aberta na sílaba pretônica. Em outros estudos realizados (SCHWINDT, 1995; Viana, 2008), a variável faixa etária não foi considerada estatisticamente significativa e, por essa razão, não foi selecionada como favorecedora dos processos estudados por esses autores.

Tabela 10 – Escolaridade

Escolaridade	[ɛ]		
	Aplicação/Total	% de aplicação	Peso Relativo
Entre 0 e 11 anos de estudo	370/2.026	18,3	0,65
Com mais de 11 anos de estudo	265/2.625	10,1	0,38
TOTAL	635/4.651	13,7	

Input 0,071

Significância 0,000

A Tabela 10 apresenta os resultados obtidos para o abaixamento de /e/ conforme o grau de escolaridade do informante. Inicialmente, acreditávamos que essa variável seria relevante para o processo em estudo e, confirmando nossas expectativas, o *GoldVarb X* selecionou a escolaridade dos informantes carmelitanos como uma variável estatisticamente significativa para a realização de [ɛ] na sílaba pretônica.

De acordo com os números da tabela acima, os informantes que possuem entre 0 e 11 anos de estudo foram os que mais favoreceram o abaixamento de /e/, no dialeto de Monte Carmelo-MG. Apesar de esses informantes terem apresentado um número inferior de ocorrências ao dos informantes com mais de 11 anos de estudo, eles realizaram a vogal média [ɛ] com maior frequência na sílaba pretônica. Os entrevistados carmelitanos, que estudaram até o Ensino Médio completo, realizaram 370 dados com o abaixamento de /e/, o que equivale a pouco mais de 18% dos dados, e o peso relativo foi de 0,65. Já os entrevistados com maior escolaridade tiveram apenas 10,1% dos dados realizados com a vogal média aberta em posição pretônica.

O resultado que encontramos em Monte Carmelo-MG é semelhante ao que foi obtido por Schwindt (1995), em seu estudo sobre os dialetos do sul do Brasil. Embora esse autor não tenha considerado informantes com ensino superior, os informantes com menos escolaridade, no caso, os que tinham cursado o ensino primário, favoreceram mais a harmonia vocálica em posição pretônica do que os informantes com segundo grau.

Graebin (2008) também verificou que, no dialeto de Formosa-GO, os informantes com até oito anos de estudo foram os principais favorecedores da realização de [ɛ] em posição pretônica. No estudo de Viana (2008), sobre o falar de Pará de Minas-MG, os analfabetos foram os que mais realizaram a variação de /e/→[ɛ] na sílaba pretônica.

Diante do foi apresentado nas dez tabelas acima, vimos que, com relação à vogal /e/, sete variáveis independentes linguísticas e as três extralinguísticas foram selecionadas pelo *GoldVarb X* como relevantes para o processo de abaixamento. Dentre elas, as variáveis relacionadas à altura e à qualidade da vogal da sílaba tônica apresentaram os resultados mais inesperados para a análise da vogal média frontal. No caso da altura da vogal tônica, as vogais médias abertas foram consideradas as principais motivadoras da realização de [ɛ] na sílaba pretônica. Entretanto, no que se refere à qualidade, as vogais nasais tônicas que, no Português Brasileiro, são realizadas como vogais fechadas, foram as maiores responsáveis pelo abaixamento de /e/.

Na próxima seção, apresentamos a análise da vogal pretônica /o/ e observamos se os resultados obtidos para /e/ assemelham-se ou não aos encontrados para a vogal média posterior.

4.2 Análise da Vogal Pretônica /o/

Assim como ocorreu para a vogal /e/, para a vogal /o/, o *GoldVarb X* selecionou como estatisticamente significativas, na ordem descrita abaixo, dez variáveis independentes, sendo sete linguísticas e três extralinguísticas, quais sejam:

➤ **Variáveis independentes selecionadas:**

1. Modo de articulação do contexto precedente;
2. Ponto de articulação do contexto precedente;
3. Modo de articulação do contexto seguinte;
4. Altura da vogal da sílaba tônica;
5. Qualidade da vogal da sílaba tônica;
6. Distância da vogal média pretônica com relação à sílaba tônica;
7. Tipo de sílaba pretônica;
8. Sexo;
9. Faixa etária;
10. Escolaridade.

Por terem sido consideradas irrelevantes para a aplicação da regra de abaixamento de /o/ na posição pretônica, assim como verificamos para a vogal /e/, o *GoldVarb X* também excluiu seis variáveis independentes na análise de /o/, a saber:

➤ **Variáveis independentes eliminadas:**

1. Contexto precedente;
2. Contexto seguinte;
3. Ponto de articulação do contexto seguinte;
4. Posição articulatória da vogal da sílaba tônica;
5. Distância da vogal média pretônica com relação ao início da palavra;
6. Item lexical.

A exemplo da vogal /e/, para cada uma das dez variáveis selecionadas para a vogal /o/, há uma tabela correspondente com os fatores que favoreceram e que desfavoreceram o abaixamento dessa vogal pretônica, no dialeto carmelitano, bem como a análise dos resultados que encontramos e que foram relacionados com os resultados de outras pesquisas.

Tabela 1 - Especificação do contexto precedente (modo)

Contexto precedente (modo)	[ɔ]		
	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
nasal (m orar)	66/260	25,4	0,68
oclusiva (p astoral)	151/922	16,4	0,51
líquidas (p rocesso)	78/579	13,5	0,46
fricativa (f ormaçoão)	51/293	17,4	0,31
pausa (# opção)	56/258	21,7	0,57
TOTAL	402/2.312	17,4	

Input 0,096

Significância 0,010

A Tabela 1 mostra os resultados referentes à análise do segmento que precede a vogal pretônica /o/, conforme o modo de articulação. Segundo a tabela acima, assim como aconteceu para a vogal /e/, as consoantes nasais precedentes foram as principais favorecedoras ao abaixamento de /o/. Com peso relativo de 0,68 e 66 realizações de [ɔ] em 260 ocorrências, o programa estatístico mostrou que quando precedida por uma consoante nasal, a vogal /o/ tende a tornar-se [ɔ] na sílaba pretônica.

Esse resultado fez com que recorrêssemos aos dados para tentar entender porque as nasais favorecem o abaixamento de /o/. Após a conferência dos dados, levantamos a hipótese de que o resultado obtido para essa variável pode estar relacionado à quantidade significativa de dados de abaixamento com a vogal /o/ precedida pela consoante labial [m], como m[ɔ]rá; m[ɔ]mentu; m[ɔ]derna; m[ɔ]strá e m[ɔ]ral.⁴³ Por terem o mesmo ponto de articulação, acreditamos que ocorrências como essas, em que a consoante labial apareceu seguida pela vogal /o/ pretônica, corroboraram para o resultado expressivo que as nasais precedentes tiveram.

Já as consoantes fricativas, que desfavoreceram o abaixamento de /e/, também inibiram a variação de /o/→[ɔ]. Com peso relativo de 0,31, esse fator teve 51 realizações com a vogal média baixa na sílaba pretônica e, portanto, foi considerado desfavorecedor do abaixamento de /o/. Esses resultados assemelham-se aos encontrados por Dias (2008), em sua análise dos dados dos dialetos de Piranga-MG e Ouro Branco-MG, tanto para o fator favorecedor quanto para o desfavorecedor do processo.

⁴³ Esses dados foram retirados do *corpus* desta pesquisa.

Tabela 2 - Especificação do contexto precedente (ponto)

Contexto precedente (ponto)	[ɔ]		
	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
labial (p opulação)	80/476	16,8	0,40
palatal (m elhorar)	12/64	18,8	0,63
alveolar (p rofessor)	116/759	15,3	0,53
velar (c oluna)	93/548	17,0	0,42
labiodental (f ormar)	22/119	18,5	0,60
pausa (# oração)	56/258	21,7	0,51
pós-alveolar (j ornal)	23/88	26,1	0,82
TOTAL	402/2.312	17,4	

Input 0,096

Significância 0,010

A Tabela 2 apresenta os resultados que obtivemos para a análise do segmento precedente à vogal pretônica /o/, conforme o ponto de articulação. De acordo com os números da tabela acima, as consoantes pós-alveolares, as palatais e as labiodentais precedentes apresentaram os pesos relativos mais altos em relação aos demais fatores analisados e, por terem os maiores percentuais de aplicação da regra de abaixamento, foram consideradas favorecedoras da variação de /o/→[ɔ] na sílaba pretônica.

Silva (2009) também verificou, no dialeto teresinense, que as palatais precedentes favoreceram a realização de [ɔ] na posição pretônica, embora esse fator não tenha tido muitos dados na pesquisa da autora. Segundo Dias (2008), o ponto de articulação do contexto precedente não foi considerado estatisticamente significativo para o abaixamento de /o/ em Piranga-MG e Ouro Branco-MG e, por essa razão, nenhum fator referente à essa variável foi selecionado como favorecedor do processo nos dois dialetos mineiros pesquisados.

Sobre o fator inibidor do abaixamento da vogal média posterior, no dialeto carmelitano, as consoantes labiais foram selecionadas pelo programa estatístico como as principais desfavorecedoras do processo. Esse resultado surpreendeu-nos, pois como essas consoantes possuem o mesmo ponto de articulação da vogal /o/, esperávamos que elas fossem aparecer entre os contextos favorecedores do abaixamento, o que não aconteceu.

As consoantes labiais totalizaram 476 dados, mas a realização de [ɔ] em posição pretônica ocorreu em pouco mais de 16% desse total, o que acarretou no peso relativo mais baixo da tabela (0,40) e, portanto, no desfavorecimento desse fator para o fenômeno em

estudo. Em sua análise sobre o falar de Teresina-PI, Silva (2009) também concluiu que, diante de uma consoante labial precedente, a vogal /o/ tende a se manter como uma vogal média alta na sílaba pretônica.

Tabela 3 - Especificação do contexto seguinte (modo)

Contexto seguinte (modo)	[ɔ]		
	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
fricativa (movimento)	109/643	17,0	0,50
tepe (coração)	79/301	26,2	0,57
nasal (momento)	23/223	10,3	0,31
líquidas (morrer)	98/545	18,0	0,52
oclusiva (poderia)	93/600	15,5	0,50
TOTAL	402/2.312	17,4	

Input 0,096

Significância 0,010

A Tabela 3 apresenta os resultados encontrados para a análise do segmento seguinte à vogal pretônica /o/, conforme o modo de articulação. Apesar de essa variável ter sido selecionada pelo *GoldVarb X*, com exceção das consoantes nasais, os pesos relativos dos demais fatores ficaram muito próximos do ponto neutro (0,50). No entanto, dos fatores analisados, com pouco mais de 26% dos dados realizados com a vogal [ɔ] pretônica e com peso relativo de 0,57, o tepe mostrou-se como o principal favorecedor do abaixamento de /o/.

Já as consoantes nasais seguintes, que favoreceram a variação de /e/→[ɛ] na sílaba pretônica, inibiram a aplicação da regra para /o/. Dias (2008) também verificou que as consoantes nasais desfavoreceram a realização da vogal média aberta, em posição pretônica, nos dialetos de Piranga-MG e Ouro Branco-MG.

Tabela 4 - Altura da vogal da sílaba tônica

Vogal tônica: altura	[ɔ]		
	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
vogal média alta (poder)	66/701	9,4	0,30
vogal alta (corrupto)	47/353	13,3	0,55
vogal baixa (formar)	232/1.115	20,8	0,55
vogal média baixa (novela)	57/143	39,9	0,84
TOTAL	402/2.312	17,4	
Input 0,096		Significância 0,010	

A Tabela 4 refere-se aos resultados que encontramos para a influência que a vogal da sílaba tônica exerce no abaixamento da vogal /o/ pretônica, conforme a altura. Assim como verificamos para a vogal /e/, os resultados que encontramos para a vogal /o/ revelaram que essa vogal também sofre o processo da harmonia vocálica, com a diferença de que esse processo é ainda mais significativo para a vogal média posterior.

De acordo com a tabela acima, a vogal baixa /a/ tônica favoreceu o abaixamento de /o/, mas as principais favorecedoras da variação de /o/→[ɔ] são as vogais médias baixas tônicas, uma vez que esse fator teve 57 realizações de [ɔ] na sílaba pretônica e um peso relativo bastante expressivo (0,84). Esse resultado é semelhante aos que foram obtidos por Viana (2008) e por Dias (2008), em Pará de Minas-MG, Piranga-MG e Ouro Branco-MG, respectivamente, pois, nos estudos dessas autoras, sobretudo nos dialetos pesquisados por Dias (2008), além da vogal baixa /a/, as vogais médias baixas tônicas também favoreceram o abaixamento da vogal média posterior.

Assim como aconteceu para a vogal /e/, os resultados da Tabela 4 mostraram que a vogal /o/ pretônica tende a se realizar como [ɔ], em posição pretônica, quando a vogal da sílaba tônica for uma média aberta ([ɛ, ɔ]). Portanto, no caso de /o/, também ocorre a regra de harmonia vocálica, pois a vogal /o/ pretônica assimila o traço [+ aberto 3] da vogal média baixa tônica e ambas passam a ter o mesmo grau de altura, o que caracteriza o processo estudado por Bisol (1981), no dialeto gaúcho. No Capítulo 5 desta dissertação, podemos ver como a harmonia vocálica é representada pela Geometria de Traços, tanto para a variação de /e/ quanto para a de /o/.

Tabela 5 - Qualidade da vogal da sílaba tônica

Vogal tônica: qualidade	[ɔ]		
	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
vogal nasal (profissão)	133/553	24,1	0,70
vogal oral (colega)	269/1.759	15,3	0,43
TOTAL	402/2.312	17,4	

Input 0,096

Significância 0,010

A Tabela 5 corresponde aos resultados que obtivemos para a influência que a vogal da sílaba tônica exerce no abaixamento da vogal /o/ pretônica, conforme a sua qualidade, isto é, se oral ou nasal. Para essa variável, obtivemos o mesmo resultado que encontramos para a vogal /e/, mas diferente do encontrado por Viana (2008), em Pará de Minas-MG, uma vez que, no dialeto de Monte Carmelo-MG, as vogais tônicas nasais mostraram-se favorecedoras do abaixamento de /o/ em detrimento das vogais tônicas orais.

Da mesma forma que esse resultado surpreendeu-nos para a vogal /e/, não esperávamos que as vogais tônicas nasais também favorecessem o abaixamento de /o/, ainda mais com um peso relativo alto (0,70). Como vimos na Tabela 4, as vogais médias baixas, em posição tônica, foram as maiores motivadoras da realização de [ɔ] na sílaba pretônica, o que não coincide com o resultado encontrado para esta variável. Isso porque se pensarmos que, na língua portuguesa do Brasil, não há vogais nasais abertas, no que se refere à altura e à qualidade da vogal tônica, as vogais médias abertas e as vogais nasais – que, no Português Brasileiro, são realizadas como vogais fechadas – apresentaram os pesos relativos mais expressivos das Tabelas 4 e 5 (0,84 e 0,70, respectivamente) para o abaixamento de /o/.

No estudo de Dias (2008), sobre o dialeto de Piranga-MG, algumas vogais orais ([a, ε, ɔ]) e algumas vogais nasais ([ẽ, ẽ̃, õ]) tônicas foram consideradas favorecedoras do abaixamento da vogal média posterior, enquanto, no dialeto de Ouro Branco-MG, também pesquisado pela autora, apenas as vogais tônicas orais ([a, ε, ɔ]) favoreceram o processo.

Tabela 6 - Distância da vogal média pretônica com relação à sílaba tônica

	[o]		
Distância da sílaba tônica	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Distância zero (c oragem)	275/1.278	21,5	0,57
Distância de uma sílaba (ch o radeira)	116/797	14,6	0,48
Distância de duas sílabas (h o rrorizada)	6/180	3,3	0,15
Distância de mais de duas sílabas (o pportunidade)	5/57	8,8	0,29
TOTAL	402/2.312	17,4	
Input 0,096	Significância 0,010		

Essa variável analisou quantas sílabas havia entre a sílaba pretônica que continha a vogal /o/ e a sílaba tônica. Conforme a tabela acima e confirmando uma de nossas hipóteses sobre a relação entre a proximidade das sílabas e a aplicação da regra, verificamos que quanto mais próxima da sílaba tônica, maior a tendência de a vogal /o/ ser realizada como [ɔ] na posição pretônica. Com peso relativo de 0,57 e 275 realizações da vogal média baixa em 1.278 ocorrências, o fator distância zero foi considerado o único favorecedor do abaixamento de /o/, no dialeto carmelitano. Esse fator também foi selecionado no estudo de Viana (2008), quando ela concluiu que quanto mais próxima da tônica, maior foi o percentual de ocorrências de alçamento e de abaixamento na sílaba pretônica e, quanto mais distante, menor foi esse percentual.

Como o maior desfavorecedor do abaixamento de /o/, no dialeto de Monte Carmelo-MG, o programa estatístico selecionou o fator distância de duas sílabas, que também foi selecionado para a vogal /e/. Esse fator teve somente seis realizações da vogal média baixa em 180 ocorrências e peso relativo de apenas 0,15.

Tabela 7 - Tipo de sílaba pretônica

	[ɔ]		
Tipo de sílaba pretônica	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
sílabas leves (<u>p</u> rocurar)	299/1.824	16,4	0,46
sílabas pesadas (<u>n</u> ormal)	103/488	21,1	0,63
TOTAL	402/2.312	17,4	
Input 0,096	Significância 0,010		

A Tabela 7 refere-se aos resultados que encontramos para a aplicação da regra de abaixamento da vogal /o/, de acordo com o tipo de sílaba analisada. Assim como ocorreu para a vogal /e/, na análise de /o/, as sílabas pesadas, do tipo VC e CVC, também favoreceram a variação de /o/→[ɔ], no dialeto de Monte Carmelo-MG. Por terem tido uma quantidade maior de dados, acreditávamos que as palavras que tivessem a vogal /e/ pretônica em sílaba leve tenderiam a favorecer o processo de abaixamento, o que não aconteceu para /o/ e nem para /e/.

Além disso, os resultados obtidos para essa variável diferem de alguns outros estudos já realizados sobre o abaixamento das vogais médias pretônicas. Isso porque, diferentemente do que encontramos na fala dos habitantes carmelitanos, Dias (2008) e Viana (2008) concluíram que, nos dialetos de Piranga-MG e Pará de Minas-MG, respectivamente, foram as sílabas leves que motivaram o abaixamento de /o/ na sílaba pretônica. No estudo de Viana (2008), por exemplo, as sílabas pesadas favoreceram o alçamento da vogal /o/ pretônica analisada, mas desfavoreceram totalmente o abaixamento da vogal média posterior, pois não houve nenhuma ocorrência de [ɔ], em posição pretônica, para esse fator.

Tabela 8 – Sexo

Sexo	[ɔ]		
	Aplicação/Total	% de aplicação	Peso Relativo
Feminino	158/1.179	13,4	0,41
Masculino	244/1.133	21,5	0,59
TOTAL	402/2.312	17,4	

Input 0,096

Significância 0,010

A Tabela 8 apresenta os resultados obtidos para o abaixamento de /o/ na sílaba pretônica, conforme a variável sexo. A exemplo da vogal /e/, os resultados para essa variável mostraram que os entrevistados do sexo masculino foram os que mais realizaram a vogal média baixa, em posição pretônica. Embora as mulheres tenham registrado um total de ocorrências superior ao dos homens, elas aplicaram a regra em pouco mais de 13% dos dados, o que corroborou para um peso relativo baixo (0,41) e, portanto, para a manutenção da vogal média alta. Como os informantes do sexo masculino aplicaram a regra em 21,5% dos dados, o que representou um peso relativo de 0,59, eles foram considerados os favorecedores do abaixamento de /o/, no dialeto de Monte Carmelo-MG.

Ao contrário do resultado que obtivemos, nos estudos de Bisol (1981), Viana (2008) e Silva (2009) foram as mulheres que favoreceram os processos estudados por essas autoras. Entretanto, essa variável não foi relevante para as pesquisas de Schwindt (1995) e Dias (2008), pois não foi selecionada para os resultados obtidos por esses autores.

Tabela 9 – Faixa etária

Faixa etária	[ɔ]		
	Aplicação/Total	% de aplicação	Peso Relativo
Entre 15 e 25 anos de idade	63/799	7,9	0,29
Entre 26 e 49 anos de idade	77/771	10,0	0,40
Com mais de 49 anos de idade	262/742	35,3	0,79
TOTAL	402/2.312	17,4	

Input 0,096

Significância 0,010

A Tabela 9 apresenta os resultados obtidos para o abaixamento de /o/ na sílaba pretônica, de acordo com a variável faixa etária. Como aconteceu para a vogal /e/ e confirmando, mais uma vez, a hipótese que formulamos para essa variável, os informantes com mais de 49 anos de idade foram os favorecedores do abaixamento de /o/, em posição pretônica, no dialeto carmelitano. Esse grupo de informantes teve 262 realizações de [ɔ] em 742 ocorrências, o que representou pouco mais de 35% dos dados em que houve a aplicação da regra.

Ao contrário dos resultados bem definidos que obtivemos, em Monte Carmelo-MG, essa variável apresentou comportamentos diferentes em outros estudos já desenvolvidos sobre a variação das vogais médias pretônicas. Em Piranga-MG, por exemplo, Dias (2008) verificou que a faixa etária jovem foi selecionada apenas para o alçamento de /o/, enquanto, em Ouro Branco-MG, essa variável não foi selecionada para nenhum dos processos estudados pela autora.

Já, em Pará de Minas-MG, segundo Viana (2008), dois grupos de informantes foram apontados como favorecedores do abaixamento de /o/, em posição pretônica, a saber: os informantes com até 25 anos de idade e os que possuem mais de 60 anos. Os informantes entre 30 e 50 anos optaram por alçar ou por conservar a vogal média alta. Com relação ao dialeto teresinense, Silva (2009) constatou que os informantes entre 35 e 50 anos e os

informantes acima de 50 anos de idade aplicaram a regra do abaixamento de /o/ com maior frequência, enquanto os jovens (entre 20 e 35 anos) inibiram o processo em estudo.

Tabela 10 – Escolaridade

Escolaridade	[ɔ]		
	Aplicação/Total	% de aplicação	Peso Relativo
Entre 0 e 11 anos de estudo	241/996	24,2	0,65
Com mais de 11 anos de estudo	161/1.316	12,2	0,38
TOTAL	402/2.312	17,4	

Input 0,096

Significância 0,010

A Tabela 10 refere-se aos resultados obtidos para o abaixamento de /o/ na sílaba pretônica, de acordo com a variável escolaridade. Novamente, os resultados expostos na tabela acima assemelharam-se aos que encontramos para a vogal /e/ e confirmaram a hipótese que tínhamos sobre a influência dessa variável no processo em estudo. Apesar de terem apresentado um número superior de ocorrências, os informantes com mais de onze anos de estudo tiveram apenas 12,2% dos dados realizados com a vogal média baixa, em posição pretônica, o que acarretou em um peso relativo de 0,38, bem abaixo do ponto neutro.

Por sua vez, os informantes entre zero e onze anos de estudo tiveram quase o dobro de dados realizados com a vogal [ɔ] na sílaba pretônica. Com peso relativo de 0,65 e 24,2% dos dados que apresentaram a vogal média aberta, esses informantes foram considerados, pelo programa estatístico, os favorecedores do abaixamento de /o/, no dialeto carmelitano. Silva (2009) obteve um resultado semelhante no dialeto teresinense, uma vez que os informantes com Ensino Médio foram os que mais favoreceram a realização de [ɔ], em posição pretônica.

Segundo Viana (2008), em Pará de Minas-MG, os informantes com ensino superior também preferiram manter a vogal média alta em vez de abaixá-la. No estudo de Graebin (2008), sobre o dialeto de Formosa-GO, essa variável foi selecionada para a variação de /o/→[ɔ], na sílaba pretônica, mas não apresentou valores significativos para o abaixamento da vogal média posterior.

Sobre a vogal /o/, podemos afirmar, com base na análise exposta acima, que os resultados foram semelhantes aos encontrados para a vogal /e/, inclusive as variáveis referentes à altura e à qualidade da vogal da sílaba tônica também apresentaram resultados

surpreendentes para a vogal média posterior. Assim como ocorreu para a vogal /e/, a análise de /o/ revelou que as vogais nasais e as vogais médias baixas, em posição tônica, favoreceram a realização de [ɔ] na sílaba pretônica, o que representa, novamente, um caso de harmonia vocálica.

Portanto, por ser a principal motivadora do abaixamento de /e/ e de /o/, o capítulo seguinte trata da representação da regra de harmonia vocálica pelo modelo teórico da Geometria de Traços.

5 ANÁLISE FONOLÓGICA: REPRESENTAÇÃO PELA GEOMETRIA DE TRAÇOS

Com base nos preceitos da Geometria de Traços, neste capítulo, apresentamos uma breve análise do processo de abaixamento das vogais médias altas /e/ e /o/ que podem ser realizadas como vogais médias baixas [ɛ] e [ɔ], em posição pretônica, no dialeto de Monte Carmelo-MG. Para essa descrição, consideramos apenas os resultados que obtivemos para a variável altura da vogal da sílaba tônica para ambas as vogais médias, uma vez que este parece ser um caso de harmonia vocálica com contexto explicitamente motivado.

Essa implementação da Fonologia Autossegmental, cuja última versão é da autoria de Clements e Hume (1995), permite que vejamos o processo fonológico acontecendo na palavra por meio do espraimento ou assimilação de traços. Na Geometria de Traços, o segmento mantém as suas propriedades e, ao perder alguma, adquire uma nova que o transformará em outro segmento. De acordo com esses autores, a assimilação é um dos processos mais comuns nas línguas do mundo e é caracterizada pela associação (ou “espraimento”) de traços ou nós específicos de um segmento por um segmento vizinho, como podemos visualizar na figura 22:

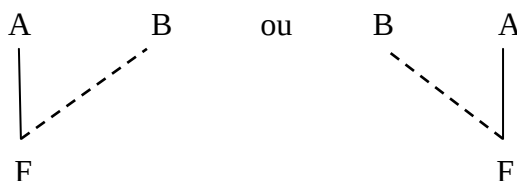


Figura 22 - Representação hierárquica do processo de assimilação

Fonte: CLEMENTS; HUME (1995, p. 258)

Sobre a figura acima, Clements e Hume (1995) explicam que um traço ou nó F de um segmento A espraia-se para um segmento vizinho B que assimila esse traço e passa a ter as mesmas propriedades de A. Com relação à harmonia vocálica, Bisol (2009, p. 78-79) a define como “[...] um caso legítimo de assimilação, ou seja, expansão de um traço”. A autora afirma que, nesse processo, “[...] os traços de abertura da vogal média pretônica são desligados, independentemente da intermitência de consoantes, e preenchidos pelos traços de abertura da vogal alta⁴⁴ seguinte”, como podemos ver na Figura 23:

⁴⁴ Bisol (2009) considerou apenas os casos de vogais médias pretônicas que se tornaram altas devido à presença de uma vogal alta na sílaba tônica, como em: acr[i]dito para acr/e/dito.

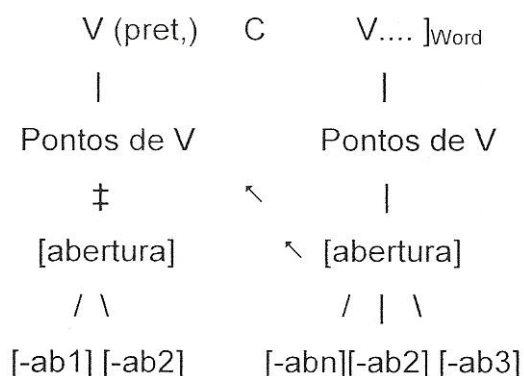


Figura 23 - Representação hierárquica da harmonia vocálica

Fonte: BISOL (2009, p. 79)

Ao ser desligado, o *nó de abertura* da vogal média pretônica é preenchido pelo *nó de abertura* da vogal alta tônica e, por essa razão, passa a ser realizada como uma vogal alta na posição pretônica, por exemplo, em b[u]nito para b/o/nito. Portanto, para Bisol (2009, p. 79), a harmonia vocálica pode ser entendida como “[...] uma regra de assimilação que, em conformidade com a Fonologia Lexical, compreende dois mecanismos: desligamento e preenchimento”.

Apesar de Bisol (2009) ter tratado da harmonia vocálica por alçamento, a explicação que a autora dá para a elevação da vogal média pretônica, por meio da harmonia, também é válida para se referir ao abaixamento dessas vogais. A diferença é que, em vez de a vogal média pretônica assimilar o traço de altura de uma vogal alta tônica, no estudo que desenvolvemos em Monte Carmelo-MG, a vogal média pretônica vai assimilar o traço de uma vogal média baixa tônica.

A seguir, nas Figuras 24 e 25, as representações mostram como se dá a assimilação de traço da vogal tônica pela vogal média pretônica. Na Figura 24, a vogal pretônica /e/ e a vogal tônica /ɔ/ estão representadas pela Geometria de Traços para exemplificar a palavra m/e/lhor que é pronunciada como m[ɛ]lhor:

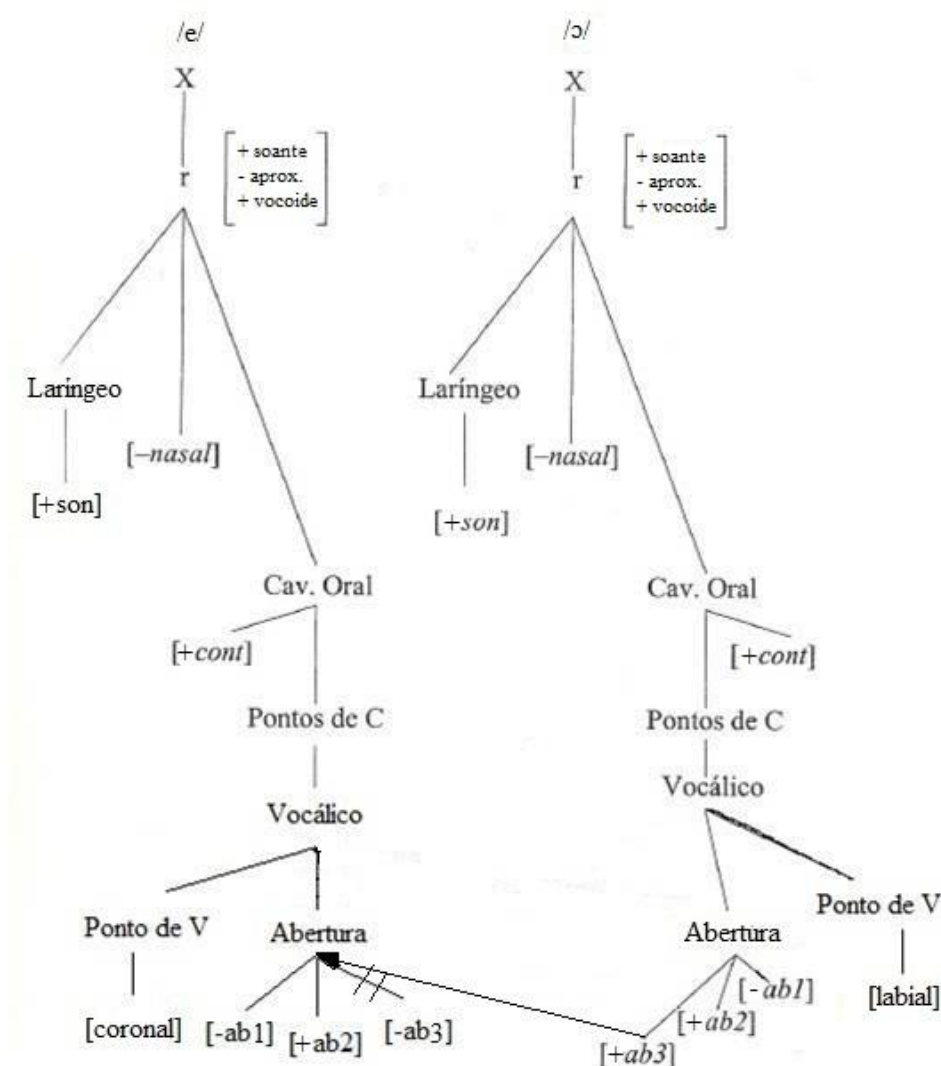


Figura 24 - Representação hierárquica da assimilação do traço de altura da vogal /ɔ/ tônica pela vogal /e/ pretônica

Fonte: Adaptado de MATZENAUER (2005, p. 51)

Antes de passarmos para a análise da figura acima, é preciso lembrar que, para a Fonologia Autosegmental, no caso das vogais, os traços de abertura e de altura são sinônimos. Por isso, não é necessário representar o traço de altura. Desse modo, conforme vimos em Wetzels (1991), na seção 2.4 deste texto, as sete vogais do Português Brasileiro são classificadas de acordo com o grau de abertura em três traços: [aberto 1], [aberto 2] e [aberto 3]. Assim, quanto mais alta for a vogal, mais fechada ela será.

Portanto, todos esses traços serão negativos para as vogais altas /i, u/ que são classificadas como [- aberto 1], [- aberto 2] e [- aberto 3] ou simplesmente [- aberto 3], por serem as vogais mais altas e mais fechadas da língua portuguesa falada no Brasil. Ao contrário das vogais altas, a vogal /a/, que é a mais baixa e a mais aberta, tem todos os traços

positivos: [+ aberto 1], [+ aberto 2] e [+ aberto 3] ou apenas [+ aberto 3], pois nenhuma outra vogal do nosso sistema vocálico possui todos os traços de altura positivos. Já, as vogais médias diferenciam-se apenas pelo traço [aberto 3]. Enquanto as vogais médias baixas /ε, ɔ/ são representadas por [- aberto 1], [+ aberto 2] e [+ aberto 3], as vogais médias altas e também mais fechadas possuem apenas um traço positivo: [- aberto 1], [+ aberto 2] e [- aberto 3].

Assim, conforme a Figura 24, é no *nó de abertura*, mais especificamente no traço [+ aberto 3], que ocorre a assimilação de traço de altura pela vogal pretônica. Isso porque a vogal /e/ pretônica assimila apenas o traço [+ aberto 3] da vogal tônica /ɔ/. Então, ocorre o desligamento do traço [- aberto 3] da vogal média fechada e, segundo a definição de Bisol (2009), esse traço é preenchido pelo traço [+ aberto 3] da vogal média tônica.

Como consequência desse processo, aplica-se a regra da harmonia vocálica, visto que, conforme os resultados que encontramos para a variável altura da vogal da sílaba tônica, a presença de uma vogal média baixa na sílaba tônica foi o principal motivador da realização de [ε], em posição pretônica, no dialeto de Monte Carmelo-MG.

Esse ambiente também favoreceu a realização de [ɔ] na sílaba pretônica e foi o principal condicionador do abaixamento dessa vogal, pois, conforme os dados mostraram, a presença de uma vogal média baixa na sílaba tônica foi o fator que mais favoreceu a variação de /o/→[ɔ], em posição pretônica, na fala dos habitantes carmelitanos. Diante disso, a Figura 25 representa o abaixamento da vogal pretônica /o/ em uma palavra como n/o/vela realizada como n[ɔ]vela.

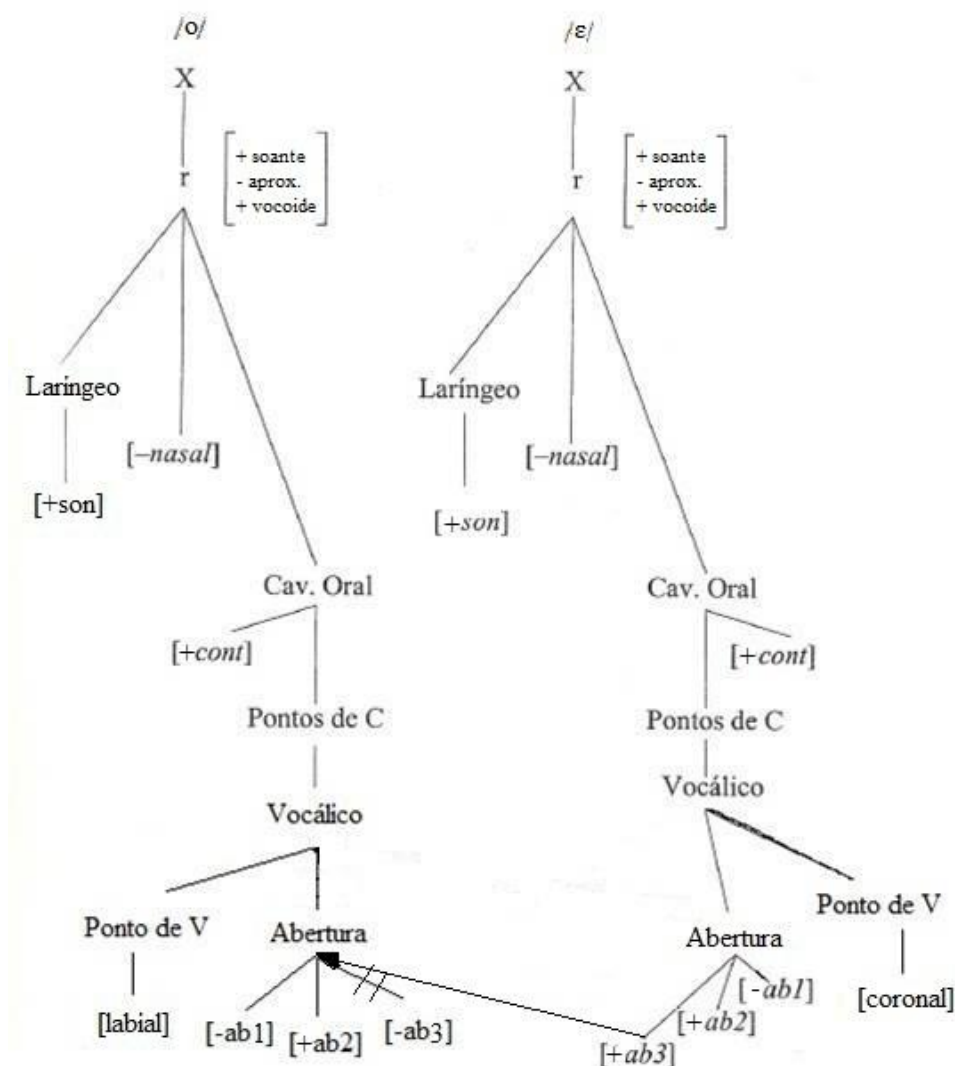


Figura 25 - Representação hierárquica da assimilação do traço de altura da vogal /ε/ tônica pela vogal /o/ pretônica

Fonte: Adaptado de MATZENAUER (2005, p. 51)

A representação acima mostra, para a vogal /o/ pretônica, o mesmo processo que ocorreu para a vogal /ε/, uma vez que a vogal média posterior da sílaba pretônica assimila apenas o traço [+ aberto 3] da vogal tônica [ε] e perde o traço [- aberto 3]. Por isso, a vogal média alta passa a ter os mesmos traços de uma vogal média baixa, isto é: [- aberto 1], [+ aberto 2] e [+ aberto 3], o que caracteriza o processo fonológico da harmonia vocálica.

Diante das representações hierárquicas expostas acima para /ε/ e para /o/, é importante ressaltar que, em casos como esses, o resultado do processo não seria diferente se a vogal pretônica tivesse assimilado todo o *nó de abertura* da vogal tônica em vez de assimilar apenas o traço [+ aberto 3]. Seria apenas mais custoso para o modelo explicar a assimilação de todo o nó do que de um único traço.

Embora /e/ e /o/ estejam submetidas à mesma regra variável, apresentamos, a seguir, duas figuras que mostram as vogais médias pretônicas representadas pela Geometria de Traços com destaque ao *nó de abertura*, onde se dá a assimilação de traço que resultará na realização das vogais médias abertas nesta posição de sílaba.

Na Figura 26, temos a representação da variação de /e/→[ɛ] na sílaba pretônica. Diante de /ɛ/ ou /ɔ/ na sílaba tônica, a vogal /e/ – classificada de acordo com os traços [- aberto 1], [+ aberto 2] e [- aberto 3] – perde o traço [- aberto 3] e assimila o traço [+ aberto 3] da vogal média baixa tônica, passando a ter os mesmos traços (i.e., [- aberto 1], [+ aberto 2] e [+ aberto 3]) e, portanto, a mesma altura de uma vogal média aberta.

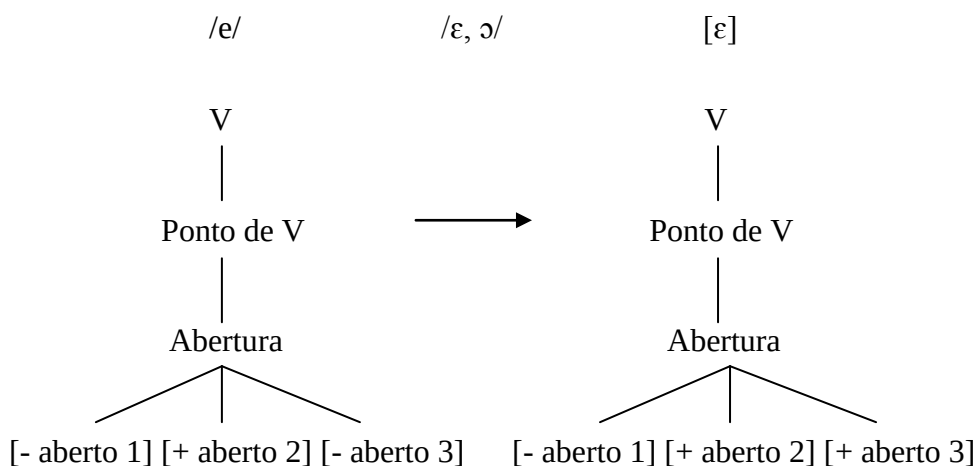


Figura 26 - Representação hierárquica da variação de /e/→[ɛ] na sílaba pretônica

Já na Figura 27, temos a representação da variação de /o/→[ɔ] na posição pretônica. Assim como ocorreu para a vogal /e/, os dados mostraram que quando houver uma vogal /ɛ/ ou /ɔ/ na sílaba tônica, a vogal /o/ tende a ser realizada como [ɔ] em posição pretônica. Como resultado do processo de harmonia vocálica, a vogal /o/ perde o traço [- aberto 3] e assimila o traço [+ aberto 3] da vogal média baixa tônica, passando a ter os mesmos traços de uma vogal média aberta, ou seja, [- aberto 1], [+ aberto 2] e [+ aberto 3].

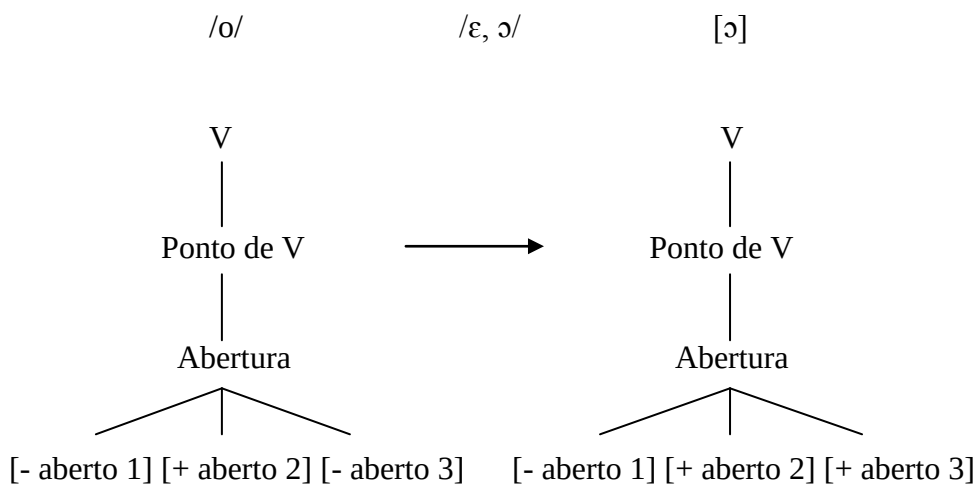


Figura 27 - Representação hierárquica da variação de $/o/ \rightarrow [\text{ɔ}]$ na sílaba pretônica

Em síntese, o modelo da Geometria de Traços foi fundamental para mostrar, pela representação hierárquica, que a variação de $/e/ \rightarrow [\varepsilon]$ e de $/o/ \rightarrow [\text{ɔ}]$ na sílaba pretônica, no dialeto de Monte Carmelo-MG, foi engatilhada pelo mesmo processo fonológico: a harmonia vocálica, uma vez que a assimilação do traço de altura de uma vogal média baixa tônica mostrou-se como um fator preponderante para a realização de $[\varepsilon]$ e de $[\text{ɔ}]$, em posição pretônica.

6 CONCLUSÃO

As variações de /e/→[ɛ] e de /o/→[ɔ], em posição pretônica, foram o foco desse estudo, cujo *corpus* foi constituído pela fala espontânea de 24 habitantes nascidos e crescidos no município mineiro de Monte Carmelo. A análise estatística dos 6.963 dados obtidos, sendo 635 realizações de [ɛ] e 402 de [ɔ] na sílaba pretônica, o que corresponde a 31,1% do total – 13,7% para [ɛ] e 17,4% para [ɔ] –, pôde confirmar ou refutar algumas hipóteses que aventamos no início dessa pesquisa.

Verificamos, por exemplo, que houve mais ocorrências de abaixamento de /e/ do que de /o/ na posição pretônica, provavelmente, em razão de a quantidade de dados de /e/ ter sido superior a de /o/. Entretanto, com uma vantagem de quase quatro pontos percentuais no total de ocorrências, os dados revelaram que a vogal /o/ favoreceu mais a aplicação da regra de abaixamento do que a vogal /e/.

Além disso, como já era esperado, a manutenção das vogais médias altas na sílaba pretônica foi bem mais frequente do que o abaixamento no dialeto carmelitano, pois, com base em outras pesquisas e em autores, como Teyssier (2007), acreditávamos que a realização das vogais médias baixas pretônicas seria mais comum nas regiões Norte e Nordeste do Brasil.

Portanto, cumprindo um dos objetivos específicos definidos para este trabalho, com relação às vogais médias, podemos afirmar, com base nos resultados que obtivemos, que o sistema vocálico pretônico de Monte Carmelo-MG é constituído por cinco vogais, a saber: /a/, /e/, /i/, /o/, /u/, em que /e/ e /o/ variam, em determinados contextos, para [ɛ] e para [ɔ], respectivamente.

Assim, confirmando uma de nossas hipóteses sobre a aplicação do processo fonológico da harmonia vocálica no abaixamento de /e/ e de /o/, verificamos que a presença de uma vogal média baixa na sílaba tônica favoreceu a realização tanto de [ɛ] quanto de [ɔ] na sílaba pretônica. Diante disso, podemos afirmar que, no dialeto carmelitano, as vogais médias pretônicas estão submetidas à mesma regra variável.

Entretanto, é importante ressaltar que, conforme Lee e Oliveira (2008) afirmam, a pronúncia das vogais médias baixas pretônicas não depende apenas de haver [ɛ] ou [ɔ] na sílaba tônica, posto que, como mostraram os resultados encontrados em Monte Carmelo-MG, esse ambiente não levará todos os informantes a aplicarem a regra do abaixamento em todas as palavras. Nem mesmo um mesmo informante carmelitano optou sempre pelas variações de

/e/→[ɛ] e de /o/→[ɔ], em posição pretônica, quando a vogal da sílaba tônica era uma média baixa.

Ainda assim, apesar de o programa estatístico não ter selecionado as mesmas variáveis para /e/ e para /o/, houve mais semelhanças do que diferenças entre as variáveis e os fatores selecionados como relevantes para o abaixamento das duas vogais médias pretônicas pesquisadas. As variáveis ponto de articulação do contexto seguinte e distância da vogal média pretônica com relação à sílaba pretônica, por exemplo, não foram selecionadas para ambas as vogais médias. Além disso, as vogais nasais tônicas favoreceram a realização de [ɛ] e de [ɔ], bem como as sílabas pretônicas pesadas. Já as sílabas pretônicas leves e as vogais orais tônicas desfavoreceram o abaixamento de /e/ e de /o/.

Outra variável que apresentou um resultado semelhante para /e/ e para /o/ foi a que trata da distância da vogal média pretônica com relação à sílaba tônica. Enquanto o fator distância zero – quando não há nenhuma sílaba entre a sílaba que contém a vogal média e a sílaba tônica – favoreceu o abaixamento tanto da vogal média frontal quanto da vogal média posterior, o fator distância de duas sílabas inibiu o processo para as duas vogais. No caso da vogal /o/, o fator distância maior que duas sílabas também mostrou-se desfavorecedor do abaixamento.

Por sua vez, as três variáveis extralinguísticas consideradas neste estudo foram selecionadas pelo *GoldVarb X* para /e/ e para /o/ e apresentaram os mesmos fatores como favorecedores e como desfavorecedores do abaixamento dessas vogais na sílaba pretônica. Sobre a variável sexo, a hipótese que traçamos para este estudo foi confirmada, visto que os informantes do sexo masculino foram os que mais realizaram [ɛ] e [ɔ], em posição pretônica, se comparados ao número de ocorrências de abaixamento registrado pelas informantes do sexo feminino.

Com relação à faixa etária, também confirmamos a hipótese de que os informantes com idade superior a 49 anos teriam mais ocorrências de vogais médias baixas na posição pretônica do que os mais jovens (entre 15 e 25 anos de idade) e foi o que aconteceu para /e/ e para /o/. No que se refere ao grau de escolaridade, esperávamos que essa variável não seria relevante para o abaixamento de nenhuma das duas vogais em estudo. Entretanto, ela foi selecionada pelo programa estatístico e apresentou o mesmo resultado para o abaixamento das vogais médias pretônicas, uma vez que os informantes com escolaridade superior a onze anos de estudo optaram por manter a vogal média alta (/e/ ou /o/), em vez de abaixá-la. Já os informantes com escolaridade entre zero e onze anos de estudo apresentaram resultados mais

significativos para o abaixamento de /e/ e de /o/ e, por isso, foram considerados favorecedores da regra na análise dessa variável.

Embora tenhamos encontrado muitas semelhanças entre as variáveis e os fatores selecionados como relevantes para a realização de [ɛ] e de [ɔ] na sílaba pretônica, também houve diferenças. Sobre o segmento seguinte à vogal média (/e/ ou /o/) pretônica analisada, por exemplo, o programa estatístico selecionou a variável modo de articulação para ambas as vogais, mas, se as consoantes nasais, as líquidas e o tepe seguintes favoreceram o abaixamento de /e/, apenas o tepe mostrou-se significativo para a realização de [ɔ] na posição pretônica.

Quanto ao contexto precedente, o modo e o ponto de articulação foram selecionados para a vogal /o/, sendo que, para o modo de articulação, as consoantes nasais e a pausa foram considerados os fatores favorecedores do abaixamento dessa vogal. Para o ponto de articulação, os fatores condicionadores do processo foram as consoantes pós-alveolares, as palatais e as labiodentais. Na análise da vogal /e/, apenas o modo de articulação do contexto precedente foi selecionado pelo *GoldVarb X* e apontou as consoantes líquidas como as únicas favorecedoras do abaixamento da vogal média frontal.

Outra diferença encontrada na análise dos resultados obtidos para /e/ e para /o/ foi na variável item lexical, que foi selecionada apenas para a vogal média frontal. Enquanto os adjetivos tiveram os índices mais significativos para o abaixamento de /e/ na sílaba pretônica, os advérbios desfavoreceram o processo para essa vogal.

Diante desses resultados, o Quadro 1, abaixo, retoma as variáveis independentes linguísticas selecionadas para cada uma das duas vogais analisadas e os contextos que favoreceram e que desfavoreceram o processo para /e/ e para /o/.

Variáveis analisadas	Abaixamento da vogal pretônica /e/	Abaixamento da vogal pretônica /o/
Contexto precedente (modo de articulação)	<u>Favorecem</u> : consoantes líquidas; <u>Desfavorecem</u> : a pausa e as consoantes fricativas;	<u>Favorecem</u> : consoantes nasais e a pausa; <u>Desfavorecem</u> : consoantes fricativas;
Contexto precedente (ponto de articulação)	Essa variável não foi selecionada pelo <i>GoldVarb X</i> para o abaixamento de /e/.	<u>Favorecem</u> : consoantes pós-alveolares, palatais e labiodentais; <u>Desfavorecem</u> : consoantes velares e labiais;

Contexto seguinte (modo de articulação)	<u>Favorecem</u> : consoantes nasais, líquidas e o tepe; <u>Desfavorecem</u> : consoantes africadas e fricativas;	<u>Favorecem</u> : o tepe e as consoantes líquidas; <u>Desfavorecem</u> : as consoantes nasais;
Contexto seguinte (ponto de articulação)	Essa variável não foi selecionada pelo <i>GoldVarb</i> X para o abaixamento de /e/.	Essa variável não foi selecionada pelo <i>GoldVarb</i> X para o abaixamento de /o/.
Altura da vogal da sílaba tônica	<u>Favorecem</u> : vogais médias baixas tônicas; <u>Desfavorecem</u> : vogais médias altas tônicas;	<u>Favorecem</u> : vogais médias baixas tônicas; <u>Desfavorecem</u> : vogais médias altas tônicas;
Qualidade da vogal da sílaba tônica	<u>Favorecem</u> : vogais nasais tônicas; <u>Desfavorecem</u> : vogais orais tônicas;	<u>Favorecem</u> : vogais nasais tônicas; <u>Desfavorecem</u> : vogais orais tônicas;
Distância da vogal média pretônica com relação à sílaba tônica	<u>Favorece</u> : distância zero; <u>Desfavorece</u> : distância de duas sílabas;	<u>Favorece</u> : distância zero; <u>Desfavorece</u> : distância de duas ou de mais de duas sílabas;
Distância da vogal média pretônica com relação ao início da palavra	Essa variável não foi selecionada pelo <i>GoldVarb</i> X para o abaixamento de /e/.	Essa variável não foi selecionada pelo <i>GoldVarb</i> X para o abaixamento de /o/.
Tipo de sílaba pretônica	<u>Favorecem</u> : sílabas pesadas; <u>Desfavorecem</u> : sílabas leves;	<u>Favorecem</u> : sílabas pesadas; <u>Desfavorecem</u> : sílabas leves;
Item lexical	<u>Favorecem</u> : adjetivos; <u>Desfavorecem</u> : advérbios;	Essa variável não foi selecionada pelo <i>GoldVarb</i> X para o abaixamento de /o/.
Sexo	<u>Favorecem</u> : informantes do sexo masculino; <u>Desfavorecem</u> : informantes do sexo feminino;	<u>Favorecem</u> : informantes do sexo masculino; <u>Desfavorecem</u> : informantes do sexo feminino;
Faixa etária	<u>Favorecem</u> : informantes com mais de 49 anos de idade;	<u>Favorecem</u> : informantes com mais de 49 anos de idade;

	<u>Desfavorecem</u> : informantes entre 15 e 25 anos de idade;	<u>Desfavorecem</u> : informantes entre 15 e 25 anos de idade;
Escolaridade	<u>Favorecem</u> : informantes entre 0 e 11 anos de estudo; <u>Desfavorecem</u> : informantes com mais de 11 anos de estudo.	<u>Favorecem</u> : informantes entre 0 e 11 anos de estudo; <u>Desfavorecem</u> : informantes com mais de 11 anos de estudo.

Quadro 1 - Resumo das variáveis linguísticas e extralinguísticas analisadas para o abaixamento de /e/ e de /o/ em Monte Carmelo-MG e dos fatores que favorecem e desfavorecem a aplicação da regra

E, por fim, acreditamos que essa pesquisa vai enriquecer o banco de dados que estamos construindo da região do Triângulo Mineiro, além de contribuir para a história linguística de Monte Carmelo-MG. Esperamos que esse estudo sirva de motivação para outros pesquisadores e que possa ser somado, sobretudo, para a ampliação dos estudos fonético-fonológicos do Português Brasileiro.

7 REFERÊNCIAS

BATTISTI, E.; VIEIRA, M. J. B. O sistema vocálico do português. In: BISOL, L. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 171-206.

BISOL, L. **Harmonização Vocálica**: uma regra variável. 1981. 335 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

_____. O alçamento sem motivação aparente. In: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (Orgs.). **Português do sul do Brasil**: variação fonológica. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. 184 p.

CALLOU, D.; LEITE, Y.; MORAES, J. O Vocalismo do Português do Brasil. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 27-40, jun. 1996.

_____. A elevação das vogais pretônicas no português do Brasil: processo (s) de variação estável. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 37, n. 1, p. 9-24, mar. 2002.

CÂMARA JR., J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 38. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

CHOMSKY, N.; HALLE, M. **The Sound Pattern of English**. New York: Harper e Row, 1968.

CLEMENTS, G. N. The Geometry of phonological features. **Phonology Yearbook**. London: [s.n.], n. 2, p. 225-252, 1985.

_____. A unified set of features for consonants and vowels. [S.l.], Cornell University, 1989a (ms.).

_____. **On the Representation of Vowel Height**. [S.l.], Cornell University, 1989b (ms.).

_____. Place of articulation in consonants and vowels: a unified theory. **Working Papers of the Cornell Phonetics Laboratory**, [S.l.], n. 5, p. 37-76, 77-123, 1991.

_____. ; HUME, E. V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. (Org.) **The Handbook of Phonological Theory**. London: Blackwell, 1995. p. 245-306.

DIAS, M. R. **A variação das vogais médias pretônicas no falar dos mineiros de Piranga e de Ouro Branco**. 2008. 296 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

FREITAG, R. M. Ko.; MITTMANN, M. M. **GoldVarb 2001**: Comandos e recursos da ferramenta computacional na análise de regras variáveis. In: SEMANA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UFSC, 5., set. 2005, Universidade Federal de Santa Catarina: [S.l.], 2005. 34 p.

FREITAS, S. N. de. **As vogais médias pretônicas no falar da cidade de Bragança**. 2001. 125 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, Belém, 2001.

GRAEBIN, G. de S. **A fala de Formosa/GO: a pronúncia das vogais médias pretônicas**. 2008. 243 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

GUY, G. R. ; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa** - instrumental de análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. 239 p.

HAUSER, M. D.; CHOMSKY, N.; FITCH, W.T. 2002. **The faculty of language: what is it, who has it, and how did it evolve?** Science, v. 298, 1569-1579.

LABOV, W. **The social stratification of English in New York City**. Arlington: Center for Applied Linguistics, 1966.

_____. Contraction, deletion, and inherent variability of the English copula. **Language**, Baltimore: MD. v. 45, n. 4, p. 715-762, 1969.

_____. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre; Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 391 p.

LEE, S. H. Sobre as vogais pretônicas no Português Brasileiro. **Revista Estudos Linguísticos** XXXV, p. 166-175, 2006.

_____; OLIVEIRA, M.A. Variação linguística, teoria fonológica e difusão lexical. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA DA AMÉRICA LATINA – ALFAL, 15, 2008, Montevideu. **Resumos...** Montevideu: [ALFAL], ago. 2008. CD-Rom.

MATZENAUER, C. L. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, L. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 11-81.

MONARETTO, V. N. O.; QUEDNAU, L.R.; HORA, D. da. As consoantes do português. In: BISOL, L. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 207-241.

REZENDE, F. A.; MAGALHÃES, J. S. de. O sistema vocálico pretônico do Triângulo Mineiro – enfoque sobre as cidades de Coromandel e Monte Carmelo. **Revista Horizonte Científico**, v. 5, n. 2, 2011. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/view/7268>, Acessado em: 19 dez. 2012.

SCHWINDT, L. C. da S. **A harmonia vocálica em dialetos do sul do país: uma análise variacionista**. 1995. 78 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

SILVA, A. M. **Guia para normalização de trabalhos técnico-científicos**: projetos de pesquisa, trabalhos acadêmicos, dissertações e teses / Angela Maria Silva, Maria Salete de Freitas Pinheiro, Maira Nani França. 5. ed. rev. e ampl. Uberlândia: UFU, 2006. 145 p.

SILVA, G. M. de O. Coleta de dados. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007, p. 117-133.

SILVA, A. do N. **As pretônicas no falar teresinense**. 2009. 236 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

TARALLO, F. **A Pesquisa Sociolinguística**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1994. 96 p. (Série Princípios)

TEYSSIER, P. **História da Língua Portuguesa**. 3. ed. Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIANA, V. F. **As vogais médias pretônicas em Pará de Minas**: um caso de variação linguística. 2008. 146 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

VIEGAS, M. C. **Alçamento de vogais médias pretônicas**: uma abordagem sociolinguística. 1987. 231 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

WETZELS, L. Harmonia vocálica, truncamento, abaixamento e neutralização no sistema verbal do português: uma análise autosegmental. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 21, p. 25-58, jul./dez.1991.

ANEXOS

ANEXO 1:

ROTEIRO DE PERGUNTAS

A) Origem e habitação

1. O que você acha de morar em Monte Carmelo? Do que você mais gosta aqui?
2. Conte um pouco da história de sua cidade, como ela era e como ela é hoje.
3. Você vê diferenças na cidade desde o tempo que você era criança até os dias atuais? Quais?
4. O que você nota de diferente entre Monte Carmelo e outras cidades que você conhece?
5. Conte uma experiência inesquecível (boa) que você já teve nesta cidade.
6. Agora, conte uma experiência inesquecível (ruim) que você já teve nesta cidade.
7. O que você acha da administração da cidade? Como você vê serviços públicos como a educação e a saúde no município?
8. O que você acha que falta para Monte Carmelo ser uma cidade melhor?
9. Em sua opinião, o que deveria ser prioridade em Monte Carmelo no próximo governo?

B) Infância

1. Você sente falta da sua infância? Do que você mais tem saudade?
2. Conte uma história inesquecível de sua infância.
3. Como eram e quais eram as brincadeiras de que você gostava?
4. Você acha que foi uma criança muito levada? Por quê?
5. Quando você era criança o que te levava a brigar? Conte uma briga da infância que você nunca esqueceu.
6. Conte uma festa inesquecível de sua infância.
7. Fale de alguma travessura que você fez quando era criança e lembra até hoje.
8. Você acha que a infância das crianças dos dias atuais é muito diferente da sua infância? Por quê?

C) Escola

1. Fale de alguma lembrança dos tempos em que você estudava na escola no primário.
2. Algum de seus professores marcou profundamente a sua vida escolar? Fale de algo que esse professor fez que deixou marcas.
3. De qual matéria você mais gostava na escola? Por quê? E a que você menos gostava?
4. Você pretende voltar a estudar? Se sim, o que?

5. Você parece ter tido muitos amigos no tempo de escola. Conte para nós uma história de amizade que você nunca esqueceu.
5. Hoje em dia você tem algum contato com seus amigos de infância? Onde eles estão?
6. Conte algum fato engraçado de sua época de escola.
7. O que você sente ao falar de sua infância? Por quê?
8. Se você pudesse, gostaria de voltar aos tempos de escola? Por quê?
9. O que você acha melhor: os tempos de infância ou a vida de hoje?
10. Você teve algum (a) namoradinho (a) nos tempos de escola? Conte para nós um pouco disso?

D) Atividades profissionais

1. Você gosta do que faz? Por quê?
2. Você já trabalhou em uma profissão diferente? Por que mudou de profissão?
3. Você gostaria de ter outra profissão? Qual?
4. Dos empregos que você teve qual você mais gostou? Por quê?
5. Com quantos anos você começou a trabalhar? O que o fez começar tão cedo (ou tarde)?
6. Você acha que as pessoas deveriam começar trabalhar cedo ou deveriam estudar primeiro?
7. Você já esteve desempregado em alguma época de sua vida? Conte para nós como foi esse momento.
8. Você acha que é fácil ter um emprego hoje em dia?
9. E aqui em “nome da cidade”, é muito difícil conseguir um emprego? Por quê?
10. Como você vê a ascensão da mulher no mercado de trabalho?

E) Lazer

1. O que você costuma fazer nas horas vagas?
2. Como as pessoas costumam se divertir aqui?
3. Qual tipo de música você gosta de ouvir? Por quê?
4. Você tem algum cantor (a) favorito (a)? Qual?
5. Você se lembra de alguma viagem que marcou a sua vida? Conte para nós.
6. Se algum dia você ganhasse em uma promoção uma viagem para qualquer lugar do mundo e pudesse levar uma única pessoa, para onde você iria e quem você levaria? Por que iria a este lugar e por que levaria esta pessoa?
7. Qual tipo de programa de televisão você gosta de ver? Por quê? E qual você detesta? Por quê?

8. O que você acha que deveria passar na TV e não passa?
9. Você torce por algum time de futebol? Qual? Costuma assistir todos os jogos do seu time?
10. Você pratica ou gostaria de praticar algum esporte? Qual?
11. Você gosta de ler? Qual livro você gostou mais de ler? Por quê?
12. E filmes, há algum que você gostaria de assistir novamente? Qual? Por quê?
13. Você gosta de cozinhar? O que você mais gosta de fazer na cozinha?
14. Qual é o seu prato favorito? E o que você não gosta de comer de jeito nenhum?

F) Relacionamentos

1. Você tem namorado (a)? Como vocês se conheceram?
2. Você já teve outros (as) namorados (as)? Por que vocês se separaram?
3. Você está casado há quanto tempo?
4. Como você conheceu o seu (sua) esposo (a)?
5. Para você o casamento é indispensável na vida de uma pessoa? Por quê?
6. Como você vê a imagem da mulher na atual sociedade do Brasil?
7. Você é a favor ou contra o divórcio? Por quê?
8. Você já perdoou ou perdoaria uma traição?
9. O Brasil é um país com uma população de 40 % de negros. Em sua opinião existe muito preconceito aqui? Que outro tipo de preconceito existe por aqui? (contra a mulher, contra gays, preconceito religioso, etc.).
10. Você já presenciou ou sofreu preconceito racial ou social? Conte para nós.
11. Você parece ser uma pessoa que tem muitos amigos. Quem é o seu melhor amigo? Como e onde vocês se conheceram?
12. Você concorda com beijo entre dois homens ou entre duas mulheres em novelas? Por quê?

G) Perigo de vida

1. Você ou alguém da sua família já teve alguma doença grave? Qual foi essa doença e como vocês enfrentaram essa situação?
2. Você já esteve em alguma situação em que pensou que iria morrer? Conte para nós como foi isso.
3. Você tem medo da morte? Por quê?
4. Você já presenciou algum acidente sério? Como foi?
5. Se você soubesse que iria morrer amanhã o que você faria?

H) Religião

1. Qual a sua religião? Por que você escolheu seguir essa religião?
2. Há alguém da sua família que pertence à outra religião?
3. Você vai com frequência nas celebrações de sua igreja?
4. Você acredita em milagres? Por quê?
5. Você já presenciou algum milagre?
6. Você acredita que existe vida após a morte? Acredita na reencarnação?

I) Sobrenatural

1. Em alguma ocasião você já sentiu a presença de algo que não parecia real? Conte como foi isso.
2. Havia algum lugar aonde você não ia ou não tinha coragem de ir quando criança? Por quê?
3. Você já sentiu a sensação de estar fazendo algo que já foi feito antes, exatamente da mesma maneira? Como você explica isso?
4. Já aconteceu de alguma vez você (ou uma pessoa que você conhece) dizer ou sonhar com algo e depois isso vir a acontecer realmente? Como foi?
5. Você acha possível adivinhar o futuro lendo cartas, bolas de cristal ou as linhas da mão? O que você pensa das pessoas que fazem isso?
6. Para você, o que é anjo da guarda?
7. Você acha que uma pessoa pode estar acompanhada de um espírito mau?
8. Você acredita em discos-voadores? Por quê?
9. Você já viu ou conhece alguém que tenha visto um disco-voador? Conte como foi isso.
10. Você acredita ou já viu um ET?

J) Aspirações

1. Se você ganhasse sozinho o prêmio da Mega Sena, o que você faria?
2. Você acha que o dinheiro traz felicidade?
3. Qual é o maior sonho de sua vida?
4. Se algum dia você encontra-se uma lâmpada mágica igual a do Aladim e tivesse direito a três pedidos, o que você pediria ao gênio da lâmpada?
5. Se você tivesse a oportunidade de governar Monte Carmelo ou até mesmo o Brasil, o que você gostaria de fazer por você e pela população?

ANEXO 2: CÓDIGO PARA A CODIFICAÇÃO DOS DADOS

VARIÁVEIS DEPENDENTES: /e/ e /o/

VARIANTES: [ɛ] e [ɔ]

Para a realização de /e/:	m/e/lhor	1
Para a realização de /ɛ/:	m/ɛ/lhor	2
Para a realização de /o/:	c/o/lega	3
Para a realização de /ɔ/:	c/ɔ/lega	4

VARIÁVEIS INDEPENDENTES

- VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

1. CONTEXTO PRECEDENTE

consoante ([m]enor; es[k]olaridade) k
vogal (r[e]eleito; v[i]olência) v
pausa (#elenco; #olhar) p

2. ESPECIFICAÇÃO DO CONTEXTO PRECEDENTE (MODO)

nasal ([m]elhor; [n]ovela) n
oclusiva ([p]eroba; [k]ortar) o
fricativa ([s]erâmica; [ʒ]ogar) f
líquidas ([x]elegião; [l]ocal) l
pausa (#elenco; #olhar) p
tepe (escu[r]ecer) t
vogal baixa (/a/) v
vogal média-baixa (/ɛ, ɔ/) w
vogal média-alta (r[e]eleito) g
vogal alta (v[i]olência) h

3. ESPECIFICAÇÃO DO CONTEXTO PRECEDENTE (PONTO)

velares ([x]eceber; [k]oração) r

alveolar ([d]efende; [t]omada)	e
labiais ([p]eroba; [b]olada)	b
palatal (co[n]ecimento; me[ʎ]orar)	d
pausa (#evangélica; #operou)	p
labiodentais (di[f]erente; in[v]ocado)	s
pós-alveolares ([ʒ]esus; [ʃ]ocada)	j
vogal baixa (/a/)	v
vogal média-baixa (/ɛ, ɔ/)	w
vogal média-alta (r[e]leito)	g
vogal alta (pr[i]oridade)	h

4. CONTEXTO SEGUINTE

consoante (re[s]posta; pro[m]essa)	k
vogal (re[a]lizar; re[e]leito)	v

5. ESPECIFICAÇÃO DO CONTEXTO SEGUINTE (MODO)

nasal (ave[n]ida; mo[m]ento)	n
oclusivos (de[p]ressão; pro[b]lema)	o
fricativos (re[v]er; atro[f]iado)	f
líquidas (me[ʎ]ora; co[l]ega)	l
tepe (pode[r]ia; o[r]ação)	t
africadas (acre[dʒ]itar; me[dʒ]icina)	a
vogal baixa (ide[a]l; abenço[a]do)	v
vogal média-baixa (core[ɔ]grafa)	w
vogal média-alta (re[e]leito)	g
vogal alta (ve[i]culo)	h

6. ESPECIFICAÇÃO DO CONTEXTO SEGUINTE (PONTO)

velar (ne[g]ócio; to[k]ar)	r
alveolares (deze[s]eis; go[s]tar)	e
labial (de[b]ater; co[m]unitário)	b
palatal (acre[dʒ]itar; o[ʎ]ada)	d
labiodentais (e[l]evado; pro[f]essor)	s
pós-alveolares (fe[ʃ]ado)	j

vogal baixa (re[a]l; abenço[a]do) v

vogal média-baixa (core[ɔ]grafa) w

vogal média-alta (re[e]leito) g

vogal alta (ve[i]culo) h

7. ALTURA DA VOGAL DA SÍLABA TÔNICA

altas /i, u/ (acred[i]to; Jes[u]s) a

médias-altas /e, o/ (conhec[e]r; gost[o]so) m

médias-baixas /ɛ, ɔ/ (rem[ɛ]dio; rel[ɔ]gio) y

baixa /a/ (deleg[a]do) b

8. POSIÇÃO ARTICULATÓRIA DA VOGAL DA SÍLABA TÔNICA

frontais /ɛ, e, i/ q

central /a/ c

posteriores /ɔ, o, u/ p

9. QUALIDADE DA VOGAL DA SÍLABA TÔNICA

oral (proc[ɛ]sso) o

nasal (oraç[ẽ]o) n

10. DISTÂNCIA DA VOGAL MÉDIA PRETÔNICA COM RELAÇÃO À SÍLABA TÔNICA

Distância zero (remédio; costura) 0

Distância de uma sílaba (evangélica; cochilar) 1

Distância de duas sílabas (precisaria; movimentado) 2

Distância de mais de duas sílabas (recuperação; possibilidade) 3

11. DISTÂNCIA DA VOGAL MÉDIA PRETÔNICA COM RELAÇÃO AO INÍCIO DA PALAVRA

Distância zero (#Jesus; #oração) 0

Distância de uma sílaba (leucemia; melhorar) 1

Distância de duas sílabas (acontecer) 2

Distância de mais de duas sílabas (aposentadoria) 3

12. TIPO DE SÍLABA PRETÔNICA

leves: V (orar), CV (cobrança), CCV (prefeitura) v

pesadas: VC (hospital); CVC (gostar) c

13. ITEM LEXICAL

substantivo (pessoa; local) s

verbo (levar; prometer) v

adjetivo (diferente; invocado) a

pronome (você; comigo) p

numeral (sessenta; dezesseis) n

advérbio (depois) b

conjunção (entretanto; portanto) j

- **VARIÁVEIS EXTRALINGUÍSTICAS**

1. SEXO

Masculino..... m

Feminino..... f

2. IDADE

Entre 15 e 25 anos de idade..... j

Entre 26 e 49 anos de idade..... a

Com mais de 49 anos de idade..... e

3. ESCOLARIDADE

Entre 0 e 11 anos de estudo (ensinos primário; fundamental e médio) p

Com mais de 11 anos de estudo (ensino superior) s